

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

THEMIS CRISTINA LOBATO DE LIMA

PLANETA ÁFRICA:
Práticas Artísticas para uma Educação Antirracista

BELO HORIZONTE / MINAS GERAIS

THEMIS CRISTINA LOBATO DE LIMA

PLANETA ÁFRICA:

Práticas Artísticas para uma Educação Antirracista

Dissertação apresentada ao Programa de **Pós-graduação de Mestrado Profissional em Educação e Docência** da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação e Docência.

Linha de pesquisa: Infâncias e Educação Infantil

Orientador: Prof. Dr. Rogério Correia

Coorientadora: Profa. Dra. Telma Borges

BELO HORIZONTE / MINAS GERAIS

NOVEMBRO/2022

L732p
T

Lima, Themis Cristina Lobato de
Planeta África [manuscrito] : práticas artísticas para uma educação antirracista /
Themis Cristina Lobato de Lima. - Belo Horizonte, 2022.
164 f.: enc., il.
Inclui bibliografia.

Dissertação -- (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de
Educação.

Orientador: Rogério Correia da Silva.

Orientadora: Telma Borges da Silva.

1. Educação -- Teses. 2. Professores - Formação -- Teses. 3. Educação de
crianças -- Teses. 4. Artes - Estudo e ensino -- Teses. 5. Brasil. [Lei n. 10.639, de 09
de janeiro de 2003] -- Teses. 6. Antirracismo -- Teses.

I. Silva, Rogério Correia da. II. Silva, Telma Borges da. III. Título. IV. Universidade
Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 155.423

Catálogo da Fonte : Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)

Bibliotecário: Ivaney Duarte. CRB6 2409

Atenção: É proibida a alteração no conteúdo, na forma e na diagramação gráfica da ficha catalográfica.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E
DOCÊNCIA/MP

UFMG

ATA DA DEFESA DA DISSERTAÇÃO DA ALUNA

1. THEMIS CRISTINA LOBATO DE LIMA

Realizou-se, no dia 18 de novembro de 2022, às 14:00 horas, Sala 5102, Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, a 363ª defesa de dissertação, intitulada *Planeta África, Práticas Artísticas para uma Educação Antirracista*, apresentada por THEMIS CRISTINA LOBATO DE LIMA, número de registro 2020666035, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA, à seguinte Comissão Examinadora: Prof(a). Rogério Correia da Silva - Orientador (UFMG), Prof(a). Telma Borges da Silva, co-orientadora (UFMG), Prof(a). Tania Aretuza Ambrizi Gebara (UFMG), Prof(a). Rosvita Kolb Bernardes (UFMG).

A Comissão considerou a dissertação:

(X) Aprovada

() Reprovada

() Aprovada com indicação de correções

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 18 de novembro de 2022.

Prof(a). Rogério Correia da Silva- orientador (Doutor)

Prof(a). Telma Borges da Silva (Doutora)

Profa. Dra. Tania Aretuza Ambrizi Gebara

Prof(a). Tânia Aretuza Ambrizi Gebara (Doutora)

Prof(a). Rosvita Kolb Bernardes (Doutora)

DEDICATÓRIA

O caminho aqui traçado
não existiria sem você!

À Gracinha do Piriá!

RESUMO

Esta pesquisa consistiu na criação e na análise de uma formação continuada de professores da educação infantil voltada para os princípios de uma educação antirracista, por intermédio do ensino artístico. Foi realizada com 22 docentes de uma escola municipal de Educação Infantil de Belo Horizonte, a EMEI “Carlos Prates”, e com seus 15 alunos de 4 e 5 anos de idade, utilizando como uma de suas bases metodológicas a abordagem triangular de Ana Mae Barbosa (2007), proposta para o ensino da arte-educação (contexto, fazer, apreciação), unificando as técnicas de ensino realizadas em instituições de educação informal com as da educação formal. O resultado desta pesquisa qualitativa gerou como produto pedagógico uma exposição de arte-educação, interativa, para o público infantil. Sua mediação demonstrou a outros educadores como usufruir das artes na prática de uma educação antirracista e, conseqüentemente, a como fortalecer o cumprimento da lei nº 10.639/2003 em sua instituição.

Palavras-chave: Educação Infantil; Ensino da Arte; Formação de Professores; Lei nº 10639/2003.

ABSTRACT

This research consisted in the creation and analysis of a continuing education for early childhood education teachers, focused on the principles of an anti-racist education, through artistic teaching. It was carried out with the 22 employees of a municipal school for Early Childhood Education in Belo Horizonte, EMEI “Carlos Prates”, and with 15 its 4 and 5-year-old students, using as one of its methodological bases the triangular approach of Ana Mae Barbosa (2007), proposal for the teaching of art education (context, doing, appreciation), unifying the teaching techniques carried out in informal education institutions with school formality. The result of this qualitative research generated an interactive art-education exhibition for children as a pedagogical product. His mediation showed other educators how to enjoy the arts in the practice of an anti-racist education and, consequently, how to strengthen compliance with law number: 10.639/2003 in their institution.

Keywords: Early Childhood Education; Art Teaching; Teacher training; Law nº. 10639/2003.

LISTA DE IMAGENS

<i>Figura 1 - Dona Coruja e Obra Pregação - Lenora de Barros</i>	13
<i>Figura 2 - Projeto Ouço, Crio e Recrio</i>	17
<i>Figura 3 - Placa da Instituição EMEI "Carlos Prates", Antiga UMEI</i>	30
<i>Figura 4 - A Pequena Pilar Experimentando seu Binóculo</i>	42
<i>Figura 5 - Palhaça Jacubira e Obra Palhaço Criança - Artista Nilo Zack</i>	44
<i>Figura 6 - Caçando Sacy na Exposição #Ocupasacy, 2019</i>	46
<i>Figura 7 - Roda de Conversa Exposição Cartografia Imaginária</i>	47
<i>Figura 8 - Exposição "Carlos Vergara viajante: experiências de São Miguel das Missões"</i>	48
<i>Figura 9 - Instalação Silo – Nydia Negromonte</i>	49
<i>Figura 10 - Exposição Cartografia Imaginária</i>	49
<i>Figura 11 – Exposição Palavra Viva/2018</i>	50
<i>Figura 12 - Ateliê de performance: Ação de Desenhar o Que Resta, 2015</i>	51
<i>Figura 13 - Ateliê da Exposição Barroco Brasil - Itália, 2014</i>	52
<i>Figura 14 - Pietro Criou o Santo do Dinheiro no Ateliê, 2014</i>	53
<i>Figura 15 - Dieli Tocando sua Kora, Painel Confeccionado pela EMEI "Carlos Prates"</i>	55
<i>Figura 16 - Nana Benz em Togo por um Fotógrafo Desconhecido, por volta de 1970</i>	57
<i>Figura 17 - Você Sai, eu Saio. Tecido Ankara Vlisco Holanda</i>	59
<i>Figura 18 - Speed Bird. Tecido Ankara Vlisco Holanda</i>	60
<i>Figura 19 - Nsubra, Tecido Ankara</i>	61
<i>Figura 20 - Angelina – Tecido Dashiki</i>	62
<i>Figura 21 - Rei Ashante de Gana & povos Wodaabe de Níger</i>	64
<i>Figura 22 - Guerreiros Massai & Nobre Tuaregue</i>	64
<i>Figura 23 - Confeção de Tecido Adinkra</i>	65
<i>Figura 24 - Carimbo de Cabaça Adinkra</i>	67
<i>Figura 25 - Mulheres Yorubas e Artesão Nigeriano, Confeccionadores de Tecidos Adire</i>	68
<i>Figura 26 - Tecidos Bogolan Expostos para Secagem</i>	69
<i>Figura 27 - Convite Criado pela EMEI "Carlos Prates"</i>	73
<i>Figura 28 - EMEI "Carlos" Prates com Painéis Pintados pelas Professoras da Instituição</i>	75
<i>Figura 29 - Painel Criado pelas Professoras da EMEI "Carlos Prates"</i>	76
<i>Figura 30 - Projeto Planeta África – Mesa com Materiais de Apoio</i>	77
<i>Figura 31 - Projeto Planeta África – Tecidos Wax</i>	78
<i>Figura 32 - Projeto Planeta África – Materiais de Apoio para a Composição de Figurino</i>	79

<i>Figura 33 - Projeto Planeta África – Materiais de Apoio para a Confeção de Bogolan</i>	80
<i>Figura 34 - Formação de Professoras Planeta África</i>	80
<i>Figura 35 - Confeção de Tecido Bogolan</i>	81
<i>Figura 36 - Projeto Planeta África – Materiais de Apoio para a Composição Adire</i>	82
<i>Figura 37 - Formação de Professoras na Prática de Tingimento Adire</i>	83
<i>Figura 38 - Material de Apoio para Composição Adinkra: Carimbos e Tecidos</i>	83
<i>Figura 39 - Pintura de Linhas com o Auxílio de Garfos para Confeção de Tecido Adinkra</i>	84
<i>Figura 40 - Abertura do Projeto Planeta África por Themis Lobato</i>	85
<i>Figura 41 - Tranças Nagô</i>	87
<i>Figura 42 - Professora Trançando as demais Participantes durante o Projeto</i>	89
<i>Figura 43 - Trança Nagô Finalizada</i>	90
<i>Figura 44 - Ministrante Themis Lobato: Treinando a Maternidade</i>	91
<i>Figura 45 - Professoras Confeccionando Trajes Inspirados na Cultura Africana</i>	94
<i>Figura 46 - Vestuários Criados pelas Professoras no Projeto Planeta África</i>	94
<i>Figura 47 - Professora EMEI "Carlos Prates", agora em Versão Rainha Queniana</i>	95
<i>Figura 48 - Professora EMEI "Carlos Prates", agora em Versão Princesa do Quênia</i>	96
<i>Figura 49 - Professora EMEI "Carlos Prates", agora em Versão Rainha de Gana</i>	97
<i>Figura 50 - Professora EMEI "Carlos Prates", agora em Versão Guerreira Massai</i>	98
<i>Figura 51 - Professora Usando o Tecido Wax para Confeccionar um Turbante</i>	99
<i>Figura 52 - Etapa de Enrolar o Tecido para Tingimento Adire</i>	100
<i>Figura 53 - Etapa de Amarração para Tingimento Adire</i>	100
<i>Figura 54 - Etapa de Mergulhar os Tecidos em uma Bacia com Pigmento Índigo</i>	101
<i>Figura 55 - Professoras Estendendo os Tecidos após Tingimento</i>	101
<i>Figura 56 - Resultado do Tingimento com a Técnica Adire</i>	102
<i>Figura 57 - Preparação da Tinta de Lama, Técnica Bogolan</i>	103
<i>Figura 58 - Aplicação da Tinta de Lama sobre Estêncil, Técnica Bogolan</i>	104
<i>Figura 59 - Retirada do Estêncil para Secagem, Técnica Bogolan</i>	104
<i>Figura 60 - Resultado da Utilização da Técnica Bogolan</i>	105
<i>Figura 61 - Apresentação dos Resultados da Técnica Bogolan</i>	106
<i>Figura 62 - Carimbo Adinkra</i>	107
<i>Figura 63 - Pintura e Aplicação para Confeção de Tecido Adinkra: Carimbo</i>	107
<i>Figura 64 - Pintura e Aplicação para Confeção de Tecido Adinkra, Carimbo</i>	108
<i>Figura 65 - Professora Apresentando sua Criação Utilizando a Técnica Adinkra</i>	109
<i>Figura 66 - Professora Organizando a Exposição dos Tecidos Confeccionados</i>	110

<i>Figura 67 - Projeto Planeta África com as Professoras da EMEI "Carlos Prates"</i>	114
<i>Figura 68 - Escultura Griot, de Wellington Dias</i>	116
<i>Figura 69 - Escultura Xamã, de Wellington Dias</i>	118
<i>Figura 70 - Detalhes do Jardim Mandala</i>	119
<i>Figura 71 - Guardiões na Entrada do Jardim</i>	119
<i>Figura 72 - Tecidos Bogolan Confeccionados pelas Professoras da EMEI "Carlos Prates"</i>	120
<i>Figura 73 - Tecido Adire confeccionado pelas Professoras da EMEI "Carlos Prates"</i>	121
<i>Figura 74 - Montagem dos Tecidos Adinkra</i>	122
<i>Figura 75 - Sala de Aula</i>	123
<i>Figura 76 - Maloca</i>	124
<i>Figura 77 - Banner Adinkra sob Análise</i>	125
<i>Figura 78 - Oh! Abre a Roda Tindolelê</i>	126
<i>Figura 79 - Dividir pra Multiplicar</i>	127
<i>Figura 80 - Desenhando o Continente Africano</i>	128
<i>Figura 81 - Entrando no Jardim Mandala</i>	129
<i>Figura 82 - Sentindo as Novas Texturas</i>	130
<i>Figura 83 - A tentativa de Comentar sobre Adire Virou um Grande Abraço</i>	131
<i>Figura 84 - Olhos Atentos ao Nobre Tuaregue</i>	132
<i>Figura 85 - Uma Princesa Diferente, ou Melhor, Duas Princesas</i>	132
<i>Figura 86 - Tentando Fazer</i>	133
<i>Figura 87 - Mostrando como se Faz</i>	134
<i>Figura 88 - Narração da História "A tromba do Elefantinho"</i>	135
<i>Figura 89 - Decifrando os Símbolos dos Tecidos</i>	136
<i>Figura 90 - Inventando Significados para os Símbolos</i>	136
<i>Figura 91 - Apreciando a Técnica Bogolan</i>	137
<i>Figura 92 - Pontilhismo Enlameado</i>	138
<i>Figura 93 - Expressionismo Lamaçal</i>	139
<i>Figura 94 - Alunos da EMEI "Carlos Prates"</i>	140
<i>Figura 95 - Pesquisa de Opinião: Quem Gostou Levanta o Pé</i>	141

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - PALAVRAS-CHAVE	25
TABELA 2 - QUESTIONÁRIO DE ACEITAÇÃO PARA PARTICIPAÇÃO NO PROJETO PLANETA ÁFRICA	35
TABELA 3 - GÊNERO DO PARTICIPANTE	36
TABELA 4 - ESCOLARIDADE DAS PARTICIPANTES	37
TABELA 5 - INTERESSE DE CONHECIMENTO SOBRE QUESTÕES RACIAIS	37
TABELA 6- CONHECIMENTO DA LEI Nº 10.639/2003	38
TABELA 7 - APLICAÇÃO NA ESCOLA DA LEI Nº 10.639/2003	38
TABELA 8 - PARTICIPAÇÃO EM FORMAÇÕES ANTERIORES COM O TEMA RELAÇÃO ÉTNICO RACIAL	40
TABELA 9 - HÁBITO DE VISITAR EXPOSIÇÕES	41

SUMÁRIO

1 MEMORIAL	13
2 INTRODUÇÃO	20
3 DIÁLOGO TEÓRICO-METODOLÓGICO	26
3.1 Metodologia	27
3.2 EMEI "Carlos Prates"	30
3.3 Diagnóstico Escolar e as Dificuldades Devido à COVID-19	31
3.4 Questionário	35
4 FORMAÇÃO DAS PROFESSORAS	42
4.1 O Papel do Arte-educador de Espaços Informais	42
4.2 Tudo é História na África – Contexto e Apreciação na Triangulação	54
4.2.1 Dieli	55
4.2.2 Nana Benz	57
4.2.3 Adinkra	65
4.2.4 O Adire e o Índigo	67
4.2.5 Bogolan	69
4.2.6 A Pesquisa com os Materiais	70
5 ENCONTRO COM AS PROFESSORAS	73
5.1 Ateliê: Espaço	75
5.2 Ateliê: Materiais e Materialidade	77
5.2.1 Mesa 1: Materiais de Apoio	77
5.2.2 Mesa 2: Tecidos <i>Wax</i>	78
5.2.3 Mesa 3: Técnica Bogolan	80
5.2.4 Mesa 4: Técnica Adire	82
5.2.5 Mesa 5: Técnica Adinkra	83
5.3 Experimentação - o Fazer na Triangulação	84
5.3.1 Experimentação com Tecidos <i>Wax</i>	93
5.3.2 Experimentação na Composição Adire	100
5.3.3 Experimentação na Composição Bogolan	103
5.3.4 Experimentação com Carimbos Adinkra	106
5.4 Depoimentos das Professoras	112
6 RECURSO EDUCACIONAL – EXPOSIÇÃO PLANETA ÁFRICA	116
6.1 Espaço: Jardim Mandala	117
6.2 Montagem Expositiva	121

6.3 Visitando o Planeta África	126
7 CONCLUSÃO	142
8 BIBLIOGRAFIA	144
9 ANEXOS	150
Parecer do Colegiado	150
Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento (TCLE)	153
Termo de Autorização de Imagem	156
Termo de Anuência para Pesquisa – SMED	157
Questionário	158
Permissão ao Direito de Uso das Fotografias	165
Símbolos Adinkras	166

1 MEMORIAL

Figura 1 – Dona Coruja e Obra Pregação - Lenora de Barros



Fonte: Acervo pessoal.¹

Eu, como mulher negra, escrevo com palavras que descrevem minha realidade, não com palavras que descrevam a realidade de um erudito branco, pois escrevemos de lugares diferentes. [...] coloco meu discurso dentro da minha própria realidade. O discurso das intelectuais negras surge, então, frequentemente como um discurso lírico e teórico que transgride a linguagem do academicismo clássico. (KILOMBA, 2019, p. 58).

Sou Themis Lobato, artista, negra, paraense de nascimento e brasiliense de má-criação. Filha de um casamento interracial (mãe branca e pai negro), a caçula de uma leva de três.² Minha matriarca também paraense, era oriunda das casas de palafitas em Curralinho/PA; foi batizada

¹ Detalhe da obra/performance “Pregação” de Lenora de Barros, realizada na exposição Palavra Viva, na extinta galeria GTO, no Sesc Palladium (BH). Exposição que convidou diversos artistas para mostrarem um panorama da poesia visual brasileira. Personagem caracterizada, Dona Coruja, para recepcionar grupos de estudantes da EMEI ainda não alfabetizados.

² Refiro somente aos meus irmãos que possuem o mesmo pai e a mesma mãe, só para reduzir a história.

com nome abençoado de Maria das Graças, mas era conhecida como Gracinha do Piriá: uma loira de olhos verdes entre os caboclos. Guerreira, saiu do meio dessa floresta nos anos 70 para buscar, na capital da esperança, Brasília, um futuro melhor. Sua aura abençoada atraiu ajuda na capital federal para fixar residência, e como gratidão me batizou com o mesmo nome da filha de seu apoiador. Ela é Themis³ Regina, eu sou Themis Cristina; a geração de nomes duplos; quase uma obrigatoriedade nas famílias da época. Na nova cidade, Gracinha estudou direito e se tornou advogada na Caixa Econômica Federal até sua aposentadoria.

Do lado paterno: negro, neto de mulher escravizada, originário de Pernambuco, mas criado no Rio de Janeiro, Carlos Alberto, o Beto, foi para Brasília apenas com seu violão, também na década de 70. No cerrado, adentrou no mundo das artes cênicas, mas preferiu seguir o caminho da contabilidade e ingressou no funcionalismo público no Senado Federal até sua aposentadoria.

Essas são as versões que sempre ouvi de meus pais. Ambos não gostavam de comentar sobre o passado. A carreira dos dois me permitiu ter uma infância confortável, de classe média. Foram um casal por 8 anos, tempo suficiente para que eu comemorasse o divórcio. Na partilha, me tornei responsável materna, enquanto meus dois irmãos mais velhos, George e Tatiana, foram morar com meu pai.

No apartamento, agora vazio, com minha mãe trabalhando o dia inteiro, foi preciso trazer de Belém, minha avó-materna, Georgina, mais conhecida como a velha Mulatinha. Foi assim denominada por ser considerada a mais escura de sua família. Mesmo sendo, para mim, uma das pessoas mais brancas que já vi. E apesar de ser criada pela parte branca dessa união, as tradições e costumes indígenas originários do Pará sempre foram presentes para mim, principalmente na alimentação e nos remédios naturais.

Anos depois, meus irmãos não suportaram o alcoolismo e o comportamento abusivo de meu pai, e George voltou para o apartamento de minha mãe, enquanto Tatiana fugiu para Belém, onde cursou sociologia e morou com meus tios, irmãos de minha mãe. Dessa forma, minha mãe se tornou financeiramente responsável por todos os filhos, enquanto meu pai tinha outros interesses. Tenho absoluta certeza de que essa falta de suporte e exemplo de uma pessoa negra no âmbito familiar causou uma não apreciação à raça, mas nunca houve uma negação. O assunto negritude não era pauta nessa família, mas nem por isso ficamos livres de algumas situações constrangedoras. Minha mãe chegou a ser acusada de sequestro quando levou seus filhos, que são todos negros, ao parque. Essa desconfiança dos demais perante a minha

³ E eu que sempre pensei que o meu nome Themis, da deusa grega da justiça, era porque minha mãe era advogada.

maternidade me acompanhou a vida inteira, já que não havia a presença paterna para provar o contrário.

Na adolescência, após o falecimento da avó Mulatinha, minha mãe me matriculou em todos os tipos de atividades extraclases; temia que eu ficasse pela rua badernando. Foi quando comecei a estudar teatro, e desde então as artes viraram o meu foco. Iniciei minha trajetória artística profissional ao ingressar no curso de Artes Cênicas (1998) na Universidade de Brasília, cuja formação continuou pelo curso de Educação Musical na Faculdade Dulcina de Moraes (2005), ambas na capital federal. Prosseguiu com o estudo da Arte Cinematográfica na escola Livre de Cinema (2011) em Belo Horizonte e no curso de operação de câmera e edição de vídeo no SENAI (2013), no Rio de Janeiro. Sou uma nômade das artes.

Como artista, sempre almejei a construção de uma obra de arte completa⁴, como defendida pelo compositor alemão Richard Wagner⁵, em meados do século XIX, nas críticas às óperas da sua época. Esse conceito compreende a integração de diferentes expressões artísticas como: dança, canto, artes visuais, teatro, cinema, música congregadas para conceber uma única obra de arte. Esse pensamento de expandir o conhecimento a todas as vertentes artísticas foi o que sempre motivou meus estudos.

Bastante contraditório utilizar Wagner, uma referência totalmente eurocêntrica, em um trabalho intitulado **Planeta África**, que visa à descolonização da educação. Mas este capítulo refere-se à autora desta pesquisa e seu processo educativo, que não pretende negar que esteve completamente ao lado do opressor inconscientemente. Mesmo sendo de raça negra, convivi em sua maioria com pessoas brancas, devido à cidade em que me localizava: Brasília (anos 80) e a filiação de mulher branca; por isso a síndrome do negro único⁶ sempre me acompanhou. O referencial dos meus estudos foi a Europa, e por isso na época utilizava Richard Wagner para explicar meus estudos multiculturais.

Desde 1994, atuo em produções teatrais, operísticas e cinematográficas. A partir do ano de 2012, fui contratada para ser arte-educadora na exposição Caravaggio e seus seguidores, na Casa Fiat de Cultura, em Belo Horizonte. Observando a dinâmica do ofício de arte-educador, reconheci a importância de todas as áreas artísticas que estudei sendo colocadas em prática. Esse fator desde então norteou meu interesse profissional. Também trabalhei no Museu de Arte Moderna (MAM), no Rio de Janeiro, e, de 2015 até 2021, trabalhei como arte-educadora no

⁴ *Gesamtkunstwerk* - Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Gesamtkunstwerk>; acesso em 06/10/2022.

⁵ Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Richard_Wagner, acesso em 06/10/2022

⁶ Síndrome do negro único: quando há somente uma pessoa negra num dado espaço, trabalho e/ou escola considerada representante de toda uma comunidade, mascarando o racismo institucional.

Sesc Palladium, e no segundo semestre de 2021 no Palácio das Artes, ambos centros culturais em Belo Horizonte, Minas Gerais.

O emprego de arte-educadora em espaços não formais de educação ainda é recente no Brasil, apesar de o primeiro ateliê⁷ ser de 1948, no MASP. A formalização das funções desses profissionais varia de acordo com a instituição. No geral, o arte-educador é responsável por criar uma mediação dialógica entre o objeto em exposição e o espectador, situando a obra em sua época, seu criador, suas técnicas de concepção e a atualidade, auxiliando a plateia a criar conexões com as obras de arte e estimulando a experiência de ocupação dos lugares das cidades.

A maioria do público visitante nos centros culturais é de instituições escolares, as quais são recepcionadas por um ou dois mediadores. A complexidade desse trabalho é atrair a atenção de um público que preferiria não estar ali. Não me refiro aos professores, que sabem bem a importância de um espaço cultural, mas sim aos alunos que escolheriam estar em algum lugar mais livre e com menos regras. O desafio de proporcionar uma mediação artística para menores de 12 anos, durante essas visitas, é o que me motiva a trabalhar como arte-educadora.

Durante a mediação, o contexto a que se refere a obra exposta é apresentado pelo arte-educador, que conduz os visitantes a uma apreciação, de preferência livre de julgamentos. Em seguida, o público é convidado a tentar reproduzir artisticamente a sua própria leitura em um ateliê. Consciente ou não, o mediador aplica uma abordagem triangular, como defendida por Ana Mae Barbosa.

Segundo Barbosa (2007), a abordagem triangular se fundamenta em três pontos para a aprendizagem artística: o contexto, a apreciação e o fazer. Essa proposta demonstra diferentes caminhos metodológicos ao ensino das artes, elevando a importância da obra para além da admiração do adorno, de seu artista e de suas técnicas. Há, portanto, uma combinação desses conhecimentos intrínsecos citados com a construção cognitiva de uma análise mais crítica do processo e do produto. Tudo isso formulado em diálogo entre aluno e professor. A obra ultrapassa seus conceitos, cria uma relação com seu tempo e espaço, adquire uma conexão política e cultural com a estética apresentada perpassando pela observação e experimentação do fazer artístico como condutor da leitura da obra de arte. Há várias metodologias, tanto no Brasil quanto no exterior, que fundamentam as Pesquisas Educacionais Baseadas nas Artes (PEBA), e que interligam o artista com sua pesquisa e seu ensino. São metodologias que focam em qualidades estéticas e em processos de formulação associados a atividades artísticas,

⁷ Ateliê - estúdio ou local de trabalho de artistas em geral. <https://michaelis.uol.com.br/>. Acesso 19/12/2022

Carvalho (2017), como a nomeada de A/R/Tografia, por Rita Irwin, que se ajustam à minha forma de trabalhar e à abordagem triangular.

Figura 2 - Projeto Ouço, Crio e Recrio



Foto: Nando de Freitas– Acervo pessoal.⁸

No decorrer desses dez anos trabalhando com mediação artística, concentrei minhas ações pedagógicas em atividades para o público infantil, vinculando o aprendizado ao entretenimento. Santos (1987) determina que a criança aprende mais através da participação, da descoberta, e do estímulo à sua curiosidade natural. As propostas por mim apresentadas sempre buscaram instigar a investigação feita pelas crianças através de aparatos cênicos, como exemplificado na figura 1, durante a exposição "Palavra Viva" (2018), realizada na extinta galeria GTO, do Sesc Palladium. Na obra de arte "Pregação", a artista Lenora de Barros, durante uma performance, prega na parede a palavra silêncio, uma mostra artística de poesia concreta. Criei uma mediação para o público infantil ainda não alfabetizado, com uma dinâmica capaz de manter o interesse de quem ainda não possuía o domínio do assunto. Para isso, me

⁸ Projeto Ouço, Crio e Recrio – projeto de contação de história, com o conto africano “A Cabeça Falante”, do escritor Celso Sisto e como cenografia as esculturas “Árvores”, do artista José Bento.

caracterizei de coruja e com o auxílio de livros e materiais como etileno acetato de vinila (EVA). Minhas mediações sempre possuem uma concepção estética, com a preocupação de tornar atrativa a imagem visualizada, seja por meio de cenário, figurino, música, algo que auxilie a condução da imaginação a uma nova atmosfera, possibilitando uma experiência estética, como realizado na narração de história exibida na figura 2, com as árvores, esculturas de madeira do artista José Bento (Salvador/BA, 1962). Devido a isso, mantenho em casa um arsenal de tecidos, figurinos, adereços e objetos de cena. Conforme Lúcia Pimentel,

[p]ara se chegar à elaboração de formas originais de produção de obras artísticas é preciso haver conhecimento suficiente de possibilidades de feitura, repertório imagético de referência e disponibilidade à criação. O processo de construção do conhecimento em arte precisa ser significativo para o sujeito. Segundo Pimentel, essa “significação é tanto para @ autor@ quanto para quem vai vê-la” (PIMENTEL, 2013, p. 102).

O trabalho do arte-educador era comum apenas em espaços de exposição, como galerias e museus, mas, na última década, outros espaços, como cinemas e teatros, começaram a dispor também desse serviço. Devido a esse aumento da demanda, senti necessidade de aprimorar meus estudos para melhor fundamentar minha prática diária nos múltiplos projetos educacionais nos quais atuo. Para concretizar esse desejo, me matriculei em algumas disciplinas isoladas da Faculdade de Educação (FaE) e em seguida consegui ser aprovada no Mestrado Profissional em Educação e Docência, da Universidade Federal de Minas Gerais, com entrada em 2020.

Ingressei no mestrado profissional com o anseio inicial de desenvolver um trabalho de pesquisa de técnicas narrativas que auxiliassem professores da educação infantil em sala de aula. Mas, ao acompanhar as disciplinas obrigatórias, um novo interesse surgiu. Durante a disciplina “Sujeitos da Educação”, ministrada pelo professor Paulo Henrique de Queiroz Nogueira, me deparei com assuntos e situações que, apesar de estarem presentes no decorrer de toda a minha vida, nunca haviam sido estudados por mim. Refiro-me à negritude. Mais do que um simples ato de se declarar para o censo brasileiro, é um movimento de autoconhecimento. Dessa forma, somente aos 41 anos me tornei negra, como o título do livro de Neusa Santos Souza (1983). A partir dessa descoberta, novas disposições de aprendizado e de temática foram reformuladas para este mestrado. Inspirada pelo dito de Carolina de Jesus: “olhei minhas mãos negras, acariciei o meu nariz chato e o meu cabelo pixaim e decidi ficar como nasci” (JESUS, 2007, p. 165), conciliei meus estudos sobre afrodescendência com a prática de arte-educadora para reformular novas práticas artísticas educativas que auxiliassem professores da educação

infantil a uma educação antirracista, através da positivação da ancestralidade negra e assim se inicia essa pesquisa de mestrado chamado Planeta África. Uma pesquisa que traz à tona dois assuntos: cultura negra e educação, que no atual momento político estão sob ataques constantes de desvalorização em nosso país por parte do próprio governo eleito e de seus eleitores. De tal maneira que a sensação de fazer esse processo nesse cenário político se equipara a uma ação ativista.

2 INTRODUÇÃO

A consciência de ser colonizado dos brasileiros é titubeante, confusa e mal explicitada. Precisariamos de um decodificador cultural como Frantz Fanon para nos analisar, pois só alguém como ele, psicanalista, antropólogo e anticolonialista, daria conta de nossa conturbada personalidade colonizada. (BARBOSA, 2007, p. 30).

A epígrafe aponta o nível de dificuldade de trabalhar um assunto explícito em um país que renega a sua existência. Segundo dados do IBGE de 2020, o Brasil contabilizou a existência de 54% da população declarada negra e, mesmo sendo a maioria quantitativamente, é a mais prejudicada na vida escolar e social. Devido a essa diferença de raça, a população negra sofre diariamente retaliação por uma minoria branca, que detém o poder do sistema político-econômico, e se esforça para invalidar as questões raciais. Para reforçar esse infortúnio, há entre os oprimidos pessoas que amparam o sistema opressor. Toda essa estrutura priva a discussão racial, por isso a pauta racismo ainda é um tabu entre as instituições de educação, formais e informais. A inação de um posicionamento contrário às discriminações e/ou a falta de uma abordagem mais ativa, que traga à tona esse problema, permite(m) a reprodução de práticas racistas, seja pela falta de conhecimento de como abordar o assunto, seja pela negação da discriminação, o que é denominado como mito da democracia racial. Como caracteriza Silva,

[o] mito pode ser entendido como uma corrente ideológica que pretende negar a desigualdade racial entre brancos e negros no Brasil. Se seguirmos a lógica desse mito de que todas as raças e/ou etnias no País estão em pé de igualdade sociorracial, conforme comenta Gomes (2005), podemos ser levados a pensar que as desiguais posições sociais, econômicas, educacionais e etc... hierárquicas, devem-se à incapacidade inerente aos grupos raciais que estão em desvantagens como os negros e indígenas. (SILVA, 2011, p. 11).

Os impactos do racismo refletem não só nos que foram alvejados, mas em toda a sociedade que o admite. Reverbera como injustiça social, como descaso sanitário, como abandono de investimento do Estado perante seus cidadãos e como assassinato. O receio de tratar no ambiente escolar assuntos tão evidentes, como é a temática do racismo e suas consequências, só legitima as práticas de discriminação, reforçando e impondo um comportamento social nomeado de silenciamento, que resulta na formação de cidadãos conformados e inativos a situações de injustiça. Além disso, sustenta convenientemente a manutenção de um sistema de poder, que se retroalimenta com a desigualdade e o racismo estrutural, como exposto por Schucman (2010), que caracteriza nas práticas sociais e nos discursos brasileiros um racismo velado e sutil. Isso reforça, com a constante atitude de

minimizar, o ato discriminatório a quem dele é alvo. Almeida (2018), em diálogo com Flauziana, demonstra como

(...) os mecanismos de destruição das vidas negras se aperfeiçoam no contexto neoliberal, conferindo ao extermínio formas mais sofisticadas do que o encarceramento puro e simples. Para ela, “as imagens e os números que cercam as condições de vida da população negra estampam essa dinâmica”. A expulsão escolar, a pobreza endêmica, a negligência com a saúde da mulher negra e a interdição da identidade negra seriam, juntamente com o sistema prisional, partes de uma engrenagem social de dor e morte. (ALMEIDA, 2018, p. 95-96).

A escola é o local onde há um dos primeiros momentos de socialização entre os não familiares. Por isso, a idealização de novas formas de sociabilidade consta como fase essencial da proposta pedagógica determinada pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação infantil, reforçando que as crianças constroem sua identidade pessoal e coletiva através das interações que experienciam. Ainda com toda a legalidade em prol do respeito e apreciação das diversidades raciais (lei nº 1390/51⁹, lei nº 7716/89¹⁰, lei nº 12.288/2010¹¹), a escola é palco de inferiorizações raciais e sociais diariamente, proferidas seja pelos alunos ou pelos funcionários; a própria escola possui rituais pedagógicos que não só não combatem como viabilizam o racismo.

Livros como Brito (2013) e Cavalleiro (2012), relatam situações de racismo durante a infância no ambiente escolar; muitas vezes os maus-tratos não evidentes estão naturalizados. Cavalleiro (2012) ressalta em sua pesquisa que crianças negras já apresentam uma identificação negativa em relação a grupos étnico-raciais, enquanto as brancas da mesma turma possuem um sentimento de superioridade, todas com idades de 4 e 5 anos. Devido à educação eurocêntrica a que somos submetidos, há uma supervalorização dos feitos da população branca, reduzindo a participação negra na história da nação a pessoas que foram escravizadas, desumanizando-as. A idealização da estética branca torna alvo de brincadeiras jocosas os cabelos, os narizes, as bocas e demais características físicas das crianças negras, como descritas no livro organizado por Brito (2013, p. 60): “meus cabelos eram o alvo, falavam que era ruim, duro e feio. Era uma

⁹ Lei Afonso Arinos - Primeira norma contra o racismo no Brasil. O Congresso Brasileiro em 3 de julho de 1951, aprovou a **Lei nº 1.390**, que tornava contravenção penal a discriminação racial. A discriminação por raça ou cor. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/11390.htm. Acesso em 06/10/2022

¹⁰ Lei Caó: Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor e tipifica o racismo como crime inafiançável e imprescritível. A **Lei** recebeu esse nome em homenagem ao seu autor, deputado Carlos Alberto Oliveira. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/17716.htm. Acesso em 06/10/2022

¹¹ Estatuto da Igualdade Racial: Destinado a garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e o combate à discriminação e às demais formas de intolerância étnica. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112288.htm. Acesso em 06/10/2022.

angústia. Vivia preocupada!”. Como pessoa negra que frequentou escolas particulares de maioria branca na infância e na adolescência, em Brasília, a escola foi o palco das minhas piores memórias, de constrangimento a agressões por motivações raciais.

Para iniciar uma mudança na concepção preconceituosa sobre a participação negra na constituição de identidade deste país, foi criada a lei nº 10639, de 09 de janeiro de 2003, que instituiu a obrigatoriedade dos conteúdos de história e cultura afro-brasileira e africana no currículo da educação nacional. As Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais, Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2004), as Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais (2006), o Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais (2004) são o suporte para sua aplicação. A lei nº 10639/2003 foi posteriormente modificada pela lei nº 11645/2008, que adiciona a obrigatoriedade do ensino da cultura e da história indígena, que só não será abordado neste projeto para manter a questão afrocentrada. O negro é o foco.

A referida lei formula a participação dos negros histórica e socialmente na formação da identidade brasileira, ressignificando seu papel na sociedade, abrindo possibilidades à valorização das diferenças. Apesar das diretrizes e orientações, o ensino fundamentado nas relações étnico-raciais ou em uma educação antirracista requer uma avaliação das condutas profissionais e pessoais e o autoquestionamento da educação recebida no decorrer de uma vida inteira, além de uma investigação de como trazer para a prática docente esse aprendizado. Então o questionamento continua: Como as professoras podem abordar esses assuntos com seus alunos? Isso é um tema a ser tratado com as crianças? Essas dificuldades reforçam que só a modificação da legislação não basta.

Tivemos uma criança aqui que nos marcou muito. A menina chegou perto da avó e falou com ela que não fosse mais buscá-la na escola (a avó é negra). Algumas crianças disseram para menina que a avó dela era feia. E a menina chegou chateada e pediu para a avó que ela não viesse buscar. A menina estava com vergonha de ser negra. Mais um motivo para nós trabalharmos com a diferença. (CARVALHO, 2018, p. 78).

A citação acima é o relato de profissionais de Escolas Municipais de Educação Infantil em Belo Horizonte, durante a observação da vida escolar das crianças negras, o que já justificaria a importância dessa pesquisa. Os estudantes negros são sempre marcados pelos constantes ataques que inferiorizam sua raça. As escolas são cúmplices e responsáveis pelas atrocidades e perversidades sofridas pelos estudantes negros quando decidem não impedir atos racistas ou quando somente expõem imagens desumanizando e desqualificando os

acontecimentos do povo preto, o que induz ao desenvolvimento de baixa autoestima nas crianças negras.

É papel da academia reavaliar os saberes e difundi-los pelas instituições de ensino instauradas no país, por meio da formação continuada de seus docentes. Nossa proposta intenta favorecer uma reavaliação pelos professores e professoras da Educação Infantil de suas concepções e práticas pedagógicas, considerando seu papel social e político frente à temática de uma educação antirracista.

E por isso, o objetivo geral dessa pesquisa é instaurar e analisar o processo de uma formação continuada fundamentada em práticas de arte-educação antirracista com professoras e seus alunos da Escola Municipal de Educação Infantil – EMEI¹² "Carlos Prates", em Belo Horizonte, Minas Gerais, em concordância com a lei nº 10639/2003. Para alcançar esse propósito foram elencados os seguintes objetivos específicos:

2. Realizar um levantamento e analisar as práticas já concretizadas para o ensino étnico-racial, na educação infantil, da EMEI "Carlos Prates", por intermédio de questionários e rodas de conversas e com entrevistas não-diretivas às professoras e aos demais funcionários.
3. Elaborar e desenvolver junto às professoras uma proposta de formação que trate do estudo da temática étnico-racial, articulada ao ensino de artes.
4. Aperfeiçoar a prática docente quanto a novas possibilidades de trabalho voltadas para a temática étnico-racial na educação infantil a partir do trabalho com as artes.
5. Organizar um ambiente artístico-pedagógico estimulante e favorável para que os professores, através de diferentes formas de expressão artística, conheçam os aspectos significativos da cultura africana e reavaliem suas concepções e atuações.
6. Avaliar os sentidos e significados atribuídos pelos professores ao trabalho com a temática étnico-racial a partir de suas vivências na formação a ser desenvolvida.
7. Desenvolver como produto final da pesquisa uma exposição no formato de instalação, que se apresente como possibilidade de uma prática artística e pedagógica com a temática antirracista e conseqüentemente auxiliar no cumprimento da lei nº 10.639/03, na formação dos pequenos cidadãos.

¹² EMEI - Escola Municipal de Educação Infantil.

Como cidadã negra, que trabalha arte-educação, realizar este projeto é uma forma ainda singela e pontual de contribuição, ainda limitada por um cenário político neoliberal do governo brasileiro, observa-se o distanciamento do Estado em relação à questão racial e o desprezo a qualquer trabalho que vise o combate à discriminação racial, principalmente os criados pelos governos anteriores, além do escancarado apoio às práticas racistas. Devido a isto, não basta o fazer acadêmico; necessita-se de uma defesa do ativismo, de erguer uma bandeira e focar na intervenção na realidade.

Buscando compreender os caminhos da academia em relação a esse assunto, foi feita uma análise no Banco de Teses e Dissertações da Biblioteca Digital Brasileira (BDTD), foram levantadas pesquisas com as palavras-chave: Lei nº 10639/2003, Educação Infantil, Ensino da Arte e Formação de Professores. Com essas quatro palavras-chave colocadas simultaneamente não houve, na base de dados, nenhuma pesquisa registrada. Mesmo substituindo as palavras por sinônimos, como Ensino Infantil ou reduzindo de Ensino da Arte somente para a palavra Arte, não houve registros.

O resultado satisfatório se deu a partir do momento em que a pesquisa utilizou somente três das quatro palavras escolhidas. Quando a regulamentação não está inserida, foram detectadas 133 pesquisas. Conseqüentemente, a redução de palavras durante a pesquisa era inversamente proporcional à quantidade de estudos desenvolvidos. As pesquisas que associavam a Lei nº 10639/2003 à formação continuada dos professores foram a maioria dos registros: 167 trabalhos científicos no total. Dessas, apenas 10 associam essas etapas ao ensino da Arte e nenhuma aborda a Educação Infantil. Evidenciamos que há pesquisas que tratam da lei com a Educação Infantil (38), mas a maioria aborda os desafios e práticas dos professores na sua implementação e poucos consideram a temática da formação de professores. Tendo como parâmetro os últimos cinco anos, os resultados obtidos foram:

Tabela 1 - Palavras-chave

Palavras-chave	Quantidade de pesquisas
Lei n° 10639, Educação Infantil, Ensino da Arte, Formação de Professores	Zero
Lei n ° 10639, Educação Infantil, Arte	3
Lei n ° 10639, Educação Infantil, Formação de Professores	16
Lei n ° 10639, Ensino de Arte, Formação de Professores	10
Educação Infantil, Ensino da Arte, Formação de Professores	133
Lei n ° 10639, Educação Infantil	38
Lei n ° 10639, Formação de Professores	167
Lei n ° 10639, Ensino da arte	Zero
TOTAL	367

Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Podemos dizer que o levantamento identificou uma possibilidade de contribuição com o campo de pesquisa ao introduzir um tema ainda pouco trabalhado na formação de professores da Educação Infantil. As pesquisas pontuais defendidas nesse viés já expressam a importância de se desenvolver este trabalho e as dificuldades a serem enfrentadas. Apesar de existirem diversos materiais lançados por governos anteriores e instituições não governamentais, como: A Cor da Cultura (2004); os Kits de Literatura Afro-Brasileira em BH; Educação Infantil e práticas promotoras de igualdade racial (2012); Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais (2012); as publicações do Centro de Estudos e das Relações de Trabalho e Desigualdade (CEERT), entre outros, esse movimento de produção não pode ser interrompido. São séculos de discriminação ressoando na sociedade contra ações afirmativas pontuais; é uma batalha injusta, mas que não pode ser abandonada. Por essa razão, escolho fazer mais um produto pedagógico com a temática da educação antirracista, que dê elementos à construção de uma visão mais positiva da raça negra, onde serão expostos os feitos e benefícios da comunidade preta. O negro e suas tradições serão, portanto, protagonistas nessa pesquisa, auxiliando assim a descolonização do pensamento e do imaginário preconceituoso brasileiro.

3 DIÁLOGO TEÓRICO-METODOLÓGICO

A abordagem de uma educação antirracista visa valorizar tradições e identidades de diferentes povos para impedir ações racistas, comuns principalmente no ambiente escolar. No Brasil, a escritora Djamilia Ribeiro (2019) pontuou atitudes e/ou estratégias a serem levantadas no âmbito pessoal e profissional para viabilizar essa ação. São elas: informe-se sobre racismo, enxergue a negritude, reconheça os privilégios da branquitude, perceba o racismo internalizado em você, apoie políticas afirmativas, questione a cultura que você consome, transforme o ambiente de trabalho, sejamos todos antirracistas etc. Apesar de ser um livro não muito utilizado academicamente, a forma no qual foi escrito possui uma destreza didática capaz de ensinar os pontos que trazem para discussão étnico-racial, a linguagem coloquial e os exemplos estereotipados da representação negra na mídia brasileira possibilitam uma identificação imediata do leitor com o tema, o sucesso de vendas demonstra isso, mais de 90 mil cópias. E como a formação dos professores, recurso pedagógico dessa pesquisa, foi aberta a todos os funcionários da EMEI “Carlos Prates”, independente do grau de escolaridade e da função que exerce, a linguagem utilizada teve que ser acessível, do contrário não haveria uma comunicação.

Mas como replicar este aprendizado com o público infantil? No portal do MEC encontra-se que a definição de Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica; é um direito humano e social de todas as crianças até seis anos de idade, sem distinção alguma decorrente de origem geográfica, caracteres do fenótipo (cor da pele, traços de rosto e cabelo), da etnia, nacionalidade, sexo, de deficiência física ou mental, nível socioeconômico ou classe social.

A literatura negra voltada para a educação infantil ressalta alguns pontos a serem abordados como pele, cabelo, silenciamento e estética. Há um consenso entre autores como: Kilomba (2019), Almeida (2018), Gomes (2017), Evaristo (2007), de que uma etapa para combater o racismo seria a consciência identitária e para isto é necessária uma reformulação do conteúdo a ser ensinado quanto o papel da pessoa negra e de suas tradições na história. Não há uma fórmula exata do melhor método de abordagem desse assunto, mas órgãos como a Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte investem em formações continuadas de seus professores e na produção de materiais, garantindo a qualificação e o aperfeiçoamento de seus docentes, cumprindo os parâmetros nacionais exigidos para uma educação infantil de qualidade (SANTANA, 2011).

Esse movimento de enaltecimento cultural desenvolve a autoestima e a apreciação das tradições africanas e das origens negras presentes em todas as pessoas, mas principalmente nas crianças negras, que são diariamente atacadas pelo racismo recreativo existente nas escolas, como relata Brito (2013) e Moreira (2019). Racismo recreativo é quando uma pessoa utiliza do humor para estabelecer uma espécie de competição racial, degradando moralmente as minorias.

A valorização e o respeito à diversidade através das narrativas artísticas e das manifestações culturais negras serão empregados neste trabalho, de acordo com a Pesquisa Educacional Baseada em Arte (PEBA) e a abordagem triangular, proposta por Ana Mae Barbosa. Aproveita-se que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96 (art. 26, § 2º) define que o ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos. Desse modo, essa pesquisa caminha de acordo com a lei tanto no ensino artístico quanto na obrigatoriedade dos conteúdos de história e cultura afro-brasileira e africana no currículo da educação nacional.

3.1 Metodologia

Para essa pesquisa qualitativa, escolhi a metodologia pesquisa-estudo, quando há exposição da prática do pesquisador e do processo de construção e aplicação de um recurso educacional, desde a escolha da temática até as fases para a execução e a finalização com o produto pedagógico. Essa é uma categoria de pesquisa-ação, que se propõe a evidenciar o processo de investigação de determinado assunto que sensibilizou o pesquisador/ artista. E para o correto desenvolvimento deste estudo, serão utilizados os seguintes instrumentos: pesquisas bibliográficas, questionários, rodas de conversas com entrevistas não-diretivas e o ateliê artístico que reverterão os conhecimentos obtidos em prática.

Como artista, contadora de história, a importância da oralidade esteve presente durante toda essa pesquisa. Seja pela explanação de como é utilizada na educação dos povos no continente africano, seja na troca entre experiências durante os relatos das professoras de como são suas práticas de educação referentes a relações étnico-raciais. Autores como Vieira defendem que

[o] estudo das trajetórias de vida de professores para explicar atitudes interculturais tais como inovação, criatividade, relativização, reflexão constante, inconformismo e transgressão em relação às práticas pedagógicas tradicionais, que ele considera profundamente marcadas pelas vivências culturais e pelo percurso biográfico destes sujeitos. (VIEIRA, 1999, *apud* PÁDUA, 2006, p. 13).

O ato de ser entrevistado alimenta o levantamento de memórias e das críticas sobre elas, ressignificando as sequências vivenciadas, provocando o autoconhecimento. Pádua (2006) comenta que a recordação, matéria prima da memória, ajuda a reconstruir processos e transformações que acompanham as experiências, conferindo identidades aos sujeitos, em movimentos de subjetivação. E neste processo de recordação, se valoriza o que mais importa a ser passado aos outros como ensinamento das experiências vividas.

A primeira etapa desse projeto consistiu em fazer o diagnóstico da proposta pedagógica aplicada na instituição de ensino, coletando informações, dados, documentos com a coordenação da EMEI Carlos Prates e com seu corpo docente. Em seguida, as professoras foram convidadas a descrever se possuem ou não práticas pedagógicas que abordem as questões raciais. Para obtenção dessas respostas, foi aplicado um questionário que caracteriza o perfil das participantes, suas trajetórias como educadoras, sua relação com a temática étnico-racial, escolaridade, idade, sua autodeclaração do ponto de vista racial e de gênero. A monografia de Viana (2015) demonstrou que na EMEI "Carlos Prates", existiam práticas educacionais voltadas para o ensino étnico-racial e que as docentes participantes não são leigas à temática racial. O projeto Planeta África demonstra se houve continuidade dessas práticas até o ano de 2022.

A segunda etapa é a formação continuada com os professores, que foi realizada em 5 horas, divididas em pelo menos dois momentos: um com roda de conversa e outro a produção de um ateliê. A roda de conversa utilizou como metodologia a entrevista não-diretiva de Carl Rogers, quando a obtenção de informações se baseia no livre discurso do agente entrevistado. Chizzotti explica que

[o] informante é competente para exprimir-se com clareza sobre questões da sua experiência e comunicar representações e análises suas, prestar informações fidedignas, manifestar em seus atos o significado que têm no contexto em que eles se realizam, revelando tanto a singularidade quanto a historicidade dos atos, concepções e ideias. (CHIZZOTTI, 2005, p. 92).

Sabe-se que durante as rodas de conversas as professoras são influenciadas pelo tempo e espaço presente, e pela existência ou não de uma cumplicidade relacional capaz de instigar o entrevistado à fala ou mesmo ao silêncio, que também é revelador. Esperava-se que expusessem diferentes pontos de vista. Foram levantados durante a roda de conversa os assuntos

que estão sempre em evidência quando tratamos da educação étnico-racial, como o fenótipo negroide e como são trabalhados pelas professoras e por outros arte-educadores. O compilado dessas narrativas trazidas pelas próprias professoras foram ressignificadas artisticamente para conduzir a prática artística durante as experimentações do ateliê, como o proposto pela abordagem triangular. Inspiradas pelas tradições culturais e manifestações de arte africanas e afro-brasileiras, o fazer artístico com experimentações criativas e afetivas a respeito da diversidade, reforçando o apreço e o enaltecimento da estética negra.

No começo do ano de 2022, por causa do alto número de contágio da covid (variante ômicron) a formação continuada com os professores foi reduzida para apenas um encontro, um sábado letivo. Nas primeiras horas, após as devidas apresentações e explicações sobre o projeto e seus objetivos, com o auxílio dos relatos trazidos pelas professoras participantes e comparados com outras práticas, debatemos a importância de levantar essa discussão e a consequência do racismo e da inação perante ele. O método de roda de conversa, introduziu o tema da tradição oral, comum no continente africano, e as técnicas para melhor desenvolvê-lo na educação infantil. As práticas narrativas africanas expostas em histórias, tecidos e pele conduziram o ateliê artístico. Esse foi o contexto escolhido que conduziu às práticas artísticas e a sua apreciação, durante o ateliê, de modo que complete a triangulação de Barbosa (2007): contexto, apreciação e fazer.

Os produtos e as ideias produzidas durante o ateliê edificarão a exposição de arte-educação – PLANETA ÁFRICA, que é o recurso educacional obrigatório para a finalização do Mestrado Profissional em Educação e Docência da Universidade Federal de Minas Gerais. Planeta África foi assim batizado porque a proposta pretende, com a exposição, ambientar o espaço expositivo com as criações inspiradas na bela e rica cultura negra exaltando e ocupando todo lugar, todo um planeta. A cultura africana, que sempre foi menosprezada e reduzida a um país, agora terá um mundo inteiro! É nesse momento em que as participantes se depararam com a importância de se reconhecer a negritude, de se nutrir uma afetuosidade e exaltar a cultura negra de uma forma positiva. Esse resultado é inspirado em arte-educadores artistas que fazem mostras expositivas e interativas para o público infantil, como Gandhi Piorsky (2016) e Stela Barbieri (2017). A descrição e a análise das etapas serão apresentadas na dissertação intitulada de PLANETA ÁFRICA – práticas artísticas para uma educação antirracista. Todas essas fases serão registradas por áudio e fotos com as devidas permissões dos participantes.

3.2 EMEI "Carlos Prates"

Figura 3 - Placa da Instituição EMEI Carlos Prates, Antiga UMEI



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

A instituição selecionada para esta pesquisa foi a EMEI “Carlos Prates”, localizada na região noroeste da capital Belo Horizonte. Como descrito por Viana (2015), professora da instituição, a história da Escola Municipal de Educação Infantil “Carlos Prates” – EMEI –, localizada na Avenida Nossa Senhora de Fátima, 2283, no bairro homônimo à Escola, inicia-se em 1988 com a visita da ex-primeira dama francesa Danielle Mitterrand à capital mineira. Conhecida por seu engajamento político, em favor da educação e da democracia, ela apoiou financeiramente através da fundação *France Libertés – Fondation Danielle Mitterrand* – a Associação dos Catadores de Papel, Papelão e Material Reaproveitável (Asmare) ao construir uma creche para atender à reivindicação das mães trabalhadoras. Elas eram obrigadas a manter seus filhos, ainda crianças, nos galpões de triagem de lixo, enquanto trabalhavam, por não terem com quem deixá-los.

Para suprir essa necessidade, juntaram à doação de Danielle Mitterrand a antiga sede do Clube Tremendal, espaço cedido pela prefeitura de Belo Horizonte, mais o apoio financeiro da empresa Mendes Júnior. Inicialmente foi edificada uma creche que, em 2004, foi

municipalizada, inaugurada em agosto e nomeada como UMEI¹³ “Carlos Prates” – “Danielle Mitterrand”. A partir de 2018 foi renomeada como EMEI, apesar da placa da instituição permanecer com o nome antigo.

Embora esteja localizada em um grande terreno, o ambiente definido para a EMEI Carlos Prates é pequeno. Sua instalação divide espaço com o Centro de Esportes para os Portadores de Necessidades Especiais (SUPERAR), o que explica haver uma grande rampa de acessibilidade na entrada. A pequena área externa, na frente do prédio da EMEI, possui chão emborrachado e alguns brinquedos. Dentro da edificação, à direita do corredor de entrada, está a secretaria e no fim do corredor o refeitório e uma cozinha, atrás da qual situa-se a lavanderia. O edifício possui também cinco salas de aula e uma sala de professores. Essa escola foi criada para os filhos de associados da Asmare e dos moradores do bairro. Atende a aproximadamente 80 crianças, com idade variando de zero a cinco anos e oito meses, divididos em cinco turmas; há uma média de 13 a 23 alunos por classe, e dois professores para cada sala. Esses dados equivalem ao funcionamento antes da pandemia da Covid-19, de acordo com a bibliografia e as reuniões com a coordenação.

Os critérios que determinaram a escolha dessa instituição foi a escola ter um histórico de pesquisa sobre seus frequentadores, como demonstram o artigo “Efeitos de um programa de educação infantil em famílias de catadores de papel de Belo Horizonte”, da autoria de Barbosa (2012) e a monografia *O lúdico e a construção das identidades de crianças afro-brasileiras*, de Viana (2015), onde há fortes referências às questões raciais. A proximidade da instituição com a residência da pesquisadora evita despesas financeiras com transporte público e aglomerações que, no atual contexto, são um risco à saúde. Na época das escolhas, a cidade de Belo Horizonte estava dentro das medidas de segurança para evitar a proliferação da COVID19, o que obrigou que as pesquisas ficassem reduzidas às informações da internet, já que as escolas e bibliotecas estavam fechadas.

3.3 Diagnóstico Escolar e as Dificuldades Devido à COVID-19

Com a pandemia da COVID-19, registrada no Brasil no primeiro semestre de 2020, situações atípicas foram impostas à sociedade em todos os tipos de serviço, público e privado desde um lockdown mundial até a implementação de distanciamentos sociais, além da

¹³ UMEI - Unidade Municipal de Educação Infantil

obrigatoriedade na utilização de instrumentos que impedissem a proliferação viral. Enquanto não havia a possibilidade de vacinação, qualquer caminho traçado por essa pesquisa foi incerto e temporário. Devido a isso, inúmeras foram as vezes em que foi necessária uma readequação da proposta. Ambos os ambientes pré-determinados para a pesquisa, o centro cultural e a escola, foram fechados para conter as aglomerações que aumentavam o contágio.

Somente em 2021 obtivemos a vacinação, inicialmente restrita a alguns grupos da população. Nessa nova etapa, as escolas iniciaram seus planejamentos para reabertura, enquanto os centros culturais ainda se mantiveram fechados. Essa situação me custou a perda de emprego e, conseqüentemente, mais uma readequação do projeto, principalmente no que se refere à estrutura espacial escolhida e as instituições participantes, pois, a priori, os estudos seriam aplicados em meu antigo ambiente de trabalho.

Com a implementação do distanciamento social, a reabertura das escolas foi repleta de imposições físico-espaciais, que exigiram uma reformulação organizacional. Foram realizadas modificações drásticas reduzindo a capacidade de atendimento aos alunos. Na educação infantil, o retorno foi permitido somente às turmas de 5 anos, que outrora possuíam uma média de acolhimento da 16 a 23 crianças. Com a pandemia, por conta dos protocolos de distanciamento social criados pela prefeitura, só puderam atender 5 (cinco) pessoas em um período de 4 (quatro) horas, 3 (três) vezes por semana. Foi baseando-se nesse momento de redução e na falta de esperança de melhoria, que foram feitos os cálculos e o pedido de autorização aos órgãos competentes para execução desta pesquisa. Só que em 2022, após as devidas autorizações governamentais e com o avanço da vacinação (inclusive com o público infantil), o governo municipal permitiu o retorno integral dos estudantes. Dessa forma, e utilizar uma escola em uma proposta de pesquisa em campo, em tempos pandêmicos, impossibilita a exatidão quantificadora dos participantes. Os protocolos de segurança relativos à permanência em sala de aula emitidos pela prefeitura de Belo Horizonte eram alterados diariamente.

No segundo semestre de 2021, ainda sem vacina para a maioria, e sem perspectivas futuras de como as instituições escolares de educação infantil iriam reformular suas propostas, já que o ensino remoto é improvável com o público infantil, iniciei meu contato indo até instituição para conversar com a coordenação da EMEI "Carlos Prates", que apresentou a escola e demonstrou que a instituição já possui um histórico de trabalho com o estudo de causas como as étnico-raciais e feministas. Comentou que as professoras da instituição estão sempre em busca de aprimorar seus conhecimentos e o fazem graças aos cursos ofertados pela SMED¹⁴.

¹⁴ SMED - Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte.

Trocamos contatos e informações, mas o próximo retorno só poderia ser feito após as devidas autorizações de pesquisa emitidas pelo COEP¹⁵ e pela SMED/BH.

Em dezembro de 2021, me reuni virtualmente com a equipe da EMEI "Carlos Prates", diretora, coordenadora e mais 4 (quatro) professoras, me apresentei como pesquisadora e expliquei detalhadamente o projeto. A recepção foi muito calorosa e grande o interesse por parte de todas as docentes. A expectativa pela formação continuada era grande, e as professoras já trouxeram questionamentos sobre como trabalhar determinados assuntos. Considerando esse acolhimento, reformulei a formação. Em janeiro de 2022, foram as férias escolares, e por isso nosso próximo encontro presencial só ocorreu em fevereiro.

No final de 2021, uma nova variante, mais contagiosa da COVID19, Ômicron, acometeu a pesquisadora e impossibilitou qualquer avanço da pesquisa. Somente em fevereiro de 2022, ainda com vestígios da doença, retornei o contato (virtualmente) com a EMEI. A instituição ainda aguardava as decisões governamentais em relação à retomada dos serviços educacionais.

Em 14 de fevereiro de 2022, me reuni com a diretoria da EMEI "Carlos Prates" presencialmente. A equipe apresentou as propostas pedagógicas já realizadas em anos anteriores à pandemia, sempre com um viés artístico muito desenvolvido, e inspirada em artistas renomados. Por exemplo, as professoras adaptaram algumas técnicas artísticas a seus propósitos, como ao utilizarem a *assemblage*¹⁶ com lixo reciclável para a composição de uma obra de arte. Retrataram uma baleia jubarte em um mar de lixo, uma construção no estilo Vik Muniz¹⁷, visando abordar uma discussão sobre poluição, reciclagem e preservação.

Em relação às questões étnicas, a diretora reforçou que as professoras buscam se atualizar com cursos oferecidos pela SMED/BH, principalmente nas áreas de contação de histórias e mediação de leitura, mas que ainda apresentavam dificuldades no modo de abordarem essas duas técnicas. As informações obtidas nesse encontro redirecionaram a formação que seria ali realizada. A coordenadora demonstrou que trabalham com o protagonismo negro usando a literatura e bonecas negras, e que enfatizam a beleza e a autoestima negra através dos significados dos penteados afro. A pesquisa de Leila Viana (2015), professora da instituição, descreve como são feitas as atividades de narração de histórias e em que livros infantis as professoras se baseiam. São mais de 20 títulos (VIANA, 2015, p. 42) que abordam essa temática alguns dos quais serão citados durante o encontro com os professores na roda de conversa, o que reforça o uso da oralidade como método de ensino. Para finalizar essa

¹⁵ COEP - Comitê de Ética em Pesquisa.

¹⁶ *Assemblage* - colagem de objetos formando uma imagem tridimensional, a partir da estética da acumulação.

¹⁷ Vik Muniz - Vicente José de Oliveira Muniz - artista plástico brasileiro.

visita super produtiva, me mostraram painéis pintados com rostos de mulheres negras de destaque na nossa cultura. Foram retratadas artistas como Dona Ivone Lara, MC Soffia, Madu Costa, entre outras. Em cada mês uma personalidade negra é exaltada nesses painéis, demonstrando que as ações não são pontuais ou só responsabilidade de um profissional, mas que a escola inteira se mobiliza durante todo o ano letivo. Uma raridade que deveria ser reconhecida. “Quando as mulheres se movimentam e se engajam em prol da liberdade, elas nunca representam a si mesmas sozinhas, elas representam todos que são membros de suas comunidades” (DAVIS, 2019, s. p.), como afirma Ângela Davis durante o lançamento da sua autobiografia em São Paulo em 2019.

Apesar de toda essa desenvoltura da equipe da EMEI "Carlos Prates", durante a associação de práticas artísticas com temáticas essenciais à formação cidadã, a direção explicitou que ainda há alguns profissionais que receiam aplicar novos procedimentos, e esses se concentram na sua área de estudo. O arte-educador não pode restringir suas atividades apenas à sua área de conhecimento: ele é o primeiro a testar novas possibilidades de aprendizado, sem julgamentos. Almejo que a formação a ser realizada instigue nas professoras essa vontade de se arriscar, pois o objetivo principal do ateliê é permitir experiências que toquem a sensibilidade. A versatilidade da profissão de arte-educador e os artifícios para melhor desenvoltura artística serão os procedimentos utilizados para reforçar os pontos cruciais para uma educação antirracista.

Com o retorno das aulas, em modo integral, sem nenhuma restrição na quantidade de alunos presentes, a EMEI "Carlos Prates" reorganiza seu corpo docente a partir das imposições municipais de um planejamento feito para uma instituição com carga horária parcial. A instituição possui 16 professores que, por quatro dias, trabalham presencialmente e 1 dia remotamente. Cada dia da semana há de 2 a 3 professores trabalhando de suas casas.

Propus que o encontro para a formação fosse realizado como um sábado letivo ou na quarta-feira de carnaval. A segunda proposta foi logo questionada por considerarem um dia religioso. Definimos a formação, portanto, para o dia 12 de março de 2022, o primeiro sábado letivo da instituição, das 8h às 13h, sendo 5 horas no total. A priori, meu planejamento seria de 5 encontros, totalizando 15 horas, sendo metade desse tempo uma roda de conversa e a outra parte a prática de ateliê, mas com a preocupação do alto contágio da nova variante, explicitada durante todas as conversas com a diretoria, e a impossibilidade de reunir a equipe, preferi readaptar o tempo da formação a perder a oportunidade. O fato de ser uma instituição que já possui um trabalho prévio com a temática favorece o direcionamento para ações práticas, de modo que acredito que não haverá prejuízo da pesquisa com essa readequação.

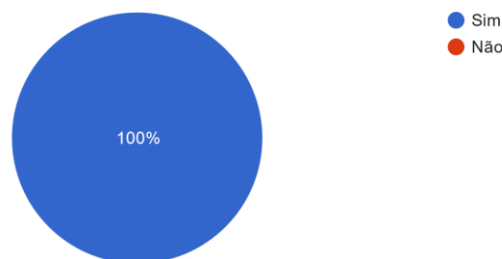
Na semana seguinte à formação com as professoras, estava agendada uma reunião com a coordenação para juntas, decidirmos como seria o pedido de autorização aos pais das crianças, mas na terça-feira, dia 15/03, fui comunicada que a instituição entraria em greve na manhã seguinte, situação que se manteve por quase um mês. Após esse fator, a escola responsabilizou em repassar o pedido de autorização aos pais, e me entregaram no dia 23/06 durante a visita das crianças ao espaço expositivo.

3.4 Questionário

Após o encontro de 14 de fevereiro, a diretora repassou o questionário às funcionárias da instituição. Apenas oito das 22 participantes responderam ao questionário. As respostas obtidas conduzem à formação, enquanto a sua negação provoca a pesquisa. As transcrições dos depoimentos, anônimos ou não, serão todas identificadas pela letra Y e um número, em sequência, para manter o sigilo exigido e a organização.

Tabela 2 - Questionário de aceitação para participação no Projeto Planeta África

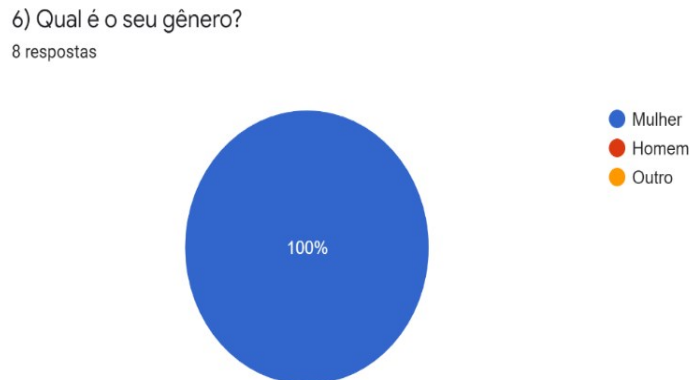
1) Você aceita participar dessa pesquisa?
8 respostas



Fonte: Questionário da pesquisa Planeta África - Google Drive, 2021.

O questionário explicitou a disposição das professoras em participar, entusiasmo que já estava perceptível durante as reuniões com a coordenação. Mas não foi suficiente para me preparar para a demanda do que viria a seguir. Surpreendentemente, tanto no questionário quanto nas visitas presenciais, não visualizei nenhum homem na instituição. O censo escolar de 2020 já demonstra que a maioria dos professores são mulheres, mas nessa escola esse fator se estende não só ao corpo docente.

Tabela 3 - Gênero do participante



Fonte: Questionário da pesquisa Planeta África - Google Drive, 2021.

Todas as 8 participantes se declararam negras, de acordo com a denominação do IBGE, que une os termos parda e preta, estranhamente não houve declaração de pessoa branca. Tanto o termo preto quanto o termo negro possuem estigmas, que estão em constante lutas de ressignificação, de modo que é bastante pessoal essa resposta, independente do que o IBGE determine.

Como exposto pela coordenação, as professoras da instituição estão em constante movimento quando se trata de aprimorarem seus conhecimentos em relação à educação. Todas as que responderam ao questionário possuem escolaridade de nível superior, enquanto 50% são pós-graduadas.

Tabela 4 – Escolaridade das participantes

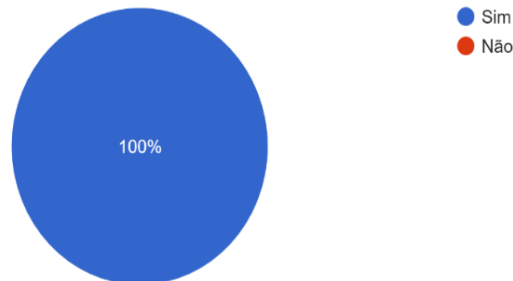
8) Escolaridade:
8 respostas



Fonte: Questionário da pesquisa Planeta África - Google Drive, 2021.

Tabela 5 – Interesse de conhecimento sobre questões raciais

17) Você tem interesse em conhecer mais sobre este assunto?
8 respostas



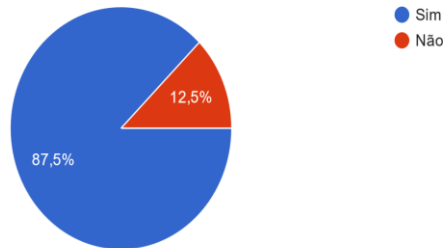
Fonte: Questionário da pesquisa Planeta África - Google Drive, 2021.

Embora a pesquisa vise professores da educação de crianças de quatro a cinco anos, a formação foi aberta a todas as profissionais da escola, não importando se possuíam cargo docente ou se atuavam com alunos da faixa etária determinada. Desse modo, registramos que serão 7 professoras e 1 coordenadora, todas mulheres, com idade entre 68 e 40 anos; 62,51% se declaram pardas e 37,5% pretas. Todas com curso superior e a metade com pós-graduação, mas todas com interesse em adquirir mais conhecimento sobre as questões raciais. A maioria atua há mais de dez anos na instituição, todas no turno matutino; somente 5 atuam simultaneamente no turno vespertino.

Tabela 6 – Conhecimento da lei 10.639/2003

13) Conhece a Lei 10.639/2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obr...de da temática "História e Cultura Afro-Brasileira"?

8 respostas

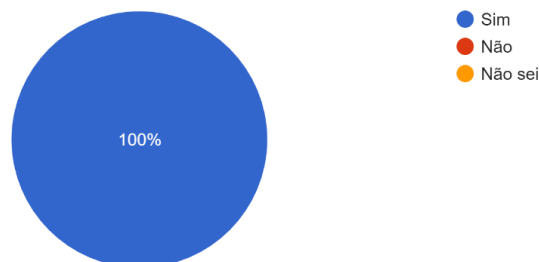


Fonte: Questionário da pesquisa Planeta África - Google Drive, 2021.

Tabela 7 – Aplicação na escola da lei 10.639/2003

14) A lei 10639/2003 é aplicada na sua instituição ?

8 respostas



Fonte: Questionário da pesquisa Planeta África - Google Drive, 2021.

Como a proposta refere-se à lei 10639/2003, perguntei se as profissionais conheciam a lei. Apesar de apenas 12,5% não a conhecer, todas confirmam que a instituição a aplica ativamente. A conversa com a diretoria provou que faz parte da proposta pedagógica anual a temática étnico-racial. Sem exceções, todas concordam com a necessidade de trazer esse assunto para a infância. Algumas se abstiveram de explicar suas razões de considerar a importância desse tipo de trabalho e outras justificaram realçando a obviedade ao exemplificarem a sociedade em que estamos inseridos: “*Nosso país é de maioria pardo e negros*” (Y1); “*Estamos trabalhando com o povo brasileiro*” (Y2).

Nas perguntas abertas do questionário, as participantes foram convidadas a descrever suas experiências e opiniões e demonstrar como atuam quando o assunto é racismo. Seguem alguns relatos:

Sim. Trabalhei durante o ano todo com mulheres negras que fizeram a diferença na vida de outras pessoas. Foram escolhidas várias áreas diferentes como música, arte visual e dança. Cada mês as crianças conheciam um pouco sobre uma mulher negra. Ao final do projeto foram expostas cortinas pintadas com as caricaturas das celebridades escolhidas e as crianças socializavam com as outras turmas um pouco do conhecimento adquirido sobre as mesmas (Y1).

Todos os anos busco trabalhar a temática em meus projetos. Vou citar a do meu TCC: O LÚDICO E A CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES DE CRIANÇAS AFRO-BRASILEIRAS. Observei que as crianças não "disputavam" as bonecas negras em relação as outras. E como através do "faz de conta" as crianças expressam as vivências e convivências, busquei no projeto envolver contação de histórias e as bonecas. Fiz contação de histórias de personagens negros(as), rodas de conversa e um boneco negro feito em feltro, itinerante. (Y2).

... projetos que envolvem a contação de histórias com personagens negros para que as crianças conheçam e reconheçam a diversidade. E de forma lúdica seja com os livros e ou bonecas (negras e brancas) possam se reconhecer. (Y3)

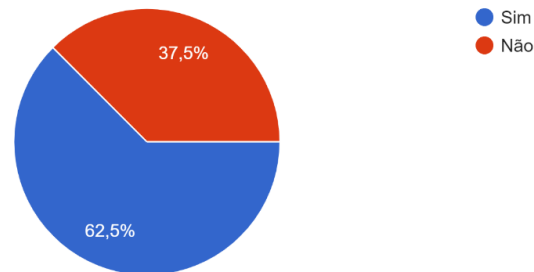
Os relatos referentes à observação e/ou sofrimento em relação ao racismo se mantiveram tímidos e/ou sucintos, principalmente os das pessoas que se autodeclararam negras. Foram relatadas histórias a respeito de autoestima, referentes à não aceitação dos cabelos crespos, crianças alvo de apelidos e rejeição, até a não identificação como pessoa negra. A complexidade do tema traz lembranças desagradáveis, como perseguições e constrangimento em público. Parto da hipótese que essas tristes memórias em conjunto com a falta de um vínculo com a pesquisadora inibiram o preenchimento do questionário. Isso acarretou uma reconfiguração da minha abordagem na formação, que pretendia ser mais rígida no começo, pois seguia o pensamento de Conceição Evaristo (2007) ao defender que a *escrevivência*¹⁸ não pode ser lida como histórias para "ninar os da casa grande" e sim para incomodá-los em seus sonos injustos.

¹⁸ *Escrevivência*: Segundo Evaristo, em Duarte (2006), prática literária negra, feminina e pobre em que o agente é o sujeito da ação, assume o fazer e sua reflexão.

Tabela 8 – Participação em formações anteriores com o tema relação étnico-racial

22) Você já participou ou participa de alguma formação voltada para a temática das Relações Étnico raciais?

8 respostas



Fonte: Questionário da pesquisa Planeta África - Google Drive, 2021.

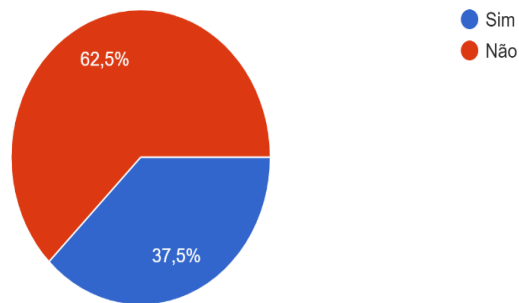
Ainda que na década de 90, processos de formação em ERER, fruto da pressão dos movimentos sociais e posteriormente de um conjunto de ações do governo Lula, Movimento Negros, Organizações dos NEABs¹⁹, tenham sido implementados no país. E em destaque a cidade de Belo Horizonte, através do movimento dos professores negros, tenha sido uma das primeiras cidades a desempenhar uma educação de combate ao racismo nas escolas no Brasil e a sua Secretaria Municipal de Educação (SMED/BH) disponibilizar formação de professores e materiais pelo núcleo de estudos das relações étnicos raciais (NERER), como demonstra Santana (2011), a busca por aprofundamento nesse tema tem que partir do professor. Na EMEI "Carlos Prates", um pouco mais da metade 62,5% das docentes teve esse interesse, como defendido no diagnóstico das profissionais da instituição.

Tabela 9 – Hábito de visitar exposições

¹⁹ NEABs – Núcleo de Estudos Afro- Brasileiros

23) Você tem a prática de visitar exposições artísticas, museus e/ou centros culturais na cidade?

8 respostas



Fonte: Questionário da pesquisa Planeta África - Google Drive, 2021.

A única insatisfação, como profissional da área de cultura, é constatar que 62,5 % das entrevistadas não possuem o hábito de frequentar museus e centros culturais, apesar de possuírem aptidões artísticas. As razões para tal não foram expostas, abrindo assim parâmetro para hipóteses como: baixa remuneração, excesso de trabalho, triplas jornadas das condições da mulher, falta de incentivo à cultura e ao lazer. O questionário confirmou tudo que a coordenação havia exposto da prática da EMEI "Carlos Prates" na reunião presencial. Infelizmente, após a formação, nota-se a pendência de 14 (quatorze) respostas.

4 FORMAÇÃO DOS PROFESSORES

Introduzo com este capítulo uma explicação minuciosa do modo como trabalho, para elucidar os caminhos que serão feitos durante a formação com as professoras e o encontro com os alunos de 4 a 5 anos, pois creio, como (BARBIERI, 2008), que a experiência fica impregnada em nós pela vida afora. Exponho os objetos artísticos escolhidos para desenvolver a perspectiva de apreciação à cultura negra para uma educação antirracista. Com a arte definida, se inicia o processo de triangulação de Ana Mae Barbosa, ao demonstrar o contexto que será trabalhado e o seu apreço durante a exposição.

4.1 O papel do arte-educador de espaços informais

Figura 4 - A Pequena Pilar Experimentando seu Binóculo



Acervo pessoal, 2020.²⁰

²⁰ Pilar, com auxílio de seu pai, o músico Thiago Santos, cria com rolos de papéis higiênico um binóculo durante um ateliê de sucata no projeto #Temtodosábado, realizado no centro cultural Sesc Palladium.

Se não sabemos ver, é certamente porque a visibilidade não depende do objeto apenas, nem do sujeito que vê, mas também do trabalho de reflexão: cada visível guarda uma dobra invisível que é preciso desvendar a cada movimento.

Adauto Novaes

Como arte-educadora de espaços informais, acredito que todos os lugares quando planejados podem educar, razão pela qual Gandini (2012) denomina o ambiente como terceiro educador. O arte-educador é a quem cabe a função de explorar e a melhor utilização de um espaço ou de um objeto como iniciativa de aprendizagem através da arte. Ele também é conhecido como mediador artístico. Esse profissional reforça a interação entre o espaço, os objetos, o público e, assim, cria um elo de troca de conhecimento e de experimentações.

As instituições de educação informal, como centros culturais, museus, galerias de arte, bibliotecas, parques, teatros e cinemas, que recebem grande número de frequentadores diariamente, designam um departamento responsável para receber e organizar essas visitas. Esse setor é nomeado de educativo, e os arte-educadores e/ou mediadores são a equipe que o compõem. As habilidades de cada profissional variam de acordo com o ambiente. Por exemplo: um mediador de leitura é mais comum em bibliotecas e acervos literários; um historiador está mais presente em um museu, enquanto um artista plástico é essencial em uma galeria de arte; e não funcionarão os parques que não possuem um botânico como mediador, no mínimo. De acordo com Barbieri,

O ateliêrsta não está na escola para solucionar problemas, está para criá-los. [...] O artista, na escola, é responsável pelas rebeliões; e o educador no museu também. [...] A educação dentro do museu é o que faz barulho, é o que fede, é o que incomoda. E a arte dentro da escola é a mesma coisa. (BARBIERI, 2022, p. 33).

O artista, pela sua constante atuação experimental, ao nível da forma e dos materiais, e por suas características como pessoa criativa, muito tem a dar à Educação, defende Ana Mae Barbosa (1975). Minha formação multidisciplinar me permite trabalhar em diferentes espaços, mas independente da forma de expressão artística predominante no espaço, as ações educativas que construo sempre tiveram como foco o público infantil. Planejar uma mediação específica para crianças nesses centros é manifestar a importância de que é necessário reforçar a presença delas para o benefício de sua formação como cidadã. Levindo Carvalho (2016) demonstra que a criança tem que ser considerada uma personagem ativa da cidade, e que precisa ocupar todas

as suas localidades de forma planejada e segura. Para o pesquisador, as mudanças na cidade ocorrem de diferentes maneiras para crianças e adultos. Assim, conhecer e apropriar-se dos espaços públicos pode trazer importantes mudanças tanto nas condições estruturais da infância quanto nas possibilidades de interação, produção cultural e exercício de cidadania por elas. Cabe reiterar o direito das crianças ao tempo livre, ao tempo de brincar e de circular pela cidade.

Figura 5 - Palhaça Jacubira e Obra Palhaço Criança - artista Nilo Zack.



Fonte: Acervo pessoal, 2017.²¹

Independente de qual espaço escolhido, a sequência didática de uma ação educativa inicia-se no agendamento de um grupo/escola que possua interesse na visita. Até o momento do encontro, é feita uma análise e busca-se o local mais adequado para receber os convidados. Esse espaço tem que ser seguro, acessível, confortável, acolhedor e capaz de acomodar a quantidade predeterminada de participantes. Muitas das vezes, para que esses pontos sejam

²¹ **Palhaça Jacubira** modelando à frente do grafite “Palhaço criança”, de Nilo Zack, na exposição no Sesc Venda Nova.

cumpridos, são necessárias modificações estruturais, que variam em relação à faixa etária dos visitantes.

Segundo Catherine Audard (GUIMARÃES, 2012, p. 154), o significado da palavra *care* (cuidado/cuidar) é “a solicitude que expressa inquietude afetiva pelo outro.” Em relação à presença infantil em espaços não concebidos para isso, reforço a palavra inquietude, pois se instaura um estado de alerta nos funcionários. As preocupações dos centros culturais com a recepção das crianças devem ir muito além de uma ação educativa premeditada; tem de ser tratada em nível espacial, arquitetônico, visibilizando o corpo infantil a partir de suas necessidades e hábitos, seja com banheiros proporcionais, faixa de segurança em vidro, botões de emergência em escadas rolantes, pisos menos escorregadios, almofadas para assentos, luzes frias, quinas, cabeças de parafuso etc.

Somente a experimentação diária das crianças com os espaços culturais possibilita ao educador analisar a funcionalidade ambiental na qual está inserido. Seria a autocrítica da instituição possibilitando, se necessária, uma reformulação físico-comportamental da instituição e de seus funcionários para que se adeque às novas realidades infantis. O cuidado com as crianças durante a visita é responsabilidade de todos da instituição; é o primeiro passo para propiciar um ambiente seguro, confortável e adequado a elas.

Em seguida, quando o dia da visita chega, é feita a recepção dos visitantes. Essa fase é denominada de acolhimento. Nesse momento de apresentação, tenta-se buscar uma aproximação mais aconchegante e menos formal. Para isso se faz uma roda de conversa ou círculos de cultura, como nomeado por Paulo Freire (2015), em que se permite a livre expressão dos anseios e opiniões das crianças. Nessa etapa, é preciso demonstrar que: todas as apreciações e opiniões são válidas e não devem ser julgadas; não existem respostas certas ou erradas, mas diferentes pontos de vista; o diálogo deve ser feito em linguagem acessível ao visitante, sem impor um conceito estrito.

Figura 6 - Caçando Sacy na Exposição #Ocupasacy, 2019



Acervo Pessoal, 2019.²²

De acordo com Paulo Freire,

Em diálogo circular, intersubjetivando-se mais e mais, vai assumindo, criticamente, o dinamismo de sua subjetividade criadora. Todos juntos, em círculo, e em colaboração, re-elaboram o mundo e, ao reconstruí-lo, apercebem-se de que, embora construído também por eles, esse mundo não é verdadeiramente para eles. Humanizado por eles, esse mundo não os humaniza. (FREIRE, 2015, p. 24).

²² Dentro da exposição #ocupasacy 2019, havia esse grande livro ilustrado, mostrando todos os tipos de sacys, suas histórias e seus hábitos. Todos tinham permissão de folheá-lo e encontrar o seu sacy favorito, na antiga galeria do Sesc Palladium.

Figura 7 - Roda de Conversa Exposição Cartografia Imaginária



Fonte: https://rp.santoagostinho.com.br/Cms_Data/Contents/Conteudo/Media/crop-wide/1170610CEQ28KDE8DGLG9MVsesec-palladium06.jpg.jpg. Acesso em: 05/07/2022.²³

É na roda de conversa que se divulgam os códigos necessários para a compreensão corporal no novo ambiente. Esse momento de vital importância é nomeado de pragmatismo poético²⁴ pela arte-educadora Stela Barbieri, pois as normas têm que ser seguidas, mas podem ser transmitidas com doçura, sem intimidar a experimentação. A artista defende que experiência é repertório, até mesmo comportamental, tudo é recurso para se compreender o lugar inserido.

Como inicialmente me apresento como a nova interlocutora em um grupo que já possui um histórico, a primeira reação das crianças ou é de constrangimento ou eufórica afobação, devido à sua presença em um ambiente novo, que se impõe com sua arquitetura. Nesse primeiro contato, após a mútua apresentação, expõe-se o trajeto do percurso interno, explicam-se as regras e coordenam-se os turnos de fala, sempre objetivando gerar uma atmosfera de conforto e liberdade. Alguns aderem rapidamente à proposta; outros se fecham a qualquer tipo de interação. Ambos continuam bem-vindos no espaço. Todos percebem que terão certa autonomia no modo de se dispor à experimentação.

²³ Roda de conversa com os alunos do terceiro ano do ensino fundamental I do colégio Santo Agostinho na exposição Cartografia Imaginária: A cidade e suas escritas, 2018.

²⁴ Pragmatismo poético – Cuidar da logística sem perder a poesia.

Nessa ocasião é comum observar as professoras exigindo de seus alunos determinada postura comportamental, devido à mudança de ambiente, mas lembramos-lhes que a euforia e o medo fazem parte das sensações de se deparar com o desconhecido e somente quando a visita virar hábito é que a conduta *adultocêntrica* esperada acontecerá.

Figura 8 - Exposição "Carlos Vergara Viajante: Experiências de São Miguel das Missões"



Fonte acervo pessoal, 2017.

Após as devidas apresentações, a fase seguinte é a visita ao espaço expositivo, e é nesse momento que se disponibiliza um novo mundo à criança. Esse é o melhor período para se observar como se desenvolve o processo cognitivo da criança, quando ela relaciona o momento presente com o passado que vivenciou. Também é quando o inesperado acontece e as expectativas do mediador caem por terra.

Figura 9 - Instalação Silo – Nydia Negromonte



Fonte acervo pessoal, 2016.²⁵

Figura 10 - Exposição Cartografia Imaginária

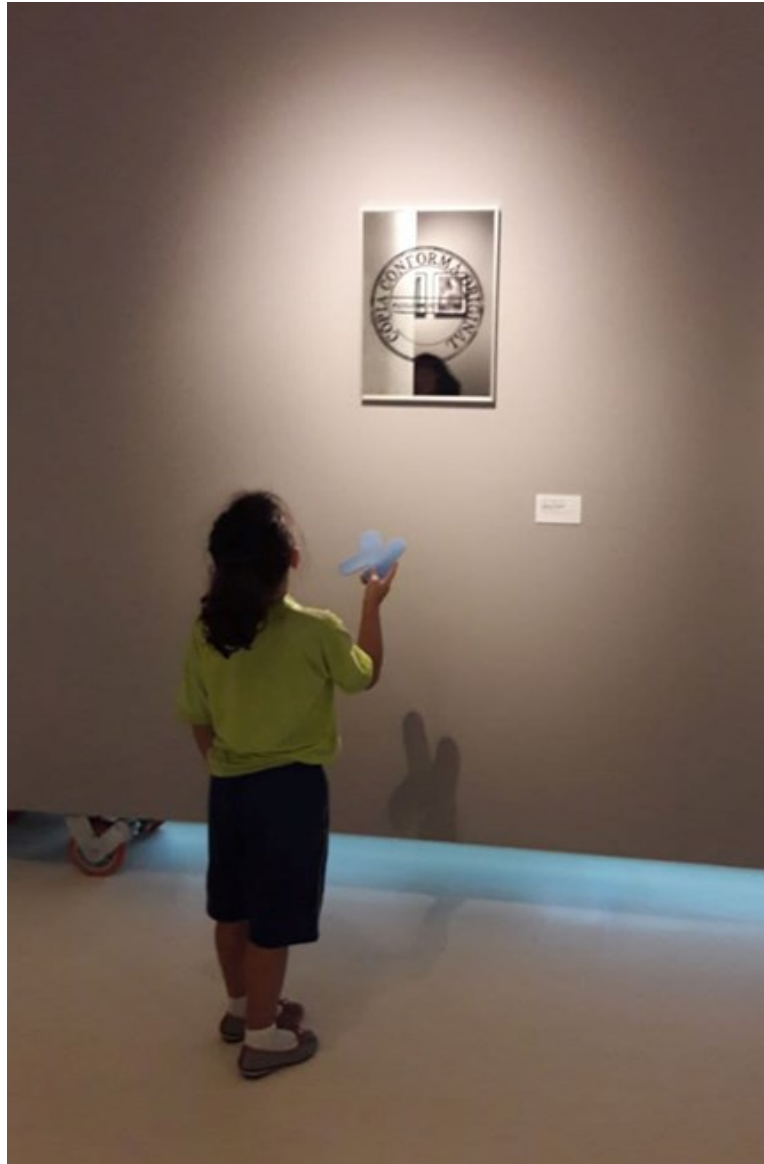


Fonte: https://rp.santoagostinho.com.br/Cms_Data/Contents/Conteudo/Media/crop-wide/1170610CEQ28KDE8DGLG9MVsec-palladium01.jpg.jpg. Acesso em: 05/07/2022.²⁶

²⁵ A extinta galeria GTO, no Sesc Palladium, recebeu a instalação Silo da artista Nydia Negromonte, na qual retratava a cultura no “debasto”, tradição familiar no cultivo da banana. <https://nydianegromonte.com>.

²⁶ Alunos do terceiro ensino fundamental I do colégio Santo Agostinho na exposição Cartografia Imaginária: a cidade e suas escritas, 2018, Belo Horizonte.

Figura 11 - Exposição Palavra Viva - 2018



Fonte: Acervo pessoal, 2018.²⁷

A última etapa corresponde ao ateliê, quando se proporciona uma prática artística de criação relacionada com o que foi contemplado na exposição, ou um jogo que estimule no tempo de experiência uma memória tátil no corpo para o desenvolvimento da criatividade, das habilidades e o bem-estar do visitante. Como explica Rita Irwin (2013), em relação à função artista-pesquisador-educador, criam-se circunstâncias que produzem conhecimentos e compreensão através de processos artísticos e educacionais.

²⁷ A exposição Palavra Viva, antiga galeria do Sesc Palladium - BH, 2018.

Figura 12 - Ateliê de Performance: Ação de Desenhar o Que Resta, 2015



Fonte: Acervo pessoal, 2015.²⁸

A efemeridade das exposições permite mais liberdade na execução de ações educativas na educação informal. Nessa ocasião, tenta-se estimular a autonomia da criança durante as criações, mas por estarem dividindo o espaço com outras crianças que lhe são familiares, observa-se o efeito em cadeia nos ateliês, uma produção de cópias, principalmente nas mais jovens. Mesmo assim, há o trabalho colaborativo entre os alunos, o apoio em conjunto para que todos alcancem o objetivo final, mesmo sendo o processo mais válido que o resultado.

²⁸ Um retroprojetor projeta linhas curvas em um papel kraft pendurado na parede; crianças com giz pastel colorido tentam ocupar com cor os espaços entre as linhas.

Figura 13 - Ateliê da Exposição Barroco Brasil - Itália, 2014



Acervo Pessoal, 2014.²⁹

Essa sequência didática é realizada em um tempo de 60 a 120 minutos, o que impede planejamentos a longo prazo e necessita de soluções imediatas. Reforço que o descrito não é

²⁹ Após visita à exposição Barroco Brasil - Itália, 2014, realizada na casa Fiat de Cultura (BH), e uma leve introdução aos significados das indumentárias usadas e suas inspirações, foram disponibilizados no ateliê: tecidos, linhas, fita crepe, plumas, lantejoulas. Em trios, as crianças se auxiliam na construção de uma personagem.

uma norma, e sim um modo aberto a imprevistos e tem que se readequar se necessário. Ressalto que, com crianças, imprevistos não são exceções e sim regras. Todas essas atuações, quando bem elaboradas, permitem ao mediador uma análise crítica tempo-social das escolas e do público que frequenta os centros culturais, pois tratamos a criança como um agente pensante ao argumentador que não se satisfaz em simplesmente observar uma obra artística, ela precisa tocar, sentir a obra, interagir, se divertir no espaço. Ela é a vertente que enriquece o questionamento exposto no centro cultural com suas impressões e temperamentos.

Figura 14 - Pietro Criou o Santo do Dinheiro no Ateliê, 2014.



Acervo pessoal, 2014.³⁰

³⁰ Na figura 14, o jovem Pietro personificou o santo do dinheiro.

4.2 Tudo é História na África – Contexto e Apreciação Triangular

Laura Sandroni, na orelha do livro **Um passeio pela África**, questionava: “Que África conhecemos? Pelo menos duas: aquela onde impera a pobreza, com toda a sua coorte de doenças, miséria e fome que nos chega diariamente pelas notícias dos meios de comunicação, e a das lendas e histórias que encantaram e encantam nossas infâncias.” (SANDRONI, 2006, in: SILVA, s. p.). Concentrarei o contexto desta pesquisa no encantamento das histórias que formam o continente africano para a composição da formação dos professores.

É na voz, no tecido, nas paredes, na pele que estão impressas as inúmeras histórias desse continente, por vezes boicotadas, mal interpretadas e até silenciadas. Só os estudos podem modificar essas errôneas concepções e dar-lhes os valores legítimos, posicionando essa cultura mais rente à nossa identidade brasileira e menos em um patamar exótico. Para isso, os contextos escolhidos para fundamentar as práticas artísticas antirracistas, na primeira etapa da triangulação de Ana Mae Barbosa, foram a oralidade proferida pelos contadores de histórias do continente africano: Dielis e Nana Benz, e as narrativas presentes nos tecidos africanos: *wax*, *adinkras*, *bogolan* e *adire*. Cada um desses itens será desenvolvido a seguir em um capítulo próprio, com as explicações necessárias para melhor compreensão sobre sua existência. As informações imagéticas aqui expostas são o que compõem a segunda base da metodologia de Barbosa, a apreciação.

Na visão de Vidal (2020), as estampas e tramas veiculam filosofias ancestrais milenares, narrativas e tradições de produção têxtil, ao passo que suas origens e suas ressignificações são valiosas para que possamos compreender a complexidade de identidades híbridas constantemente (re)valorizadas ao longo dos inúmeros trânsitos territoriais e rotas comerciais. Sendo assim, vale dizer que a roupa é um sistema de linguagem, que comunica o status social, cultural e a sexualidade do usuário, como defende Barthes (2005). Maia (2019) afirma que o simbolismo contido no ato de vestir pode ser uma das ferramentas empregadas no fortalecimento do discurso antirracista³¹.

³¹ O antirracismo é o processo ativo de identificação e eliminação do racismo por meio de mudanças de sistemas, estruturas organizacionais, políticas e práticas e atitudes, para que o poder seja distribuído e compartilhado de forma equitativa, de acordo com Centro de Pesquisa das Liberdades Cívicas de Alberta- Alberta Civil Liberties Research Centre (ACLRC). Disponível em: <https://library.fandm.edu/antiracist>. Acesso em: 15/10/2022.

4.2.1 Dieli³²

Figura 15 - Dieli Tocando sua Kora - Painel Confeccionado pela EMEI "Carlos Prates"



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

A tradição oral consegue colocar-se ao alcance dos homens, falar-lhes de acordo com o entendimento humano, revelar-se de acordo com as aptidões humanas. Ela é ao mesmo tempo religião, conhecimento, ciência natural, iniciação à arte, história, divertimento e recreação, uma vez que todo pormenor sempre nos permite remontar à Unidade primordial. Fundada na iniciação e na experiência, a tradição oral conduz o homem à sua totalidade e, em virtude disso, pode-se dizer que contribuiu para criar um tipo de homem particular, para esculpir a alma africana. (FAGE, 2010, p. 22).

Nas sociedades africanas, a palavra proferida possui um peso moral; somente admite-se exceções para as inverdades e zombarias quando essas são ditas pelo *Dieli*, uma espécie de menestrel que entretém e educa o público com músicas, histórias, poesias, além de atuar como mediador para as negociações. Alguns são contratados para registrar a genealogia de uma

³² Dieli: é o contador de histórias, poeta, músico, historiador da África Ocidental, que mantém viva as tradições africanas. Foram denominados pelos colonizadores como *Griots*.

família. Devido a esse contato com a aristocracia, os *dielis* adquiriram um status social que lhes permitia algumas liberdades de expressão e uma ornamentação na palavra dita. Esse ofício difunde as tradições, os ensinamentos, os fatos históricos e míticos, além de auxiliar as conciliações entre clãs, o que lhes garantiu o título de "a língua de seu mestre".

Viagens, investigações e boa memória, associados com cordialidade e desenvoltura, beneficiam o profissional *dieli* que, com alguns artifícios característicos do discurso oral, promove o encantamento do ouvinte. Para melhor compreensão e transmissão oral de um fato histórico e/ou mítico, a imaginação constrói uma sequência lógica espaço-temporal, que fundamenta a narrativa. De acordo com Fage (2010), sem cronologia não há história, pois não se pode distinguir o que precede do que sucede. E assim o narrador de história, ao contar sequencialmente os acontecimentos, traz para si a história; ele a torna a sua verdade. Segundo Borges (2018) colher histórias (*makas*³³) e transformá-las em estórias (*missosso*) concede voz e sonoridade. Essas organizações combinadas com o modo de como serão expressas tais informações, são o que captam a atenção do receptor, de modo que quando o *Dieli* apresenta qualquer conto o ouvinte tem a impressão de que está vivenciando naquele momento aquela história. Eis a magia da oralidade.

Essas técnicas de narrativas podem ser de grande valia a professores da educação infantil, já que seu público ainda não possui destreza no manuseio de instrumentos que se utilizam da escrita para a comunicação. As professoras da EMEI "Carlos Prates", via questionário e reuniões, expuseram fazer uso da narração de histórias com todas as idades na educação infantil. Como *dielis*, elas incorporam o contador de histórias e repassam os ensinamentos dos livros de temática étnico-racial existentes na instituição.

Apesar das tradições africanas fortalecerem que o contador de histórias é um ofício exercido por uma mesma linhagem familiar, uma sabedoria transmitida de pai para filho, e que somente serão denominados como *dielis* os que possuírem ascendentes nessa ocupação, há técnicas que auxiliam nessa prática. Como sempre utilizei o recurso de contar e criar histórias em minhas mediações, repasso artifícios que auxiliam as professoras a melhor desenvolverem na sala de aula essa função, como memórias afetivas e imaginação.

³³ Maka e Missosso - Missosso angolano (...) dentro do quadro da tradição oral autóctone, é aquela forma narrativa percebida pelo natural como sendo totalmente ficcional, no sentido em que vê nela um produto apenas do imaginário, algo não acontecido no real empírico, pois pertencente apenas à ordem da fantasia. Opõe-se, por isso, à *maka*, na origem, outra forma de narrativa que relatava um acontecimento representado como vivido, ou pelo contador, ou por alguém de sua intimidade, ou por pessoas de quem ouviu falar. (PADILHA, 1994, *apud* BORGES, 2018, p. 98).
PADILHA, L. C. Entre Voz e Letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX. Niterói: EDUFF, 1995.

4.2.2 Nana Benz

Figura 16 - Nana Benz em Togo por um Fotógrafo Desconhecido, por Volta de 1970.



Fonte: Tecido da diáspora africana • V&A Blog (vam.ac.uk). Acesso em: 24/01/ 2022.

A desenvoltura da oratória, além de todos os benefícios de perpetuar culturas e tradições, possibilitou o desenvolvimento econômico de países africanos, como a República do Togo, ao oeste do continente, dos anos de 1970 aos anos de 1990.

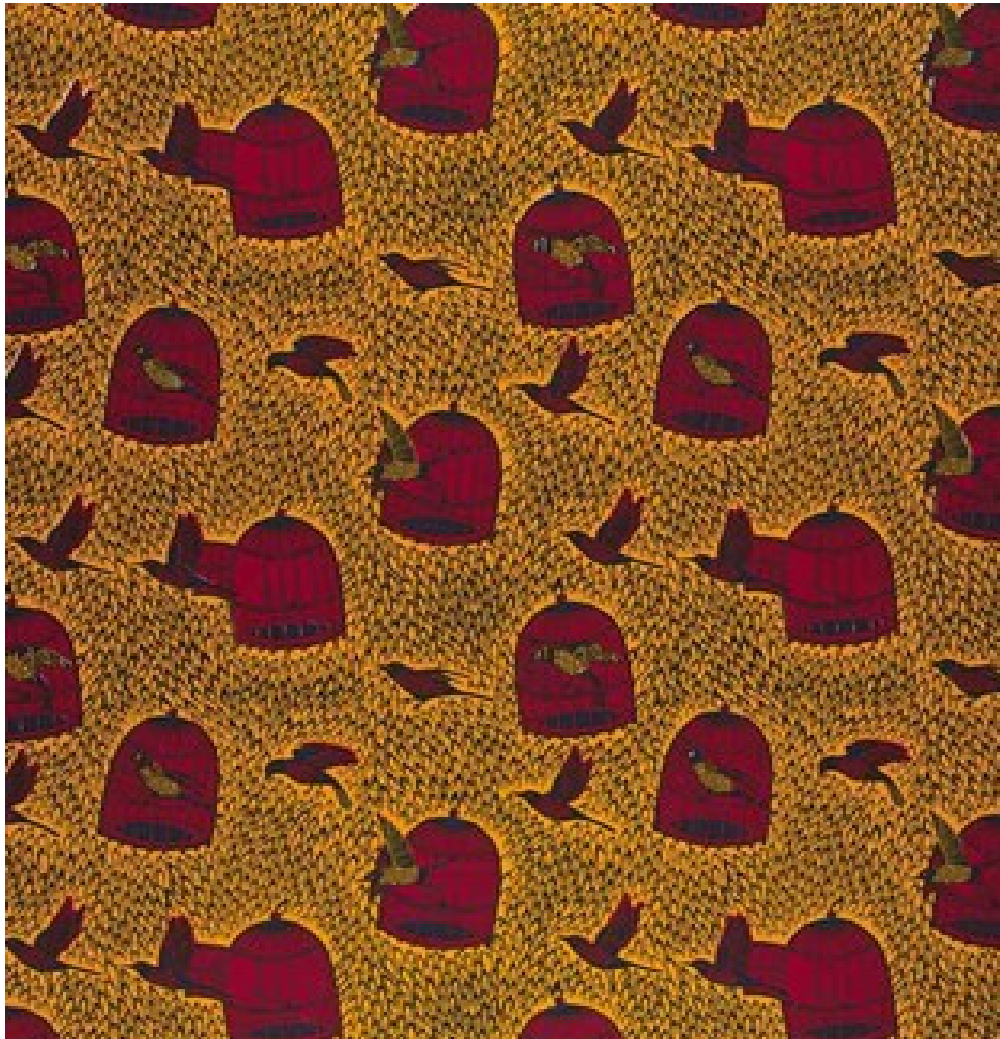
As habilidades de retórica e a engenhosidade das mulheres mercadoras togolesas eram utilizadas para personalizar cada detalhe impresso nos tecidos *Wax*³⁴, resignificando estampas ao compará-las a um aspecto de sua vida social. Tudo era válido para persuadir os compradores. Essas comerciantes ficaram conhecidas como Nana Benz (Figura 16). Foram matriarcas, outrora analfabetas, que se tornaram as primeiras bilionárias do continente. A ostentação de

³⁴ Tecido *Wax* – São tecidos feitos a partir da mecanização da técnica de Bali, o batik, que utiliza a cera na pigmentação. Originários da indústria holandesa Vlisco em 1846.

seus altos lucros ficou estampada em seus luxuosos carros Mercedes Benz, que lhes suscitou esse codinome e status social. Esses ganhos só foram possíveis porque as comerciantes se associaram como oligopólio, com o apoio do regime ditatorial do general Gnassingbé Eyadéma, de forma a controlar a importação dos produtos da indústria têxtil da Holanda, da França e da Grã-Bretanha, e assim tornaram o comércio têxtil em um império tão lucrativo que reverberou da capital Lomé à toda África Ocidental e conseqüentemente gerou uma possível emancipação feminina naquele contexto. De acordo com Vidal (2020), em relação às tramas africanas, os tecidos assumem grande importância à medida que se mostram como tela de representação para melhor entendimento do processo de construção da identidade.

O tecido *Wax*, quando chegava ao continente africano, tinha sua estampa batizada com um nome e com significados, uma mistura de provérbios com a realidade social, política e/ou religiosa, que são dados pelas próprias comerciantes. Designar um nome e associá-lo com uma ação cultural suscita uma identificação e fortalece as tradições das sociedades existentes na África. Apresento algumas estampas, suas denominações e as circunstâncias que as nomearam.

Figura 17 - Você sai, eu saio. Tecido Ankara Vlisco Holanda



Fonte: Tecido da diáspora africana • V&A Blog (vam.ac.uk). Acesso em: 28 /01/ 2022.

A interpretação dessas estampas é livre variando de região, povos e país. Alguns acabam se universalizando, como a Figura 17, com sua estampa de gaiolas e pássaros, nomeada de “Você sai, eu saio!”, demonstrando aos novos casais que a esposa não irá permitir infidelidades de seu marido, reflexo da autonomia feminina criada pelo controle da comercialização dos tecidos.

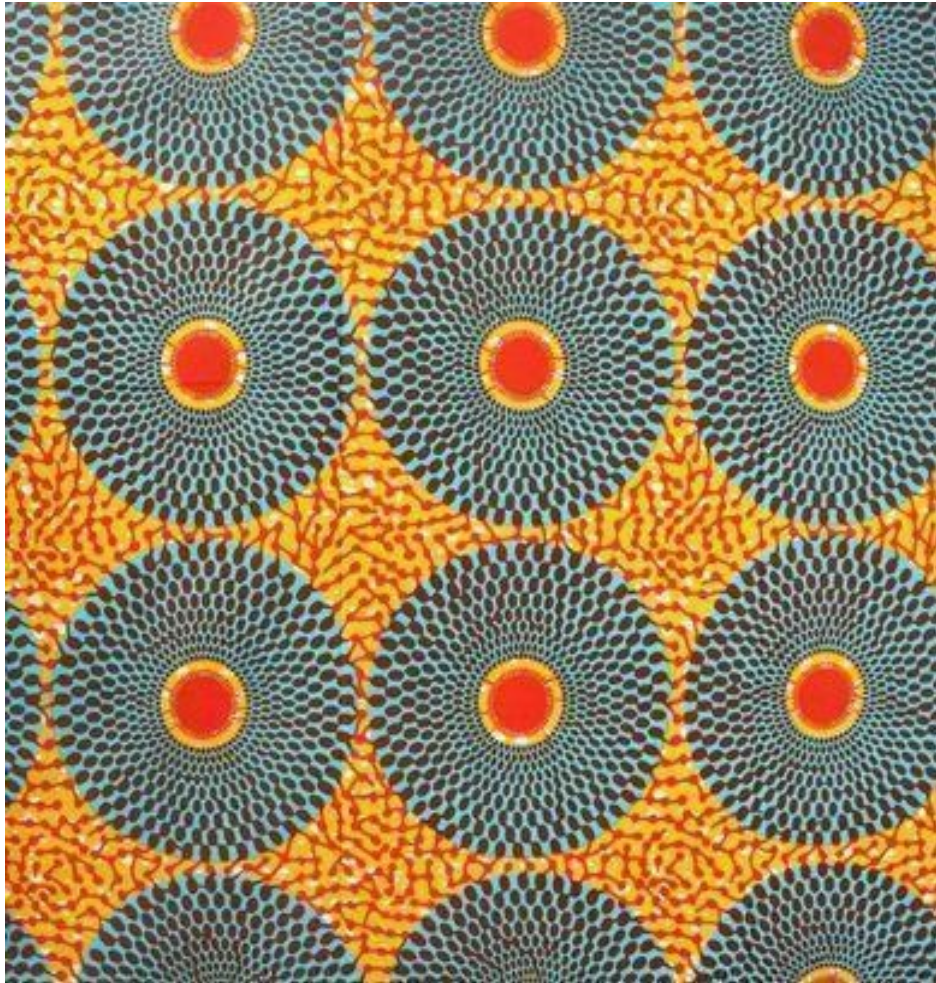
Figura 18 - *Speed Bird*. Tecido Ankara Vlisco Holanda



Fonte: Tecido da diáspora africana • V&A Blog (vam.ac.uk). Acesso em: 24/01/2022.

O padrão de pássaros voando, como apresentado pela Figura 18, sempre é relacionado como cautela financeira, como no provérbio africano “Rico hoje, pobre amanhã” ou “O dinheiro tem asas”.

Figura 19 - Nsubra, Tecido Ankara



Fonte: A história e os significados ocultos do pano de impressão de cera africana (ashantiempres.com). Acesso em: 25/01/ 2022.

Muito comum em Gana, o tecido Nsubra pode ser encontrado em diversas cores, (Figura 19). A estampa significa que nossas ações reverberam, como ondas, quando sobre suas águas é lançada alguma pedra.

Figura 20 - Angelina - Tecido Dashiki



Fonte: Melhor Angelina Fabric Dashiki imprime africano veritable block wax Batik Designs com fio amarelo-verde 24FJ2020 Fabricante e fábrica | AFRICLIFE. Acesso em: 26/01/2022.

Já alguns tecidos não se prendem ao peso das tradições e simplesmente acompanham a moda da contemporaneidade. Por exemplo, o tecido Angelina (Figura 20), que assim foi batizado devido à música homônima que fazia sucesso na época, cantada pela banda ganesa Sweet Talks³⁵. Com padronagens que remetem mais à arte manual de Java, na Ásia, é um dos tecidos mais populares e mais aberto a controvérsias. Só resta descobrir se para vendê-los as Nanas Benz cantam a música.

A variedade de estampas é tamanha que a própria fábrica holandesa, Vlisco, em seu site, pede ajuda para catalogá-los. E apesar das constantes controvérsias de apropriação ou ressignificação cultural, devido à fabricação do tecido *Wax*, em seus primórdios (1846), ser

³⁵ Música Angelina - <https://www.youtube.com/watch?v=VjtCDR2FPEU>

européia, há todo um contexto de consumo e design estético prioritário africano. Mas não vamos entrar nessa história...

Os tecidos africanos não são encontrados com tanta facilidade na capital de Belo Horizonte, como são nas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, além de possuírem preços onerosos, que variam entre 30 e 50 reais, o metro. Mas as imagens de suas estampas e padrões estão disponíveis na internet para impressão colorida ou projeções. Como pesquisadora e colecionadora desses tipos de tramas, empreguei meu acervo pessoal (Figura 34) para as atividades do ateliê durante a formação.

Nessa etapa, disponibilizei meus tecidos africanos combinados com a exposição de imagens de diferentes povos africanos e suas respectivas vestimentas. As imagens selecionadas mostram negros e negras em situações atípicas em relação ao que é exposto pela mídia. Nelas, pretas e pretos são revelados em situações de poder social, fartura, riqueza cultural, beleza estética, companheirismo, felicidade e criatividade. Fundamentando-me em Irwin (2013) e sua *A/R/tografia*, que reforça o poder e o valor de uma imagem visual, procuro com as imagens escolhidas desconstruir as imposições imagéticas que relacionam o negro com o indesejado e/ou desagradável. Como argumenta Gomes (2017), a imagem do negro continua sendo relegada ao estereótipo de ser físico e moralmente inferior. Sendo assim, se apresentar esteticamente belo é assumir os riscos de tratamento diferenciado.

Foram selecionadas 11 imagens do site Museu Online da África³⁶, as quais apresentam a pesquisa de campo das fotógrafas Angela Fisher e Carol Beckwith que, há 45 anos, registram as tradições dos povos do continente africano (Figuras 21 e 22). As fotos, após as devidas autorizações de uso (p. 189), foram impressas e plastificadas para melhor manuseio.

³⁶ africaonlinemuseum.org

Figura 21 - Rei Ashante de Gana & Povos Wodaabe de Níger



Fonte: Angela Fisher e Carol Beckwith, africaonlinemuseum.org. Acesso em: 09/02/2022.

Figura 22 - Guerreiros Massai & Nobre Tuaregue



Fonte: Angela Fisher e Carol Beckwith, africaonlinemuseum.org. Acesso em: 09/02/2022.

O artista cria novas possibilidades de significar a funcionalidade de objetos, de catalogar normas e leis de acordo com seu mundo individual, de alterar nossas percepções e desmontar paradigmas fixos e imutáveis. (BARBIERI, 2008, p. 58).

De maneira que os tecidos e as imagens fotográficas combinados nutrem a imaginação dos participantes para produzir e/ou reproduzir novas vestimentas durante o ateliê na formação. Sutilmente, reeducamos a concepção estética do participante, reposicionando o negro e sua cultura e lhe atribuindo o merecido protagonismo.

4.2.3 Adinkra

Figura 23 - Confeção de Tecido Adinkra



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%ADmbolos_Adinkra. Acesso em: 28/01/ 2022.

A história africana está na voz e ressoa pelo resto do corpo, ao seu redor, nos lugares e objetos. Apesar de ter uma estética simétrica e acentuada, bem característica, suas formas e significados não são explícitas e de conhecimento da maioria. Educar o olhar, não só para conseguir ler essas histórias, mas para aceitar como uma nova possibilidade de beleza plástica, é também uma forma de fortalecer uma cultura e quebrar estigmas. Aproveitando que há

algumas histórias visuais, grafadas com símbolos, me apropriado da técnica de tintura conhecida como Adinkra, para confeccionar carimbos, e difundir mais uma tradição cultural muito utilizada em Gana.

Minhas experimentações de mediação, na educação informal, provaram que há uma grande apreciação de todos os públicos quando o ateliê trabalha com a manipulação de carimbos. A proposta combina a riqueza simbólica de uma grafia diferente com o público que ainda não está corrompido pelas formalidades da alfabetização.

Nas sociedades tradicionais, o passado é venerado e os símbolos são valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações. A tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço. (GIDDENS, 1990, *apud* HALL, 2006, p. 14)³⁷.

Os trajes com símbolos adinkras são uma conexão entre a vida e os seus ancestrais, o presente e o futuro. O padrão da estamparia possui símbolos grafados em cor preta, com significados históricos, alegóricos ou místicos, disponibilizados de forma retilínea e estampados em tecidos coloridos, como uma mensagem divina de conhecimento que transpassa encarnações. Essa vestimenta é utilizada em ocasiões especiais, momentos que exigem colorações específicas para o tecido, que fica envolto ao corpo como uma toga. Os símbolos são impressos utilizando carimbos esculpido em casca de cabaças (Figura 24), com uma tintura feita de um corante preto produzido pelo cozimento de casca de árvore com resíduos de ferro. O parâmetro tradicional consiste na combinação do mesmo símbolo ou de dois símbolos diferentes em quadros criados por divisões lineares feitas com um pente, ou seja, o pente e o carimbo agem como pincéis (Figura 23).

Como a concretização da técnica e dos materiais tradicionais para este exercício – a tinta quente e o entalhe – não são seguros para as crianças de 4 e 5 anos, é necessária a adaptação da prática a ser utilizada durante o ateliê. Apesar de ter terceirizado a confecção dos carimbos, foi preciso realizar uma triagem, pois há mais de 50 símbolos adinkras diferentes e não há verba de patrocínio. Para evitar queimaduras, nos contentaremos com a almofada de carimbo e a tinta de tecido. O aprendizado atentar-se-á para a concepção estética e a ideia de estar propiciando um momento tão significativo que proporcione novas vivências.

³⁷ GIDDENS, A. As Consequências da Modernidade. Cambridge: Polity Press, 1990.

Figura 24 - Carimbo de Cabaça Adinkra



Fonte: <https://www.britishmuseum.org/collection/image/355398001>. Acesso em: 24/03/2022.

Disponibilizo tiras de tecido tricoline coloridas com 15 cm de largura e 50 cm de comprimento, onde são carimbados diferentes emblemas adinkras, escolhidos e justificados pelas professoras. A cor escolhida do tecido foi a laranja, sem relacioná-la às ocasiões nas quais é usada, assim determinada para harmonizar na montagem do produto final.

4.2.4 Adire e Índigo

Adire³⁸ é um tecido tingido artesanalmente, com padrões definidos em azul e branco, feito graças a métodos de amarração que impedem a determinadas áreas absorverem a tinta (tingimento por resistência). Esses panos adquirem uma coloração azulada quando imersos em uma mistura química de soda cáustica e pigmentação oriunda da fervura de folhagens de índigo. Após ser submergido nessa composição, é estendido para secagem e, em seguida, com uma espécie de martelo de madeira, esse tecido recebe marteladas que lhe garantem o brilho.

³⁸ Significa amarrado e tingido, como o termo *tie-dye*.

Tradicionalmente feito pelas mulheres do povo iorubá (Figura 25), etnia do sudeste da Nigéria, é o método de tingimento mais encontrado em quase toda a África. Para Picton e Mack,

[o] padrão singular neste pano dá o efeito da explosão cósmica - uma série de explosões sincronizadas de energia irradiando através da superfície. Para produzir esse design dinâmico em diferentes intensidades de azul contra o campo branco, o pano foi amassado e vagamente amarrado antes de ser imerso em índigo... Embora o design possa parecer resultado de um experimento casual, um alto grau de controle é necessário para alcançar o mesmo (PICTON; MACK, *apud* LA GAMMA; GIUNTINI, 2008, p 148).

Figura 25 - Mulheres Iorubás e Artesão nigeriano, Confeccionadores de Tecidos Adire



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/540009811539287670/>. Acesso em: 10/03/2022.

A complexidade dos padrões, que vão de figuras geométricas a desenhos de plantas, animais, pessoas e constelações, variam de acordo com a habilidade do artista/artesão. A figura escolhida se repete diversas vezes até completar o tecido.

Caberá ao participante descobrir como resultará seus enlaces durante a atividade. Para o ateliê aqui apresentado, disponibilizei pedaços de tecidos tricoline branco com 36 cm², garfos, barbantes, elásticos, colheres, corante índigo, bacia e potes para auxiliar as composições. A

técnica tradicional é feita com soda cáustica, água fervendo e folhagem de índigo. Foi necessário substituir por sal, água morna e corante industrial para viabilizar a ação a pessoas de todas as idades no ateliê.

4.2.5 Bogolan

Figura 26 - Tecidos Bogolan Expostos para Secagem



O Pano de Lama Bogolan - O Lar Étnico (theethnichome.com). Acesso em: 29/01/ 2022.

O bogolafini ou bokolafini, traduzido como roupa feita de lama, é originário de Mali. Nesse tingimento é utilizada uma lama coletada à beira dos rios, que é posta para fermentação durante um ano, até adquirir uma coloração preta. Essa tinta é aplicada sobre um tecido amarelo, quimicamente preparado. O contato causa uma reação que fixa a pintura no tecido. Essa vestimenta era utilizada para camuflar caçadores, enquanto as mães pintavam os tecidos com mensagens para suas filhas recém-casadas. Atualmente, são trajés usados por mulheres em períodos de transição como casamentos, partos, velórios.

Como o adinkra, o bogolan tem diversos símbolos, mas a atenção da atividade será criar uma composição artística utilizando lama. Como não há tempo hábil para fermentação, o efeito da tinta será uma mistura de argila, água e cola branca, aplicados com o auxílio de esponja e

pregadores sobre estêncil e fita crepe. Para desconstruir o método, a coloração preta já virá do tecido, enquanto as tinturas serão vermelha e amarela.

Definidos os contextos a serem trabalhados e como seriam expostos através de projeções, fotos, objetos para apreciação das professoras durante a formação, inicia-se a fase de teste das experimentações a serem aplicadas durante o ateliê. Como em um laboratório, personifico a cientista, como defendido por Barbieri:

O artista também é um cientista. Experimenta materiais díspares, entrega-se à curiosidade, estuda avanços tecnológicos e os incorpora em suas práticas para construir objetos, instalações (tecnológicas ou arquitetônicas) ou até mesmo uma pintura cuja tinta é elaborada apenas por meio de processos químicos. (BARBIERI, 2008, p. 57).

De todas as etapas deste mestrado, essa investigação com os materiais é o momento com o qual mais me identifico como artista e pesquisadora. É por essa ocasião, e todas vivências e sensações que ela me propicia, que faço arte. Por ser um processo demasiadamente íntimo e confuso, considero desconfortante diagramá-lo para compreensão alheia.

4.2.6 A Pesquisa com os Materiais

Após dois anos de pesquisa para decidir os conteúdos escolhidos a serem abordados durante a formação e o elo entre os mesmos, foram definidas as práticas artísticas correspondentes a cada assunto. As ações desenvolvidas para aprimorar as contações de histórias, inspiradas na função do Dieli, já eram de meu conhecimento, pois anteriormente ministrei alguns cursos para professoras que desejavam contar histórias.

A prática de tintura com os carimbos adinkras foi escolhida por observar, durante os anos de mediação, que esse tipo de atividade é contagiante. Por faltar-me desenvoltura com trabalhos manuais, terceirizei a confecção do carimbo. A experiência de confecção durante a oficina só seria válida se fosse desenvolvida sem a utilização de objetos cortantes, pois o público alvo final são as crianças. Essa foi a ação que mais apresentou dificuldade durante a experimentação, pois o suporte no qual são aplicados o carimbo interferem completamente na criação. O ato de carimbar em um papel é diferente de quando a mesma ação é feita em tecido,

uma vez que texturas e porosidades intervêm a ponto de modificar o resultado. Essa foi, portanto, a adequação mais complexa. Os países africanos que utilizam essa técnica o fazem com materiais como cera quente, enquanto essa ainda se encontra em uma espécie de fogareiro. Ao tentar fazer essa prática mais segura e viável a crianças, estraguei a panela elétrica. Como o resultado foi insatisfatório, substitui a cera por tinta de tecido, que também não alcançou o efeito desejado. Ou seja, o caminho que acreditei ser o mais simples não foi. Mesmo completamente frustrada, levei a atividade para a formação com as professoras, torcendo para que salvassem o investimento de 150 reais, o que elas fizeram com louvor.

A experimentação em Adire se iniciou com a busca do tecido adequado que fosse financeiramente acessível e de fácil tingimento. Duas opções vieram à tona: algodão e tricoline. A testagem com tiras de tecido 100% algodão demonstraram que suas tramas mais espessas interferem na nitidez do tingimento e que, devido a serem vendidos engomados, seria preciso retirar a goma antes de aplicar qualquer tintura, o que necessita de panelas grandes e água fervendo. Enquanto o tricoline, com suas tramas mais unidas e por não ser engomado, facilitava o trabalho de preparação. Outro fator determinante para a escolha do tricoline como tecido foi seu caimento que, esteticamente, proporciona elegância e status como demonstrado nas fotografias. Essas características favorecem a criação de uma vestimenta, se necessário. A testagem dos tingimentos nesses tecidos foi realizada com produtos alimentícios, como: temperos, café, gelatinas, refrigerantes etc, o que torna o material seguro para a manipulação, se a atividade for realizada por crianças. Excetuando as colorações trazidas pelo café e pelo açafraão, as demais não satisfizeram a pesquisa. Após esses testes, a dificuldade foi conseguir algo naturalmente azul. A tintura feita com fanta uva se aproximou, mas sua tonalidade ainda era muito desbotada, e nossa referência dos povos Tuaregues exigia intensidade. A etapa seguinte foi a tentativa de adquirir as folhagens de índigo, que só por encomenda seria viável. Restou-me aceitar a coloração em pó pronta, pois somente essa dava o resultado estético aproximado ao real. Agora resta pesquisar se há prejuízo à natureza no descarte do resíduo desse material ao final das formações.

A pesquisa com o material do bogolan necessitou de uma reformulação estética. O material principal, a lama, gerada na concepção original, é preta, para que o design criado por ela se evidencie. Portanto, o tecido de suporte deveria ser branco ou claro. Como essa cor já seria utilizada na criação do Adire, optei por colocar o suporte preto, enquanto a lama traria as colorações mais vivas: vermelho e amarelo. Escurecer o suporte, conseqüentemente, gerou a necessidade de fortalecer a cor a ser aplicada, de forma que impedisse a descoloração caso

fossem feitas lavagens. Para isso foram misturadas tintas, gomas e cola branca. Essa última opção foi a escolhida após as amostras serem testadas na máquina de lavar.

As dificuldades com os tecidos *Wax* foi eu permitir que objetos de grande estima fossem manipulados por outra pessoa que não fosse eu. Como esses tecidos são engomados, possuem difícil maleabilidade. Então foi preciso adquirir mais tecidos “moles”, e com estéticas, parecidas para auxiliarem na criação das vestimentas.

Como citado anteriormente, a experimentação e a manipulação de materiais é o meu momento favorito, tudo foi comprado e testado em duas semanas em meu apartamento, que se encontrou feliz entre lamas, com utensílios de cozinha encerados com detalhes em azul, da cor do mar.

5 ENCONTRO COM AS PROFESSORAS

Figura 27 - Convite criado pela EMEI "Carlos Prates"



Fonte: Secretaria da EMEI "Carlos Prates", 2022.

Quando o professor se posiciona, consciente e explicitamente, do lado dos interesses da população majoritária da sociedade, ele insere sua atividade profissional – ou seja, sua competência técnica – na luta ativa por esses interesses: a luta por melhores condições de vida e do trabalho e a ação conjunta pela transformação das condições gerais (econômicas, políticas, culturais) da sociedade. (LIBÂNEO, 1990, p. 48).

Quarta-feira, dia 9 de março de 2022, a coordenação da EMEI "Carlos Prates" entrou em contato para confirmar nosso encontro no sábado seguinte, dia 12 de março, e me enviou o convite (Figura 27) que criou para reforçar a participação das professoras, uma gentileza que me motivou bastante. Até a noite anterior ao encontro, apenas 7 pessoas haviam preenchido o questionário, por isso preparei material para o dobro de participantes. Uma das etapas para aplicação de uma educação antirracista é a busca de conhecimento e/ou de interesse que parte do próprio professor, e apesar de ser um projeto de mestrado acordado com os superiores da instituição, observa-se que o corpo docente se dispôs ativamente a participar desse encontro.

No planejamento, a formação dos professores do projeto Planeta África começaria dando voz às participantes, seus relatos, suas experiências, suas dúvidas e seus medos ao tratarem as questões étnico-raciais na escola. Além de expor as práticas artísticas antirracistas que já trazem para sala de aula, uma roda de conversa, apresento a tradição viva do contador de histórias, o *Dieli*, e explico a importância e as milhares de funções e nomeações que este recebe nos diferentes países do continente africano. Utilizo sempre muitas imagens exaltando a beleza do povo negro, para ampliar o repertório do docente. Durante o ateliê, tem início uma viagem com a prática artística das tradições de alguns povos africanos. Começamos pelo deserto do Saara, com o povo tuaregue com suas lendas e suas tradições, os quais tingem de azul a pele e seus tecidos Adire, enquanto os malineses fixam com barro, nas paredes de suas casas e em suas roupas, mensagens sociais com a técnica bogolan. Ao mesmo tempo, os ganeses contam histórias por gerações através de símbolos Adinkra. Finalizamos esse encontro vestindo rainhas, guerreiras, noivas e/ou feiticeiras com os tecidos *wax*, inspirados nos diversos povos das dezenas de países da África, aproveitando as artimanhas das comerciantes Nana Benz.

5.1 Ateliê: Espaço

Figura 28 - EMEI "Carlos Prates" com Painéis Pintados pelas Professoras da Instituição



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

A organização e o cuidado do ambiente e dos materiais [...] promovem a cooperação, o raciocínio profundo e a criação de significados entre todos os membros da comunidade de aprendizagem. (GANDINI, 2012, p. 18)

Figura 29 - Painel Criado pelas Professoras da EMEI "Carlos Prates"



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Sábado, dia 12, às 7h da manhã, cheguei à escola para organizar o espaço. O local escolhido foi o refeitório da instituição, por ser espaçoso e possuir 6 longas mesas, cada uma com um par de compridos bancos. Na reunião com a coordenação, elas comentaram que preparariam o espaço com o material que já usaram no ensino dessa temática. Qual não foi a minha surpresa ao me deparar com 4 lindos painéis (Figura 15, Figura 28, Figura 29), pintados manualmente com representações da comunidade negra. Tínhamos um *dieli* contando histórias e figuras de mulheres negras em coloridos vestidos, o que aumentou a sensação de acolhimento da proposta. Em conjunto com essa ambientação, disponibilizei, sobre as 6 mesas, os materiais correspondentes a cada prática planejada.

A primeira mesa (Figura 30), correspondente ao contexto do *dieli* e de outras práticas artísticas de educação antirracista, preparei materiais como um grande mapa do continente africano, estátuas africanas, cabaças, abayomis³⁹, livros, papéis com diferentes tons de pele, pentes-garfo, baralhos com imagens do folclore brasileiro etc. Ferramentas que inspiram as professoras a escolherem o caminho para trilhar essa luta.

5.2.2 Mesa 2: Tecidos *Wax*

Figura 31 - Projeto Planeta África - Tecidos *Wax*⁴⁰



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

³⁹ Abayomis - bonecas criadas por Lena Martins.

⁴⁰ Tecidos Wax - Representação das estampas de tecidos tradicionais: bogolan, kente, animal print, floral, adinkra, samakaka. Kente - tecido real dos povos Ashanti, Gana. Samakaka - tecido angolano.

Figura 32 - Projeto Planeta África – materiais de apoio para a composição de figurino.



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Na segunda mesa (Figuras 31 e 32) distribuí os tecidos *Wax* e miudezas de armarinhos de costura que, combinados com as imagens fotográficas de Angela Fisher e Carol Beckwith, dos povos africanos (Figuras 21 e 22), ajudam na composição dos figurinos pelas professoras. Como Gandini (2012), na defesa da utilização do ateliê, a intenção era de conduzir a escola para direções mais ricas, mais complexas e mais rigorosas; por novos caminhos antropológicos e culturais.

5.2.3 Mesa 3: Técnica Bogolan

Figura 33 - Projeto Planeta África - Materiais de Apoio para Confecção de Bogolan



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Figura 34 - Formação de Professoras Planeta África



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Figura 35 - Confeção de Tecido Bogolan



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Na terceira mesa ficaram os equipamentos necessários para a realização da técnica de Bogolan, como mostrado nas Figuras 33, 34 e 35. Dois potes de argilas (uma amarela e uma vermelha), cola branca, palitos de picolé, potes, fita crepe, stencil e retalhos de tecido tricoline preto, medindo 20 cm². As instruções foram feitas oralmente, para não induzir a uma única forma de manuseio, pois o erro também faz parte do processo. O atelierista⁴¹ indica uma via para a prática correta. É opção do participante experimentá-la, usando ou não seus conhecimentos prévios.

⁴¹ O termo "atelierista" foi criado por Loris Malaguzzi (criador da abordagem Reggio Emilia) para designar um profissional da área das artes que deveria estar inserido na escola da infância como mais um educador.

5.2.4 Mesa 4: Técnica Adire

Figura 36 - Projeto Planeta África – Materiais de Apoio para a Composição Adire



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

As composições em Adire foram realizadas na quarta mesa, com tecidos brancos medindo 36 cm², potes vazios, elásticos, garfos, corante em pó cor índigo e uma grande bacia (Figuras 36 e 37). Essa técnica de tingimento de resistência lida com o sentido do tato de forma vigorosa, pois o material elástico requer coordenação motora fina. Os equipamentos eletrônicos e as documentações de permissão da pesquisa ficaram a cargo da pesquisadora, isolados na quinta mesa.

Figura 37 - Formação de Professoras na Prática de Tingimento Adire



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

5.2.5 Mesa 5: Técnica Adinkra

Figura 38 - Material de Apoio para Composição Adinkra: Carimbos e Tecidos



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.⁴²

⁴² Símbolos adinkras escolhidos no anexo, página 164.

A última mesa, voltada para metodologia de pintura adinkra, Figuras 38 e 39, continha tricolines laranjas cortados em faixas, garfos, tinta de tecido preta, 8 carimbos com seus significados e almofada. Uma prévia da estética da arte adinkra conduziria a composições próprias das professoras, reforçando que não há aleatoriedade e sim planejamento nessa forma de tingimento.

Figura 39 - Pintura de Linhas com o Auxílio de Garfos para Confeção de Tecido Adinkra



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

5.3 Experimentação - O Fazer na Triangulação

Sábado letivo, 8h da manhã, com uma expectativa de 7 a 9 professoras confirmadas, e o projeto Planeta África preparado para um imprevisto de 16 pessoas. Chegamos à marca de 22 participantes (Figura 67). Essa situação forçou a reformulação da dinâmica planejada que, inicialmente, almejava a participação das professoras juntas em todas as etapas. Organizei o espaço para que em cada ação/mesa houvesse um grupo de 5 a 6 pessoas, subdividindo assim as participantes e favorecendo o trânsito entre as etapas a quem se interessasse.

Figura 40 - Abertura do Projeto Planeta África por Themis Lobato



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Apesar da atmosfera lúdica e descontraída construída propositalmente no espaço, o encontro se iniciou com as formalidades de assinatura das permissões e com a importância das respostas do questionário online; esse último foi disponibilizado para preenchimento desde o dia 8 de fevereiro de 2022. Iniciei a roda de conversa me apresentando e explicando a proposta de práticas artísticas para uma educação antirracista. As participantes se apresentavam e descreviam práticas que elas desenvolveram ao longo de anos de docência. Para Franco (2005), a voz do sujeito faz parte da tessitura da metodologia da investigação. Os depoimentos aqui descritos, estão afetados com a minha interpretação, e o motivo é que o discurso quando proferido durante a informalidade de uma roda de conversa, não vem com a burocracia exigidas da academia, e nem em uma ordem lógica. Vem cheio de interrupções, atravancados de falas sobre falas, que somente a pós-produção, durante a análise do áudio captado, possibilita a criação de uma linha narrativa compreensível.

A participante Y4 reportou que em países do exterior, como Alemanha, esse tipo de encontro e cursos com a temática racial são frequentes e obrigatórios para ingressar na universidade, e que não sente a mesma preocupação no Brasil; disse também que, no estado da Bahia, as instituições educacionais já desenvolvem disciplinas com a temática étnico-racial. Nesse mesmo estado já existem escolas totalmente voltadas a esse viés, como a escolinha

"Maria Felipa"⁴³, uma instituição particular em Salvador, e que a Educação para as relações étnico-raciais (ERER) está cada vez mais presente em cursos de formação de professores. Com as projeções por mim criadas, reforço os pontos defendidos por Djamila Ribeiro (2019) para a construção de uma educação antirracista. Durante o projeto, não há uma imagem sequer de miséria e fome; os negros são apresentados com beleza, talento, saúde, elegância e status de realeza.

A professora Y5 nos trouxe a literatura de Ruth Rocha, com o livro *O amigo do rei*, com o qual ela trabalhou a autoestima da pessoa negra e descreveu o processo de evolução comportamental de seus alunos diante dessa ação. Demonstrei que o movimento artístico Afrofuturismo, desenvolvido com o filme **Pantera Negra** e nas músicas de Sun Ra e Beyonce, pode assessorar nesse mesmo quesito de nutrir o orgulho de ser negro. As professoras reforçam que a literatura é um dos meios mais utilizados para tratar questões étnico-raciais, talvez por terem o apoio municipal com kits de literatura afro-brasileira que trazem pontos específicos bem evidenciados, como cor, cabelo etc., a serem trabalhados. Pois como GOMES (2017, p. 98) reforça que a ideologia de raça biológica encontra nos sinais diacríticos “cor da pele”, “tipo de cabelo”, “formato de nariz”, “formato do corpo”, o seu argumento central para inferiorizar os negros.

Y6 conta que ao abordar a questão da identificação das tonalidades de pele na sala de aula, se deparou com errôneas identificações feitas pelas crianças e que para ajustar isso, foi necessário um longo processo.

A participante Y7 indagou se há por parte dos músicos brasileiros uma atuação questionadora em relação às discussões étnicas. Trouxe o exemplo da cantora preta Mc Soffia que, desde jovem, faz composições musicais com a temática negra. Exemplifiquei com mais alguns cantores, mas reforço que não é só um ato de compor; é necessário um espaço de divulgação com grande alcance, por mais que atualmente haja a internet.

As docentes também descreveram diferentes práticas já realizadas na EMEI "Carlos Prates", como comidas típicas, artesanato com bijuterias, pinturas, histórias do baobá, utilização de lápis cor da pele para a auto identificação racial e imagens de personalidades famosas negras e suas histórias, retratadas em grandes painéis, todas essas ações aplicadas no decorrer do ano letivo. Comento que o prazo amplo de atuação interfere na observação do processo. A educação

⁴³ Escolinha Maria Felipa - Disponível em: <https://primeirosnegros.com/escolinha-maria-felipa/>

formal tem o privilégio de poder planejar a longo prazo e acompanhar a evolução e efeito do ensinamento, o que na educação informal é efêmero.

A docente Y8 narrou sua experiência ao contar a história do livro *O cabelo de Lelé*, da escritora Valéria Belém, quando um de seus alunos, um menino de 4 anos, repudiou todos os cabelos apresentados nas ilustrações. Ela reforçou que na época os cabelos lisos ainda eram a preferência na sociedade. Comentou que ao perceber esse problema, focou sua atuação na demonstração de que o cabelo crespo tinha sua beleza e particularidades.

A estigmatização do cabelo dos negros não ganhou sua intransigência histórica por ser uma mera ideia: uma vez que consideramos aquelas sociedades criadas com base na economia do comércio de escravos - os Estados Unidos e Caribe especialmente [...] podemos ver que onde a raça é um elemento constitutivo da estrutura social e da divisão social, o cabelo permanece poderosamente carregado com moeda simbólica. (MERCER, 1994, p. 102).

Figura 41 - Tranças Nagô⁴⁴



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

⁴⁴ Trança Nagô – trança de origem africana, feita rente à cabeça.

Y9 descreveu que ao utilizar o livro *Chico Juba*, de Gustavo Gaivota e Rubem Filho, entendeu que o assunto cabelo necessita de policiamento contínuo, de termos e comportamentos, e que o trabalho deve ser feito nas escolas e nos lares. A professora Y10 relatou que as opiniões emitidas sobre os cabelos começam em casa e que algumas vezes até a escola reforça o preconceito, Gomes (2019, p. 166) relata que as crianças negras e mestiças, principalmente as meninas, aprendem a construir uma imagem distorcida de si mesmas. A participante comenta que quando havia disponibilidade do banho dos alunos na EMEI, conseguiu trabalhar a autoestima da criança ao pentear, trançar e cuidar afetuosa dos cabelos crespos. Comentou que nesse momento eram trazidas pelas crianças as comparações de como seus cabelos eram tratados em seus lares, e que a falta de paciência dos pais era um ponto em comum. Explanou que, desde a suspensão da prática do banho e do pentear, sente falta da essência da criança que era exposta nesse momento de cuidado. Expôs que teve a mesma criação, já que até os 16 anos, por imposição materna, teve cabelos curtos⁴⁵. Coincidentemente, nesse momento, o turbante que eu usava, figurino planejado para fazer uma combinação estética com o ambiente, caiu. Aproveitei e mostrei minhas longas madeixas e narrei as dificuldades, os constrangimentos e perigos vividos quando se é jovem e se busca a aceitação de sua estética no ambiente escolar. Meu gesto de libertação inspirou a funcionária de apoio a desfilas movendo seus lindos cabelos naturais.

O cabelo é um dos elementos mais visíveis e destacados do corpo [...] a forma como é tratado e manipulado, assim como sua simbologia, difere de cultura para cultura. Esse caráter universal e particular do cabelo atesta sua importância como ícone identitário (GOMES, 2019, p.254)

⁴⁵ Nos anos 80, penteados curtos eram nomeados de Joãozinho, o que impunha até um gênero aos que dele utilizavam. Devido a isso, e ao nome diferenciado, o questionamento de gênero sempre me acompanhou.

Figura 42 - Professora Trançando as Demais Participantes durante o Projeto

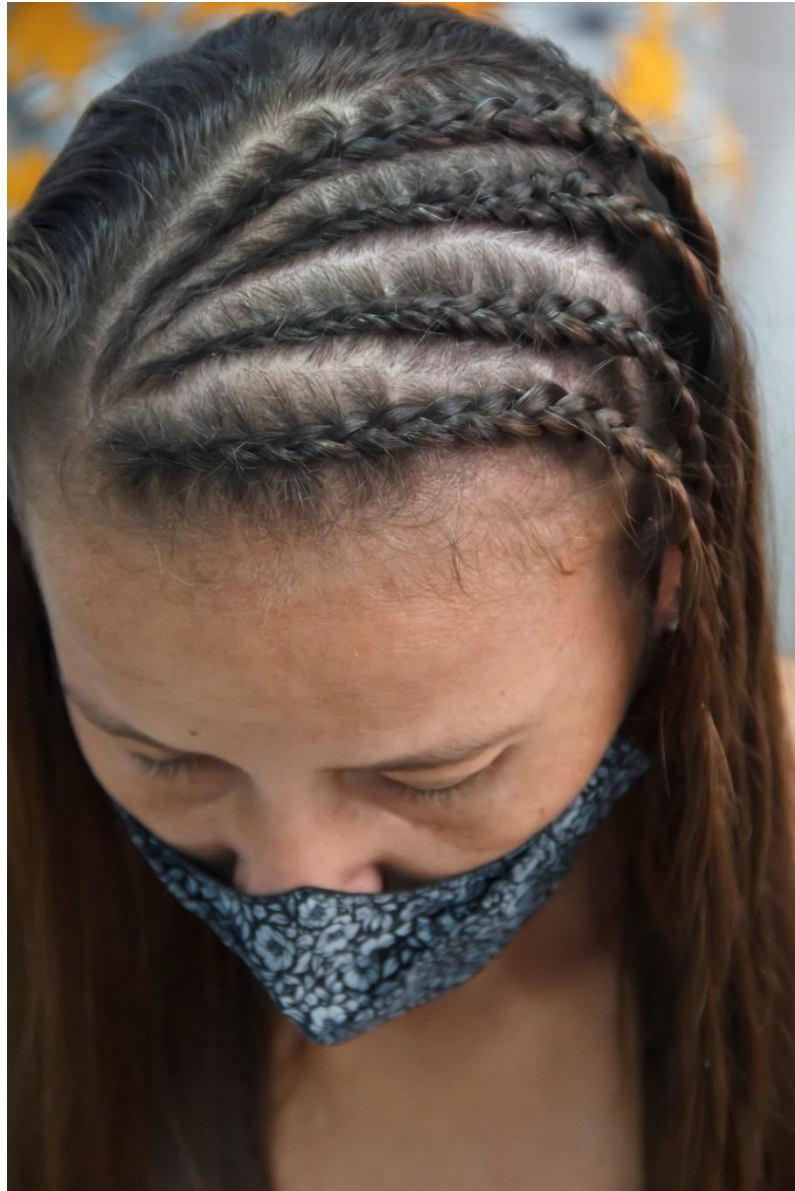


Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

A participante Y11 se denominou aspirante a trancista, e descreveu a evolução do trançar dos cabelos negros. Disse que antigamente esse serviço levava até 12 horas, o tipo de material que influenciava nesse tempo, pois interfere na movimentação tátil, eram o nylon e o Kanekalon⁴⁶. Atualmente usam o jumbo e levam em torno 2 horas. Interessante perceber que na roda de conversa com as mulheres o que não falta é história sobre cabelo. Poucos minutos após se apresentar, Y11 já estava trançando o cabelo das companheiras (Figuras 41 a 43).

⁴⁶ Kanekalon - um tipo de cabelo sintético, utilizado para fazer extensões capilar e penteados.

Figura 43 - Trança Nagô Finalizada



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Após uma participante definir seu cabelo como RUIIM, a professora Y12 reforçou a atenção sobre algumas palavras que ainda teimamos em reproduzir e a dificuldade de se livrar de velhos hábitos, que a luta antirracista não descansa, e é responsabilidade de todos, negros e brancos, como diz Ribeiro (2019), ao defender a tomada de atitudes antirracistas para quem busca uma postura ética em sua existência.

Mama África tem
 Tanto o que fazer
 Além de cuidar neném
 Além de fazer denguin'
 Filhinho tem que entender
 Mama África vai e vem
 Mas não se afasta de você
 Mama África – Chico César ⁴⁷

Figura 44 - Ministrante Themis Lobato, Treinando a Maternidade



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Y13 descreveu a experiência com as bonecas negras e o processo que teve que construir para modificar a rejeição inicial das crianças, um trabalho que envolveu até os familiares dos alunos. Trouxe a boneca negra, que se tornou alvo de disputa de afeto entre as crianças e as professoras. Essa boneca, denominada de mascote, faz parte de um projeto itinerante, que propõe que a cada sexta-feira uma criança a leve para casa e que através de fotos demonstre seu dia a dia interagindo com o lar e a família do aluno. E eu, como uma mãe atarefada, encaixei o bebê na cintura e continuei a oficina (Figura 44).

⁴⁷ (1) Chico César - Mama África (Clípe Oficial) - YouTube e (1) A história de "Mama África" - YouTube

As apresentações das professoras seguiam com a narração de suas experiências com a temática étnico-racial. Com essas respostas, ficou claro que eu não precisava me deter muito tempo em explicar a importância e a necessidade desse tipo de ação e, sim, fomentar novas ideias a partir das experiências e saberes que demonstraram possuir.

Fortalecendo a concepção de Ribeiro (2019), de que para construir uma educação antirracista temos que ler autores negros, a cada tema exposto pelas professoras mostrei uma nova forma de trabalhá-lo em sala de aula, fundamentada em práticas já realizadas por artistas, educadores ou escritores negros. Para este projeto, antes de decidir as atividades que trabalharia, pesquisei as ações já praticadas para sugerir diferentes possibilidades às professoras e ampliar as identificações, facilitando novas realizações.

Após as apresentações, um singelo *breakfast*, para energizar e evidenciar os diferentes momentos dessa oficina, foi oferecido. Na segunda etapa seriam só minhas propostas artísticas para educação antirracista. Introduzi o papel social do contador de história, *Dieli* e o modo de como esses utilizam as histórias. As educadoras reforçaram que as crianças apreciavam as fábulas, e apresentaram como trabalharam a história da galinha d'angola, usando o molde da mão em formato de galinha, pintado em tecido. Pontuaram as dificuldades das versões da boneca abayomi⁴⁸, criadas por Lena Martins, e perguntaram qual deveria ser utilizada. Reforcei que não fazia papel de wikipreta⁴⁹ e, como elas, também tinha dificuldades em tratar alguns assuntos. E que o importante é não estagnar o conhecimento e sempre buscar respostas; juntas concluímos que as duas versões poderiam ser contadas.

Preparei algumas histórias tradicionais africanas para contar, mas abdiquei da atuação na reformulação por temer não conseguir demonstrar todas as práticas. Como as professoras estavam mais agitadas nessa segunda etapa, acelerei as atividades para redirecionar a energia. Aqui se interrompe a grande roda de conversa onde focamos nas trocas de experiências, em seguida a atenção e os corpos das docentes se dispersam em grupos focais, cada um em uma mesa, em busca das atividades práticas, o ateliê, a última etapa da triangulação de Ana Mae

⁴⁸ Abayomi são bonecas de pano negras criadas pela artesã Lena Martins, em 1988, para o Primeiro Encontro de Mulheres Negras. Com amarrações e sem costura, a confecção dessa boneca vem acompanhada de uma história sobre ancestralidade e maternidade ocorridas durante os sequestros das mães negras africanas trazidas em navios para o Brasil. Essa história foi difundida como a realidade enquanto a artesã negra foi ocultada.

⁴⁹ Wikipreta - Termo utilizado por Djamila Ribeiro em *Pequeno manual antirracista*. “(...) Muitas vezes, pessoas brancas nos colocam no lugar de 'Wikipreta', como se nós precisássemos ensinar e dar todas as respostas sobre a questão do racismo no Brasil.” (RIBEIRO, 2019, p. 40).

Barbosa, o fazer. O momento mais descontraído, leve e esperado. Quando o entusiasmo vira burburinhos ininteligíveis.

5.3.1 Experimentação com Tecidos *Wax*

Como uma contadora de história, expliquei sobre as narrativas e os significados dos tecidos *wax* e propus que, inspiradas nas imagens dos diferentes povos, elas recriassem trajes usando os tecidos que disponibilizei. Gomes (2019, p. 158) relata que construir uma autoimagem, um “novo negro”, que se pautar nas referências identitárias africanas recriadas no Brasil é um desafio que tem sido uma das estratégias de identidade construídas por uma parcela da população negra. Essa atividade deixou as participantes alvoroçadas, o que foi perceptível em seus sorrisos durante as fotos, tanto que foi um dos únicos momentos que as mesmas dispensaram o uso de máscaras anticovid. Para atizar e exemplificar os padrões dos tecidos coloquei música, dançamos e contei piadas e ditados populares tradicionais. Foi um momento bem descontraído. Como Nana Benz brasileiras, as professoras tentaram adivinhar e criaram novas histórias para as estampas expostas. Sem fugir da nossa realidade, compararam as estampas com a música “Cabeça branca”, de Thierry, que relata relações de homens idosos ricos com jovens mulheres. Essa reação era esperada, mas me impressionei com tanto entusiasmo; ficou até mais árduo continuar. Essa atividade foi a mais elogiada nos comentários finais.

Figura 45 - Professoras Confeccionando Trajes Inspirados na Cultura Africana



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Figura 46 - Vestuários Criados pelas Professoras no Projeto Planeta África



50

Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

⁵⁰ Professora fazendo o símbolo wakanda Forever, difundido pelo filme **Pantera Negra**.

Figura 47 - Professora EMEI “Carlos Prates”, Agora em Versão Rainha Queniana



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Figura 48 - Professora EMEI “Carlos Prates”, Agora em Versão Princesa do Quênia



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Figura 49 - Professora EMEI “Carlos Prates”, Agora em Versão Rainha de Gana



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Figura 50 - Professora EMEI “Carlos” Prates, Agora em Versão Guerreira Massai



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Figura 51 - Professora Usando o Tecido *Wax* para Confeccionar um Turbante



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Caso venha a repetir essa oficina, disponibilizarei mais tempo nessa ação. A ideia inicial era de que, a cada criação, uma narrativa fosse construída pelas professoras, mas assumo que perdi o controle do exercício com tanta euforia feminina. Todas se declararam rainhas e/ou guerreiras após a criação dos figurinos, Figuras 45 a Figura 51, e até o fotógrafo contratado, Júnior Garcia, penou para registrar a realeza. Nessa experimentação a animação em assumir um personagem africano é o mesmo entusiasmo quando as crianças se vestem de princesas disney, trazendo assim o orgulho de ser aquela personalidade negra, a exaltação é a mesma independente da idade. Usufruo do pensamento de Kilomba (2019) de que a rainha é uma metáfora de poder e também da ideia de que certos corpos pertencem a determinados lugares: uma rainha pertence naturalmente ao “palácio do conhecimento”, ao contrário da plebe, que não pode jamais alcançar uma posição de realeza. Vidal (2020) ressalta que a beleza negra, que antes ocupava o lugar do exótico e do erótico, começa, então, a ser requalificada, adquirindo um sentido simbólico e político.

5.3.2 Experimentação na Composição Adire

Figura 52 - Etapa de Enrolar o Tecido para Tingimento Adire



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Figura 53 - Etapa de Amarração para Tingimento Adire



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Figura 54 - Etapa de Mergulhar os Tecidos em uma Bacia com Pigmento Índigo



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Figura 55 - Professoras Estendendo os Tecidos após Tingimento



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Figura 56 - Resultado do Tingimento com a Técnica Adire



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Simultaneamente, no processo de criação do Adire, notei que algumas docentes já tinham o conhecimento prévio e me auxiliaram no repasse das informações. Aproveitei a contribuição, como demonstrado na figura 37. Na aplicação de projetos da educação informal, sempre há dois ou mais educadores, munidos com o mesmo conhecimento, para amparar e fotografar as ações. Para registrar o processo, contratei o fotógrafo Júnior Garcia, que conseguiu em imagem descrever minuciosamente todas as etapas do tingimento Adire, conforme se vê nas Figuras de 52 a 56. A empolgação das pedagogas para iniciar a atividade prática me fez acelerar as explicações. Mas como arte-educadora, evito demonstrar visualmente como fazer para não conduzir a uma única linha de desempenho. É um trabalho de controle pessoal permitir a liberdade de expressão alheia.

5.3.3 Experimentação na Composição Bogolan

Figura 57 - Preparação da Tinta de Lama, Técnica Bogolan



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Na hora de produzir a tinta feita de argila para o tecido Bogolan (Figura 57), lembrei às participantes que tudo que ali estava sendo produzido ficaria comigo para compor o recurso educativo, que é o espaço expositivo. Percebi que houve um breve desânimo, mas que logo foi superado. Mostrei por slides que esse tipo de pintura e seus símbolos ultrapassam as vestimentas e compõem os espaços, casas e muros em Mali. Nas figuras 58 e 59 temos a aplicação da tinta de argila com o auxílio do estêncil e da esponja, previamente cortada. A idade dos participantes e o tempo disponível determina em qual etapa se iniciará a ação e como o material será disposto.

Figura 58 - Aplicação da Tinta de Lama sobre Estêncil, Técnica Bogolan



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Figura 59 - Retirada do estêncil para Secagem, Técnica Bogolan



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Figura 60 – Resultado da Utilização da Técnica Bogolan



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Figura 61 - Apresentação dos Resultados da Técnica Bogolan



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Planejei uma composição com somente 3 cores (preto, vermelho e amarelo), para que no projeto expográfico do produto final tenha um mínimo de coerência. Mas as regras foram burladas quando uma professora, não identificada, buscou o tecido branco em outra mesa, detalhe só percebido ao final. Respirei fundo!

5.3.4 Experimentação com os Carimbos Adinkra

Terminei a formação explicando sobre os tecidos adinkra. Cada professora optou por alguns carimbos e montaram banners com eles. Ao final, explicaram os motivos das escolhas. Entre todas as práticas, essa não foi tão satisfatória devido à qualidade da tinta, apesar de as

composições das professoras ultrapassarem as expectativas. As participantes trouxeram dicas para aprimorar essa atividade. Avaliarei essas novas informações em momento oportuno.

Figura 62 - Carimbo Adinkra



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Figura 63 - Pintura e Aplicação para Confecção de Tecido Adinkra - Carimbo



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Figura 64 - Pintura e Aplicação para Confecção de Tecido Adinkra - Carimbo



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

A professora Y14 escolheu 3 adinkras diferentes: sankofa, nea onnim, denkyem⁵¹ (Figura 68). Simetricamente, ela dividiu a faixa retangular em três partes iguais, separadas por linhas feitas com o auxílio do garfo. A mensagem transmitida, como explicado pela mesma, é que aprendemos com o passado para adquirir conhecimento e melhor nos adaptarmos. A participante Y15, na figura 64, com apenas um carimbo (nea onnim) simetricamente posicionado entre linhas verticais, reforça a importância do conhecimento e diz que o mesmo não ocupa espaço. Y16, com os carimbos duafe e denkyem⁵², desconstruiu a regra de simetria e compôs intercalando os símbolos pelo espaço. A escolha desses dois carimbos se deve ao seu apreço por trabalhar com cabelos e a necessidade humana de se adaptar, como explicou ao final.

⁵¹ Anexo, p. 164.

⁵² **Duafe e Denkyem** - símbolos adinkra, o duafe símbolo em forma de pente e o denkyem forma de crocodilo, anexo p. 164.

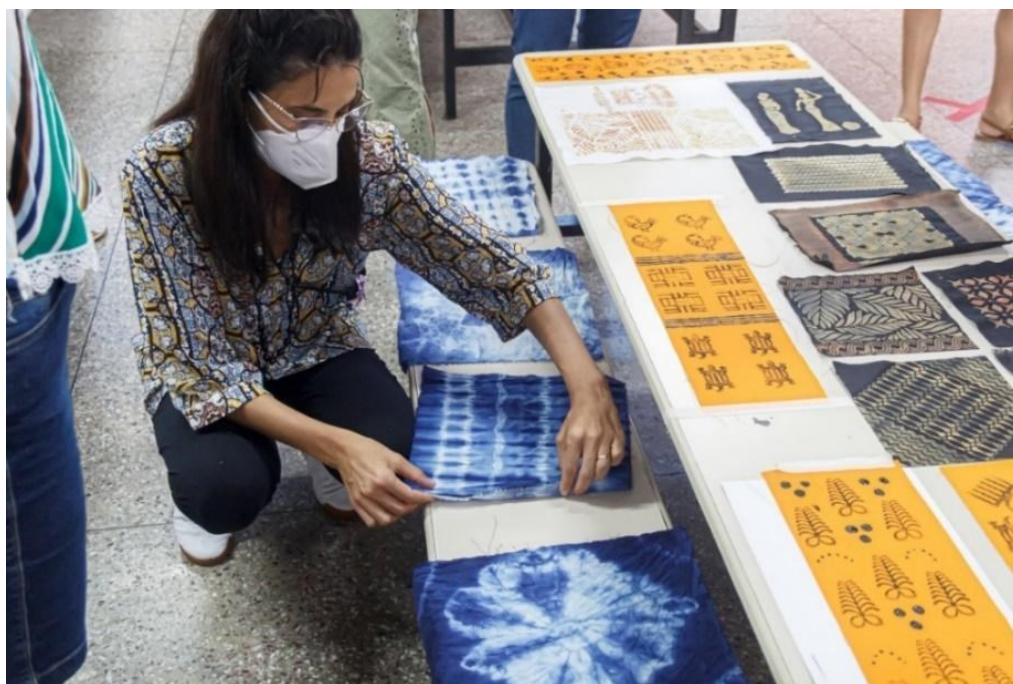
Figura 65 - Professora Apresentando sua Criação Utilizando a Técnica Adinkra



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Todas as técnicas tradicionais africanas de tingimento foram simplificadas e adaptadas visando à segurança das pessoas. Mas alguns detalhes para o correto processo precisavam de uma maior atenção na elucidação. Sinto que poderia ter feito de outra forma. A quantidade de participantes influencia diretamente na minha atuação. Apesar da aparente confusão, foi muito prazeroso ver o total envolvimento das docentes, ao tentar participar de todas as práticas artísticas simultaneamente.

Figura 66 - Professora organizando a exposição dos tecidos confeccionados



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Ao final, convidei-as a relatarem, anonimamente, se assim preferissem, sua opinião sobre o projeto Planeta África. Qual não foi minha surpresa quando só obtive elogios e pedidos para retornar! Acredito que alcancei meu objetivo ao longo do encontro, mas sinto que poderia ter feito melhor, caso tivesse mais disponibilidade temporal. A EMEI "Carlos Prates" é realmente uma escola diferenciada, que se preocupa em se manter informada e atualizada. Seus professores se atentam em sempre adquirir novos conhecimentos e se disponibilizam à troca de saberes. Essa escola é um exemplo a ser seguido. Creio ter tido um ganho pessoal e profissional maior do que o que propicie a essas profissionais.

5.4 Depoimentos das Professoras

Fanon (2008) declara: “Cheguei ao mundo pretendendo descobrir um sentido nas coisas, minha alma cheia do desejo de estar na origem do mundo, e eis que me descubro objeto em meio a outros objetos.” Aproprio-me dessa sentença para iniciar a exposição das avaliações em relação à formação dos professores e minha atuação na mesma.

Reforço que os depoimentos coletados foram manuscritos e respeitando o anonimato, após as atividades do ateliê, de modo que as participantes tivessem liberdade para expressar sua opinião sem a pressão de agradar a palestrante ou de seguir qualquer imposição hierárquica institucional. As respostas foram sucintas, talvez um reflexo das adaptações drásticas que tiveram que ser feitas. E ao contrário do questionário, aplicado virtualmente, todas as envolvidas opinaram.

Os depoimentos e as expressões *in loco* expuseram grande satisfação durante as práticas artísticas. Esse conjunto de atitudes tem mais a dizer à minha pessoa como arte-educadora, do que uma análise de trechos escritos às pressas. Mas me rendo ao academicismo, e analiso os discursos escritos. Foucault questiona:

[...] o que é afinal um sistema de ensino senão uma ritualização da palavra; senão uma qualificação e uma fixação dos papéis para os sujeitos que falam; senão a constituição de um grupo doutrinário ao menos difuso; senão uma distribuição e uma apropriação do discurso com seus poderes e seus saberes? (FOUCAULT, 2007, p. 44).

Não me cabe argui, só concordar. Nas declarações escritas pelas professoras, três assuntos foram recorrentes:

- 1) A importância de se trazer as temáticas raciais para o âmbito escolar em geral, para além da própria instituição EMEI “Carlos Prates”;

Formação com a pesquisadora Themis Lobato, no dia 12/03/2022, foi de extrema relevância para conhecer mais da cultura africana pois este tema é muito importante para ser debatidos nas escolas nos dias atuais, onde muitos sofrem com o racismo por causa da sua cor, tipos de cabelo etc. Somos diferentes na cor, mas somos todos seres humanos. Oficinas maravilhosas (Y22).

Muito interessante, pois hoje nas escolas é muito difícil encontrarmos, e falarmos sobre esse tema, pois tudo hoje se resume em racismo. Nasci e cresci em interior, tive uma educação voltada, tanto na escola, quanto familiar, sobre a cultura africana ou outra. Estamos precisando voltar a esse tema nas escolas, na feira de cultura e ciências. Obrigado pelo dia de hoje. 12/03/2022 (Y27).

Sobre a formação O mundo África. Esse tema deveria ser um tema curricular anual. Trabalhar as diferenças de forma lúdica. “Envolver o mundo” seria o que poderia mudar. Hoje minha visão cresceu em relação aos movimentos, buscas, conhecimento. Ótimo desempenho da professora Themis. Gostaria que continuasse essas formações. F falando sobre nossa origem, sem medo de preconceitos (Y31).

- 2) O deleite que as atividades práticas de ateliê proporcionam e sua aplicabilidade. As tradições aqui trazidas tentam reafirmar a identidade negra, através da estética, ressignificando a valorização ancestral, já que as práticas foram adaptadas para que as professoras conseguissem reproduzi-las com o público infantil do mesmo modo que aprenderam:

Formação Planeta África. Achei interessante e pertinente a formação para prática pedagógica. O que mais gostei foi que a formadora trouxe práticas reais de como trabalhar a cultura africana em sala de aula, além das curiosidades sobre os tecidos e o povo africano. (Y17)

Gostei da formação, interessante para a prática pedagógica, os exemplos através de oficinas são aplicáveis em sala de aula sem dificuldade. Foi um momento de troca que enriquece os saberes. (Y29)

- 3) A novidade das curiosidades das vestimentas, e a possibilidade de experimentá-las. Foucault (2007, p.26) diz que o novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta. Retomo a importância para a atividade para além da exposição falada, tentar imprimi-la no âmbito corpóreo é torná-la visceral, ou seja, uma experiência interativa de troca de saberes.

Formação Planeta África 12/03/2022. Foi uma formação prazerosa, dinâmica que tratou dos conhecimentos de forma objetiva e pontual. Alguns assuntos tratados foram novidades para mim, exemplo as ilustrações nos tecidos cada um tem um significado, as formas de se vestir de cada região. Este momento vem complementar nossa prática em relação ao estudo étnico-racial. Nota 100! (Y23).

A oficina foi muito enriquecedora. Trouxe novas possibilidades de trabalho com as crianças, apresentando materiais de fácil acesso e com resultados maravilhosos. O

que me chamou a atenção e que achei incrível foi saber que para cada estampa dos tecidos há uma história. Procurarei usar nas minhas práticas em sala de aula todas as possibilidades apresentadas, conforme apoio material disponibilizado pela escola. Muito obrigada pela oportunidade. (Y32).

Outra característica observada nas respostas é o receio de como abordar o tema étnico-racial, ao mesmo tempo em que há total conscientização da necessidade desse movimento. Mesmo em uma instituição responsável, como a EMEI “Carlos Prates”, que se mobiliza totalmente para o cumprimento da lei 10639/2003, há essa incerteza.

12/03/2022 Linda manhã! Confesso que minha resistência em aprofundar meus conhecimentos sobre esse “tema” foi muito balançada nesta manhã! Lindo... lindo! Tudo conhecimento e experiência desta manhã vou gravar no meu coração! Disposta a aprender esta riqueza de cultura e transmitir com toda a ternura que foi me apresentado. Obrigada, Themis (Y21)

Formação Planeta África. Apesar de ter que sair de casa em pleno sábado de manhã fiquei surpreendida e até muito envolvida sobre a explanação da professora sobre o referido tema. A mesma foi muito envolvente e o tema já nos é bastante conhecido, pois trabalhamos no nosso cotidiano escolar. Gostei muito e com certeza aprendi mais sobre a cultura africana. Gostaria que Themis Pudesse voltar, pois sei que tem muitas coisas mais a nos apresentar. Obrigada! (Y24)

Acredito que esse receio se faz devido ao medo de acusações por errôneas interpretações vindas das famílias e responsáveis das crianças, pois nos últimos anos foi perceptível um movimento violento político-partidário contra as instituições brasileiras de ensino e cultura. Inclusive isso gerou um clima de tensão na pesquisa, a preocupação não foi declarada, mas foi perceptível. Mas esse temor se desfez após a formação com as professoras, como descrito nos depoimentos. A quebra dessa tensão consequentemente facilitou o encontro seguinte com as crianças.

A formação com a pesquisadora Themis Lobato. Foi excelente. Simplesmente maravilhosa. As oficinas que ela trouxe para nos ensinar um pouco mais sobre essa cultura tão rica. Foi muito bem elaborada e organizada. Com certeza o Planeta África agregou muito conhecimento. (Y19)

Apesar do projeto possuir o termo África na nomenclatura, os contextos quando repassados foram identificados especificamente por suas regiões e povos. Evitando unificar como uma só cultura, mas nos depoimentos o termo “cultura africana” aparece reiteradas vezes,

o que remete a pelo menos duas interpretações: uma que ainda há uma repetição discursiva preso há uma ordem discursiva que generaliza a África como unidade; ou simplesmente remetem ao título da proposta. Talvez sejam apenas velhos conceitos que se enraizaram e ainda ditam o discurso. Educação é paciência

Após essa formação no dia de hoje com a formadora Themis Lobato, fiquei refletindo quando foi que nossa escola participou de uma formação tão interessante, informativa, lúdica e interativa. Obrigada Themis Lobato, o planeta “África” se tornou muito mais valioso do que sempre foi. A EMEI está de portas abertas. Parabéns, o seu caminho você já traçou. Paz e bem! (Y34)

Minha satisfação como arte-educadora é observar nos relatos das professoras que os pontos principais da minha conduta profissional, defendidos nesta dissertação, foram percebidos. Foram eles: a preocupação na organização físico-temporal e o aprendizado desenvolvido de forma lúdica. A formação continuada com as professoras evidenciou que essa etapa é o alicerce para que todo o processo seja corretamente desenvolvido e que possa ter continuidade, independente da minha presença.

Figura 67 - Projeto Planeta África com as Professoras EMEI “Carlos Prates”



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

6 RECURSO EDUCACIONAL – EXPOSIÇÃO PLANETA ÁFRICA

Pode-se dizer que o ofício, ou a atividade tradicional, esculpe o ser do homem. Toda a diferença entre a educação moderna e a tradição oral encontra-se aí. Aquilo que se aprende na escola ocidental, por mais útil que seja, nem sempre é vivido, enquanto o conhecimento herdado da tradição oral encarna-se na totalidade do ser. Os instrumentos ou as ferramentas de um ofício materializam as Palavras Sagradas; o contato do aprendiz com o ofício o obriga a viver a Palavra a cada gesto. Por essa razão a tradição oral, tomada no seu todo não se resume à transmissão de narrativas ou de determinados conhecimentos. Ela é geradora e formadora de um tipo particular de homem. (BÂ, 1982, p. 199).

O recurso educacional elaborado nesta dissertação é uma instalação de arte-educação, intitulada PLANETA ÁFRICA, formada com as obras produzidas na formação continuada aplicada às professoras da EMEI "Carlos Prates", acrescida com os produtos produzidos pelos visitantes durante o ateliê interativo. Espera-se que a exposição seja capaz de despertar o sensível, a imaginação e as memórias dos visitantes através da exaltação da arte negra, além de auxiliar novos docentes a conceber propostas para uma educação antirracista em sua escola.

Os projetos educativos de educação informal, como esse, ganham brilho quando o visitante tem possibilidade de praticar no ateliê o que está exposto e, como uma lembrança dessa experimentação, leva o objeto produzido para sua casa. Mas como a produção do ateliê vira componente da instalação, é necessário explicar que o objeto em questão ficará retido. Inicialmente as reações, principalmente nas crianças, são receio e decepção, quando então é necessário explicar que sua criação ficará exposta e que ela se tornou uma obra de arte, e que quem a produziu é um artista; isso alimenta o ego e o orgulho evitando-se choro e conflitos.

6.1 Espaço: Jardim Mandala

Figura 68 - Escultura Griot de Wellington Dias



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

A instalação Planeta África foi montada no espaço conhecido como Jardim Mandala, localizado na Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Minas Gerais. Esse lugar foi escolhido para suprir a necessidade estética de conciliar um local belo e aconchegante que dialogue com as obras e o tema a ser exposto, além de ser um espaço informal de educação dentro das formalidades acadêmicas. Barbieri (2021) reforça que o espaço na natureza nos

oferece uma abundância de movimentos, desníveis e transformações que podem ser inspiradores para a construção de espaços laboratoriais.

Jardim Mandala é o resultado de um projeto paisagista ecológico iniciado na graduação pelo artista Wellington Dias e que se perpetua como seu trabalho de mestrado em educação. Espaço aberto ao público, com mais de 130 espécies de plantas medicinais e aromáticas, possibilita diferentes alternativas de aprendizado e sensações. Atualmente, Wellington Dias, em acordo com a Rede Municipal de Educação, recebe no Jardim grupos de alunos com o intuito de ressignificar os ambientes subutilizados das escolas, transformando-os em espaços verdes habitáveis, que promovam simultaneamente o bem-estar e a consciência ecológica.

O Jardim Mandala apresenta, a mim como artista, uma nova dimensão, pois já em sua entrada desperta os sentidos quando harmoniza o farfalhar das folhas com o cheiro de terra, em uma pintura natural predominantemente verde, entre esculturas exóticas de madeira em seus caminhos de flores concretadas. Há abundância de folhagens em vários tons de verde, as quais abrigam esculturas míticas visíveis e invisíveis. Essa atmosfera misteriosa desperta em quem se dispõe a visitar o local a sensação de entrar em um mundo diferente e extranatural, como se estivesse em um outro planeta. Devido a isso, a escolha do jardim mandala como espaço expositivo se adequa perfeitamente à proposta Planeta África. Poderia ficar a descrever por horas o esplendor desse espaço, tamanho o deslumbramento que me causa, mas não possuo repertório linguístico capaz de descrever tanta magnificência. Por isso, o exponho em imagens (Figuras 68 a 71).

Figura 69 - Escultura Xamã, de Wellington Dias



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Este ambiente, totalmente diferenciado do habitual, já impõe ao corpo ali presente um estado de alerta, um estado de atenção ao imprevisível, ao que está por vir. Barbieri denomina de estado de ateliê⁵³ que aguarda e anseia por uma experiência. As esculturas entre as folhagens nos convidam a um mundo fantástico, que instiga a imaginação. A ornamentação disposta em círculos gera uma dinâmica de movimentação no caminhar do visitante.

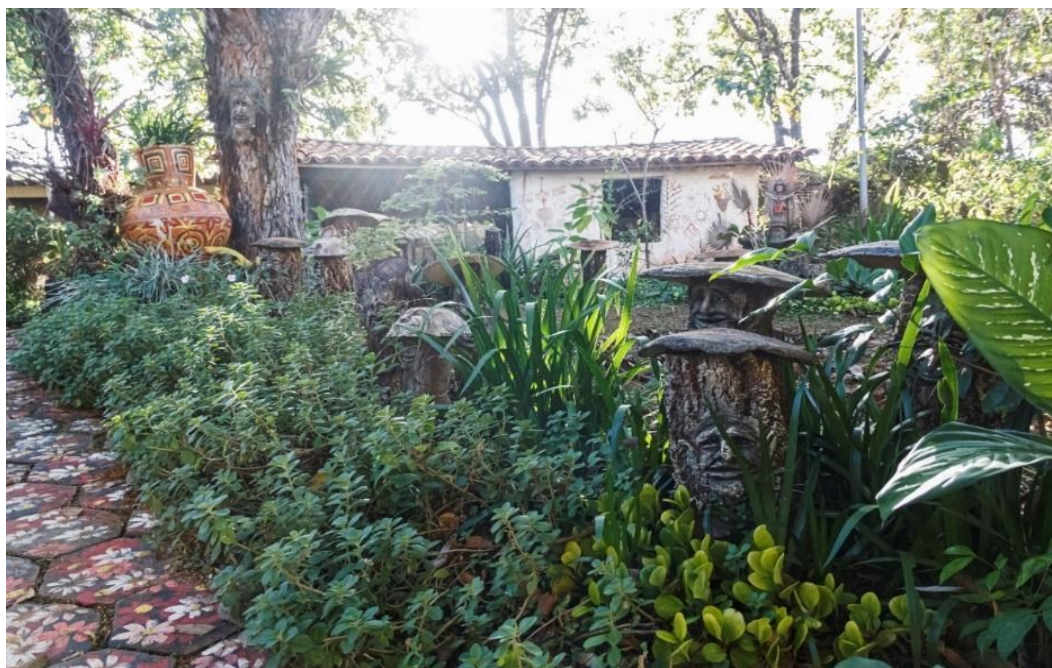
⁵³ Estado de ateliê/estado da arte – é um estado de percepção, de movência no mundo, um estado laboratorial, é o que nos traz vitalidade. É a potência de sermos afetados, de perceber nuances. (BARBIERI, 2021, p. 18).

Figura 70 – Detalhes do Jardim Mandala



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Figura 71 – Guardiões na Entrada do Jardim



Fonte: Dados da pesquisa, 2022

6.2 Montagem Expositiva

Figura 72 – Tecidos Bogolan Confeccionados pelas Professoras da EMEI "Carlos Prates"



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Em busca de aproveitar todos os benefícios ofertados pelo Jardim Mandala, disponibilizei as obras escolhidas em nichos, determinando assim que cada atividade do ateliê ocuparia um espaço diferente, desde o estacionamento, localizado em área externa ao jardim, até as grades que delimitam sua ambientação interna. Por entre os galhos da trepadeira, há três colunas suspensas, nas quais foram dispostas amostras de tecido com a arte do Bogolan, como na Figura 72.

Figura 73 - Tecido Adire Confeccionado pelas Professoras da EMEI "Carlos Prates"



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Mantive próximas as obras confeccionadas com a mesma técnica, de modo que a narrativa de construção ficasse mais explícita. Os banners feitos com os tecidos laranja, confeccionados com a técnica adinkra, foram pendurados na estrutura de bambu em forma de pirâmide (Figura 74) utilizando as crianças como referência, em relação à altura, enquanto os tecidos azuis fabricados com a técnica adire ficaram pendurados espalhados pela grade lateral, figura 73.

Gentilmente, o artista Wellington Dias organizou um círculo feito de cadeiras para crianças e, com essa surpresa, reformulei os planos e aproveitei integralmente esse espaço para

a narração de histórias (Figura 75), já que coincidentemente esse espaço se localiza ao lado da estátua *griot* (Figura 68).

Figura 74 - Montagem dos Tecidos Adinkra



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Enquanto os tecidos *wax* pendiam nos troncos da maloca (Figura 76), todos os assuntos desenvolvidos durante a formação foram expostos, mas devido ao tempo limitado da visita com

as crianças, nem todas as práticas puderam ser feitas. Esse encontro teve como foco demonstrar minimamente como produzir com as crianças o que foi aprendido na formação, de modo que a preparação dos materiais das práticas de ateliê foram as mesmas citadas anteriormente e aplicadas com as professoras. Apenas não utilizei o projetor de imagens, por ser uma área externa com forte incidência de luz solar, e porque com o público infantil é necessária uma dinâmica mais ativa do que apresentação de slides.

Figura 75 – Sala de Aula



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

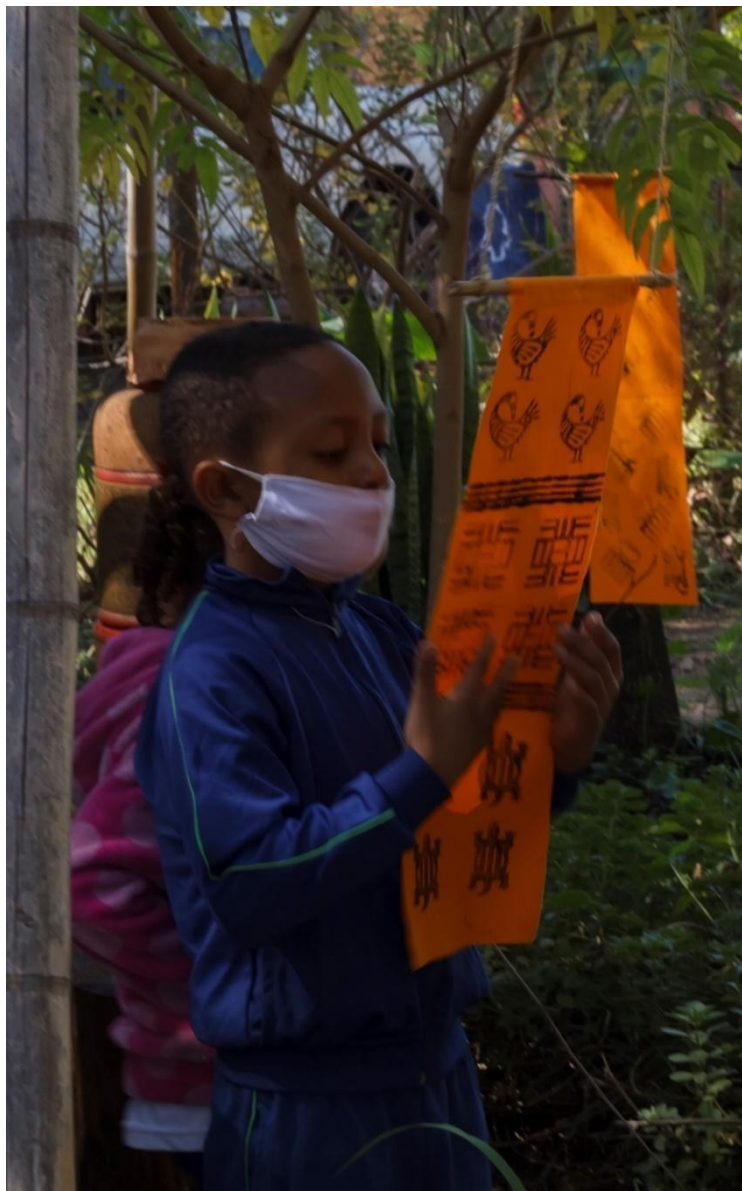
Figura 76 - Maloca



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

6.3 Visitando o Planeta África

Figura 77 - Banner Adinkra sob Análise



Fonte: Dados da pesquisa, 2022

No dia 23/06/2022, às 09:40, quinze crianças, entre 4 e 5 anos, e 4 professoras da escola EMEI "Carlos Prates" chegaram para visitar a exposição Planeta África: práticas artísticas para uma educação antirracista. Todos vieram conferir o resultado da formação de professores dessa instituição e a aplicação de algumas das práticas com as crianças. Inicialmente a ideia seria acompanhar as próprias professoras aplicando o aprendizado com sua turma, mas o processo de autorização foi um pouco conturbado, a ponto de não me definirem exatamente quem e

quantos seriam os participantes. Então, em meio a essa incerteza, e para evitar mais riscos, tomei para mim a responsabilidade de ministrar a ação com as crianças.

Figura 78 – Oh! Abre a roda, tindolelê!



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Recepionei a chegada das crianças ao desembarcarem do ônibus. Desde o início do trajeto, a curiosidade infantil se desperta na euforia ao correr pela calçada e ao conferir internamente até as lixeiras de coleta seletiva; nada passa despercebido aos olhos delas. O acolhimento aconteceu no estacionamento em frente ao Jardim Mandala, em uma grande roda. Cantamos e dançamos ao som de cantigas de roda e músicas tradicionais de Gana, acompanhados ao som do violão e do tambor, musicados pelos professores Guilherme Trielli Ribeiro e Rogério Correia que, juntamente com a coorientadora Telma Borges, vieram dar apoio à mestrandia. A atividade de formar uma roda auxiliou em todos os momentos necessários para captar a atenção do grupo.

Após a grande roda, o assunto África foi introduzido como uma questão, para ativar as memórias do que já tinha sido tema de conversas e estudos na escola, de acordo com as respostas durante a formação. Timidamente, as crianças relataram que não lembravam, mas prontamente a professora expôs alguns tópicos estudados como, por exemplo, a gigante árvore do Baobá. Narrei que para iniciarmos aquela viagem precisaríamos de um mapa, e só assim saberíamos aonde queríamos chegar. As crianças aparentavam estar empolgadas quando mostrei um grande mapa do continente africano. Penso que a palavra mapa despertou uma memória afetiva de filmes infantis de aventura, o que produziu certa empolgação. Disponibilizei para cada criança um giz branco e as convidei a desenharem o seu próprio mapa no chão do estacionamento. Mesmo reforçando que o espaço era amplo, os desenhos se mantiveram acanhados, mas pelo menos despertaram um posicionamento corporal incomum para a ação de desenhar. Algumas crianças se mantiveram sentadas, outras agachadas, ajoelhadas ou em três apoios, evitando o contato do uniforme com o chão. Talvez, se eu tivesse reforçado que fosse necessário roupas confortáveis, como o fiz na formação das professoras, teríamos posturas corporais mais livres. Durante a ação, ficou perceptível quem fez um desenho de observação, ao olhar o mapa, e quem criou seu desenho ao observar o rabisco do companheiro. Nota-se uma cooperação entre eles.

Figura 79 – Dividir pra Multiplicar



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Figura 80 – Desenhando o Continente Africano



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Assim que entramos no Jardim Mandala, a ideia era fazer uma pequena introdução explicando sobre o local; a priori seria apresentado pelo próprio artista Wellington Dias, mas ele não pôde comparecer. Quando eu pretendia explicar, a professora relatou a necessidade do intervalo para o lanche, então na lateral cimentada do Jardim os alunos sentaram e lancharam. Normalmente não são todos os espaços expositivos que permitem comida. Esse momento de degustação é uma parte essencial para reforçar o aconchego e a descontração durante a visita, mas o utilizo como finalização do processo e não no meio do evento, para aproveitar e ouvir os comentários das vivências.

Já passava das dez horas da manhã e o combinado era que às onze eles retornariam à escola. Esse horário reduzido tornou a visita muito controlada, com pouco tempo para o deleite ambiental. Mas ainda assim ficou perceptível a troca nas conversas entre todos os participantes. Barbieri (2021, p. 45) comenta que o tempo contemporâneo, muitas vezes é um tempo que nos atropela, que atropela as crianças em suas aprendizagens, que atropela a experiência, que atropela o devaneio, que atropela a invenção.

Figura 81 – Entrando no Jardim Mandala



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Figura 82 – Sentindo as Novas Texturas



Fonte: Dados da Pesquisa, 2022.

Observei as professoras apreensivas durante a ocupação das crianças no espaço; eu mesma fiquei preocupada com o excesso de pessoas pisoteando as plantas, pois a sensação de liberdade nesse ambiente instiga as crianças a correrem, razão pela qual elas me perguntaram o tempo todo se poderiam brincar de correr. Normalmente, para extravasar essa ansiedade antes das visitas, proponho atividades mais físicas e com gritaria, mas dessa vez não consegui fazê-lo. A primeira visita em um espaço expositivo é sempre mais tímida. O hábito de conhecer

todas as possibilidades que um espaço oferece gera confiabilidade e dá mais liberdade ao condutor da visita.

Figura 83 – A Tentativa de Comentar sobre o Adire Virou um Grande Abraço



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Começamos no espaço expositivo tentando observar os tecidos Adire que estavam pendurados nas grades do Jardim (Figura 83); a disposição espacial dificultou a captação da atenção. Para que essa atividade finalizasse, fomos observar as fotografias de Angela Fisher e Carol Beckwiths, e seu registro dos povos tuaregues que se utilizam dessa técnica de pigmentação, como demonstrado nas figuras 84 e 85.

Figura 84 – Olhos Atentos ao Nobre Tuaregue.



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Figura 85 – Uma Princesa Diferente, ou Melhor, Duas Princesas



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Depois das fotografias, distribui os tecidos brancos de tricoline e os elásticos às crianças que, livremente, dobraram e fizeram as amarrações (figuras 86 e 87). Houve um pouco de dificuldade de compreender que o elástico deveria ficar bem apertado.

Figura 86 – Tentando Fazer!



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Figura 87 – Mostrando como se faz!



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Depois colocamos os retalhos na bacia com índigo. Enquanto tecido era tingido, propus uma contação de história. Narrei a história da tromba do elefantinho, originária de Burkina Faso, com dinâmicas corporais e musicais (Figura 88). Aos poucos as narrativas vão ficando inscritas nos espaços físicos e também em nossas peles, como defende Barbieri (2021).

Figura 88 – Narração da história A tromba do Elefantinho



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Em seguida, caminhando como grandes elefantes, voltamos à exposição, agora na maloca, para a ação com os tecidos *Wax* (Figuras 89 e 90). Propus um jogo musical de criação de narrativas utilizando o design desses tecidos, inspirados nas ações das Nana Benz. Insisti em utilizar música nessa visita, mas admito que não foi uma ação bem sucedida. As crianças se mantiveram um pouco acanhadas; nem as professoras conseguiram incentivá-las a cantarem.

Figura 89 – Decifrando os Símbolos dos Tecidos



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Figura 90 – Inventando Significados para os Símbolos



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Meu ideal para a atividade com os tecidos *Wax* era que as crianças construíssem seus figurinos, como demonstrei ser possível nas figuras 13 e 14, e como foi realizado com as professoras durante a formação (figuras 46 a 50), mas com a restrição de tempo se tornou impossível aplicar a ação como planejada.

Figura 91 – Apreciando a Técnica Bogolan



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Finalizamos as atividades com a técnica Bogolan (Figura 91), pintando com argila os tecidos, conforme figuras 92 e 93. Ao invés de utilizar o estêncil e as esponjas, como foi aplicado durante a formação das professoras. Fizemos de folhas e gravetos moldes e pincéis, e transformamos as cadeiras em mesas para apoiarem as criações.

Durante qualquer visita externa de uma escola, nós adultos temos um comportamento muito controlador e isso se reflete inibindo a criança. Acredito que essa atividade repetida na escola, e com as roupas mais “adequadas”, permitiria uma movimentação mais libertadora das crianças. Reforcei que era preciso aplicar um pouco de força, que era essencial sujarmos as

mãos. De qualquer forma, essas práticas são apenas pequenas demonstrações de que as atividades e tema da formação são viáveis com as crianças.

Figura 92 – Pontilhismo enlameado



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

O ideal seria observar as professoras aplicando as atividades com seus alunos, mas tomei para mim essa responsabilidade porque apareceram diversas dificuldades que quase inviabilizaram esse encontro, como afastamento de docentes devido à Covid, dificuldades de conseguir permissão dos pais e o transporte para deslocamento até o Jardim Mandala. Esses problemas, que nunca foram empecilhos em tempos não pandêmicos, criam um clima de incerteza durante a pesquisa. Essas tribulações levantaram dúvidas até na própria instituição de ensino, a EMEI, do porquê da escolha do espaço expositivo externo. Expliquei que a razão era puramente estética, e que a ambientação, totalmente oposta ao habitual, auxiliaria em diferente e marcante experiência estética na vida das crianças e das professoras.

Figura 93 – Expressionismo Lamaçal



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Almejava ter tido mais tempo para observar os diferentes tipos de recepção das crianças em relação às práticas, as comparações e surpresas presentes em suas falas. Nesse único encontro com as crianças, algumas personalidades se destacaram:

- A menina que antes de qualquer ação já dizia que não conseguiria;
- Um menino cheio de energia que pediu o tempo todo para correr e no final extravasou essa potência fazendo estrelinhas como um capoeirista;
- Uma pequena falante que comentou que gostava de chá de boldo porque ajudava a ela e ao seu pai com problemas de flatulência excessiva (em suas palavras: peidona);
- E um pequeno gênio que respondia a todas as propostas e ainda trazia novas, instigando meu improviso.

A forma como as crianças reagem às atuações e suas falas imprevisíveis me interessam mais do que a própria ação. Capaz desse momento gerar uma nova dissertação. Porém, acredito que a pressão e a responsabilidade de ser um projeto de mestrado e não apenas a construção de um projeto educativo expositivo, me impediu de receber mais turmas escolares para melhor compreender o retorno da proposta.

Figura 94 – Alunos da EMEI "Carlos Prates"



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

7 CONCLUSÃO

Figura 95 - Pesquisa de opinião: Quem Gostou Levanta o Pé!



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Ser aceita no mestrado profissional da UFMG em 2020 parecia um sonho que logo se tornou um pesadelo pandêmico em meio a uma atmosfera de incertezas insalubres e certezas miseráveis. Diante de tantas perdas pessoais e tragédias mundiais, focar na esperança de fazer alguma diferença na educação parecia uma inutilidade perante o futuro apocalíptico que se aproximava, de modo que minha luta interna de ter ânimo para finalizar esse processo foi mais árdua do que qualquer burocracia exigida pelo COEP. Uma pesquisa baseada no encontro, quando estes estão proibidos em escala mundial, se rende à imprevisibilidade e abre mão do perfeccionismo planejado para o permitido imediato. Creio que esses fatores externos influenciaram e redefiniram meu *modus operandi* como arte-educadora.

Lamentos à parte, quanto à pesquisa, que o resultado superou as minhas expectativas e me demonstrou ser possível dar continuidade para expandir para além do mestrado, pois nem todas as instituições de ensino atuam com tanto afínco, como observado na EMEI "Carlos Prates", no ensino de uma educação antirracista, baseado nas relações étnico raciais. A luta da

instituição se estende por todo o ano letivo, não apenas em datas comemorativas de final do ano, como relatado por Viana (2015) em relação à falta de acompanhamento da implementação da lei 10639/2003, mostrando que após a pesquisa da professora a escola se reestruturou e se tornou referência a ser seguida na cidade de Belo Horizonte.

Stela Barbieri (2017) define alguns elementos que devem estar presentes no ensinamento de arte no currículo escolar na educação infantil, tais como estética, experiência, subjetividade, documentação, memória, cultura, histórias etc. Espero, com esta dissertação de mestrado, ter cumprido esses pontos ao combinar as narrativas orais e têxteis africanas enfatizando as riquezas da herança dos povos africanos para demonstrar novas possibilidades cabíveis a serem aplicadas pelas educadoras da educação infantil. Considero que ações como essa fortalecem a aplicabilidade da lei 10639/2003. Independentemente da obrigatoriedade da lei, e das dificuldades diante de uma pesquisa em uma época pandêmica, o empenho de todas as participantes durante o encontro reavivou a pesquisa. Preparar o espaço da formação de modo tão aconchegante, com os materiais escolares, a disponibilidade e os relatos das professoras e principalmente a euforia das crianças abrilhantaram o momento e injetaram o ânimo que me faltava, fortalecendo a ideia de uma exposição como um ambiente rico culturalmente em trocas de tradições africanas.

Observar as dinâmicas que propus serem realizadas com prazer e criatividade demonstra que a experimentação presencial é insuperável, e as sensações são revividas a cada instante em que é repassada. O resultado obtido criou expectativas de continuar essa prática para além da pesquisa de mestrado, e de dar prosseguimento aos estudos de outros povos africanos, seus tecidos e a ação em ateliê. E se possível, com mais tempo para admirar as experimentações, as invenções, os entrosamentos, as problemáticas e as solucionáticas dos participantes.

8 BIBLIOGRAFIA

ABRAMOWICZ, Anete; WAJSKOP, Gisela. **Creches: atividades para crianças de zero a seis anos**. São Paulo: Moderna, 1995.

ALMEIDA, Sílvio. L. de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen, 2018.

BÂ, Amadou Hampaté. **A tradição viva**. In: **História Geral da África**. vol. 1. São Paulo; Paris: Ed. Ática/UNESCO, 1982.

BARBIERI, Stela. **Batuque: conversas com Stela Barbieri**. Organização Stela Barbieri. Coordenação Gabriela Moulin Mendonça. São Paulo: Binàh Editora, 2022.

BARBIERI, Stela. **Interações: onde está a arte na infância?** 3. ed. São Paulo: Editora Blucher, 2017.

BARBIERI, Stela. **Tempo de Experiência**. Horizontes Culturais. FDE - Fundação para o Desenvolvimento da Educação, Governo do Estado de São Paulo, Secretaria de Educação, 2008. Disponível em: <https://doceru.com/doc/1v508xc>

BARBIERI, Stela. **Territórios da Invenção: ateliê em movimento/ Stela Barbieri** - 1 ed. São Paulo: Jujuba, 2021.

BARBOSA, Ana Mae. **Teoria e prática da Educação Artística**. São Paulo: Cultrix, 1975.

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007a.

BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos Utópicos**. 2. ed. São Paulo: Editora C/Arte, 2007b.

BARBOSA, Beatriz G.; DUARTE, Marisa R.; DUARTE, Adriana C. **Efeitos de um programa de educação infantil em famílias de catadores de papel de Belo Horizonte**. Belo Horizonte – MG. 2012. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-40362012000200004>>. Acesso em: 08/07/2021.

BARTHES, Roland. **Inéditos. Vol 3 - A imagem e a moda**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2005. p. 272-280.

BONDÍA LAROSSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. Trad. João Wanderley Geraldi. **Revista de Educação**, nº 19, p. 20-28, jan.-abr., 2002.

BORGES, Júlia Vidal dos Santos. **Tecidos que falam e viajam: têxteis africanos como veículos de identidades híbridas (re)valorizadas no Brasil. (2020)**. 159 fls. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Relações Etnicorraciais (PPRER), do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ), Rio de Janeiro, 2020.

BORGES, Telma. **Missossos e makas: a performance da narradora em Insubmissas lágrimas de mulheres, de Conceição Evaristo. Itinerários**. Araraquara, v. 46, p. 97-106, 2018.

BRASIL. **Lei no 10.639**, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática ‘História e Cultura Afro-Brasileira’, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, Publicado em: 10/01/2003.

BRASIL. Lei Afonso Arinos - Lei nº 1.390, de 03 de julho de 1951. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/11390.htm. Acesso em: 06/10/2022.

BRASIL. Lei Caó - Lei Nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/17716.htm. Acesso em: 06/10/2022.

BRASIL. Estatuto da Igualdade Racial. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112288.htm. Acesso em: 06/10/2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Parâmetros Nacionais de Qualidade para Educação Infantil. Vol. 1. Brasília: MEC/SEB, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRITO, Benilda; NASCIMENTO, Valdecir. Negras (In)confidências. Bullying não. Isto é racismo. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.

CARVALHO, Carla; IMMIAOVSKY, Charles. PEBA: a arte e a pesquisa em educação. Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v. 25, n. 3, p. 221-236, set./dez. 2017.

CARVALHO, Levindo Diniz; LANSKY, Samy. Infância, espaço público e escola. In: Do espaço escolar ao território educativo: o lugar da arquitetura na conversa da escola de educação integral com a cidade. Rio de Janeiro: Rio Books, 2016. p. 45-66.

CARVALHO, Levindo Diniz; NEVES, Vanessa Ferraz Almeida. Infâncias, crianças e educação: discussões contemporâneas. 2. ed. *Ebook*. Disponível em: <https://livrosabertos.fae.ufmg.br/index.php/produto/infancias-criancas-e-educacao-discussoes-contemporaneas/>. Belo Horizonte: Fino Traço, 2018.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

CHIZZOTTI, A. Pesquisa em ciências humanas e sociais. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

CORREIA, Monica Batista et al. (Org.). Literatura na educação infantil: acervos, espaços e mediações. Brasília: MEC, 2015.

CORSARO, W. Sociologia da Infância. Porto Alegre, Artmed, 2011.

COX, Maria Inês Pagliarini; PETERSON, Ana Antônia de Assis (Org.). Cenas de sala de aula. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

DEWEY, John. A arte como experiência. São Paulo: ed. Abril, 1974.

DIAS, Belidson (ed.); IRWIN, Rita L. (ed.). Pesquisa Educacional Baseada em Arte: A/r/tografia. Santa Maria: Editora UFSM, 2013.

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. Escrevivência: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Editora Mina Comunicação, 2020.

EVARISTO, Conceição (2007). Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: Alexandre, Marcos A. (org.) Representações

performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza Edições. p. 16-21.

FAGE, J. D. **Evolução da historiografia da África. História Geral da África: Metodologia e Pré-História da África**. Vol. I. Brasília: Unesco, 2010.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. de Renato da Silveira. Bahia: Editora Edufba, 2008.

FATIMA, Goual Doghmane; **Etude semio-narrative des contes Touareg production féminine. (2009)**. 262 fls. Tese (Doutorado em Ciências). Universidade Mentori de Constantine, Argélia, 2009.

FERNANDES, Semíramis de M. **Formação continuada de professores/as a partir da lei 10639/2003: as relações étnico-raciais e o ensino de artes visuais**. (2018). 229 fls. Dissertação (Mestrado em Artes). Programa de Pós-graduação em Artes da Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso: aula inaugural no Collège de France**, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 15. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. **A pedagogia da Pesquisa-Ação. Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 03, p. 483-502. set./dez. 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 59. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Editora Paz e Terra, 2015.

GANDINI, L.; HILL, L; CADWELL, L; SCHWALL, C. **O papel do ateliê na educação infantil: a inspiração de Reggio Emilia**. Porto Alegre: Penso, 2012.

GOMES, Larisse. **“Posso tocar no seu cabelo?” Entre o “liso” e o “crespo”: Transição capilar, uma (re) construção identitária?** Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2017.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais**. In: SALES, Augusto dos Santos (org.). **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, 2005.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis: Vozes, 2017.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz. Corpo e cabelo como símbolo da identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

GUIMARÃES, Nadya A.; HIRATA, Helena S.; SUGITA, Kurumi. **Cuidado e cuidadoras: o trabalho do care no Brasil, França e Japão**. In: HIRATA, H.; GUIMARÃES, N. A. **Cuidado e cuidadoras: as várias faces do care**. São Paulo: Atlas, 2012. p. 151-180.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Thomas Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA. **Biblioteca Digital de Teses e Dissertação (BDTD)**. Disponível em: <<http://bdtd.ibict.br/vufind/>. Acesso em: 26 abr. 2021.

JESUS, Carolina Maria. **Diário de Bitita**. ed. Sacramento, 2007.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Desvendando os Segredos do Texto**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

LAGAMMA, Alisa; GIUNTINI, Christine. **The Essential Art of African Textiles/ Design Without End**. New York: Metropolitan Museum of Art, 2008.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1990.

MERCER, K. **Welcome To The Jungle . New Positions in Black Cultural Studies**.1994.

MAIA, Dandara. **O vestir político: as estampas wax hollandais como ferramentas de afirmação da identidade afro-brasileira**. Revista dObra[s], São Paulo, v. 12, n. 25, p. 144-164, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.26563/dobras.v11i25.858>. Acesso em: 19 fev. 2022

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília, SECAD, 2006.

MOREIRA, Adilson. **Racismo recreativo**. São Paulo: Jandaíra; Pólen, 2019.

NOVAES, Adauto (Org.) (2005) **Muito além do espetáculo**. São Paulo: Senac. ISBN:8573594144.

PÁDUA, Karla Cunha; TEIXEIRA, Inês A. Castro. **Virtualidades e Alcances da Entrevista Narrativa**. In: CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE PESQUISA (AUTO) BIOGRÁFICA, II, 2006, Salvador. *Anais ...* Salvador: UNEB, 2006.

PEIXOTO, Maria Inês Hamann. **Arte e educação política: resistir sim!** Curitiba: Escola de Música e Belas-Artes do Paraná. Anais IV Fórum de Pesquisa Científica em arte, 2006.

PEREIRA, Juliano G. **A força da vida: a educação como suporte para redução da letalidade de adolescentes negras e negros. (2020)**. 185 fls. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2020.

PICTON J.; MACK J. **African Textiles**. London: British Museum Press, 1979.

PIMENTEL, L. G. Cognição Imaginativa. **PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG, [S. l.]**, p. 96–104, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/15640>. Acesso em: 1 jun. 2022.

PIORSKI, Gandhi. **Brinquedos do Chão. A natureza, o imaginário e o brincar**. São Paulo: Peirópolis, 2016.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. 8. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SANTANA, Patrícia Maria de Souza. **Experiência de Belo Horizonte na promoção da igualdade racial na educação.** Paideia r. do cur.de ped. Da Fac. De Ci.Hum, soc. E da saú. Univ. Fumec. Belo horizonte ano8 n.11 p. 127-149 jul/dez 2011.

SANTOS, Juliana O. G. dos. **LEI 10.639/2003: Revendo Paradigmas na Arte/Educação.** (2017). Dissertação 231 fls. (Mestrado em Arte/educação). Faculdade de Arte, Universidade Estadual Paulista - UNESP, São Paulo, 2017.

SANTOS, Maria C. T. M. **Museu, escola e comunidade: integração necessária.** Bahia: Bureau Gráfica e Editora, 1987.

SANTOS, Valdicélio M. dos. **Entre o visível e o sensível – territorialidades presentes nas artes produzidas por crianças na escola em tempo integral em um território vulnerável.** (2018). 180 fls. Dissertação (Mestrado em Gestão Integrado do Território). Universidade Vale do Rio Doce, Governador Valadares – MG, 2018.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Racismo no Brasil.** São Paulo: Editora Publifolhas, 2001.

SILVA, Alberto da Costa e. **Um passeio pela África.**Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 2006.

SILVA, Alberto da Costa e. **A África explicada aos meus filhos.** Rio de Janeiro: Ed. Agir, 2008.

SILVA, Natalino Neves da. **A diversidade cultural como princípio educativo. Paidéia – Revista do Curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências Humanas, Sociais e da Saúde, Universidade FUMEC.** Belo Horizonte, ano 8, nº 11, p.13-29, Jul./Dez. 2011.

SILVA, Rogério C; GEBARA, Tânia A.; PEREIRA, Ana Cristina; CASTILHO, Cristina F. (Org.). **Entrelaçando experiências: possibilidades de aperfeiçoamento profissional na Educação Infantil.** Belo Horizonte. Editora UFMG. 2015.

SILVA, Tomaz Tadeu. **A produção social da identidade e da diferença.** Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

SOUZA, Neusa S. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social.** Rio de Janeiro, edição graal, 1983.

VANEL, Éléonore. **Togo: les “Nanettes”, princesses du Wax.** Disponível em: <http://www.france24.com/fr/20190927-reporters-togo-nanettes-princesses-Wax-nanabenz-tissu-textile-afrique-mode-couture-dior>. Acesso em 25 jan. 2022

VIANA, Leila M. **O lúdico e a construção das identidades de crianças afro-brasileiras.** (2015). 59 fls. Monografia (Conclusão de Curso). Faculdade de Educação, Universidade de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

VIDAL, Julia; ARRUDA, Dyego de Oliveira. **Influências dos tecidos e das estamparias africanas na identidade e na cultura afro-brasileira.** Revista dobras. nº 30, 2020.

VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** 4. ed. São Paulo: Martins Fontes. São Paulo, 1991.

VIGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem.** 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

VLISCO. Website institucional. Disponível em: <https://www.vlisco.com>. Acesso em: 23 de jan. 2022.

ZAIDAN, Samira; FERREIRA, Maria Cristina Costa; KAWASAKI, Terezinha Fumi. **A pesquisa da própria prática no mestrado profissional. Plurais – Revista Multidisciplinar**, Salvador, v. 3, nº 1, p. 88-103, 2018.

9 ANEXOS

PARECER DO COLEGIADO

Aprovado pela Câmara
Departamental em 31.08.2021



Maria de Fátima Almeida
Martins Chefe do
DMTE/FaE/UFMG

PROMESTRE



Título: PLANETA ÁFRICA: Práticas Artísticas para uma Educação Antirracista

Aluna: Themis Cristina Lobato de Lima

Curso: Mestrado Profissional Educação e Docência - PROMESTRE

Orientador: Rogerio Correia da Silva

Parecerista: Ademilson de Sousa

Soares DATA 20/08/2021

Histórico:

No mês de agosto de 2021 recebi o projeto de pesquisa da mestranda Themis Cristina Lobato de Lima que inclui memorial, resumo, introdução, justificativa, revisão da literatura, pergunta de pesquisa, objetivos, metodologia, recurso educacional, cronograma e referências.

A autora justifica a proposta de pesquisa a partir de seu percurso profissional no campo da arte-educação em que busca conciliar seus estudos sobre afrodescendência com suas práticas educativas no sentido de auxiliar as professoras da educação infantil para uma educação antirracista.

Assim, o projeto visa a sugerir estratégias de formação das professoras da EMEI “Carlos Prates” partindo dos princípios de uma educação antirracista e da abordagem triangular de Ana Mae Barbosa “unificando as técnicas” da escolaridade formal e de ambientes/instituições informais de educação.

Como produto da pesquisa, a autora apresenta a realização de uma exposição interativa de arte-educação “para o público infantil” no sentido de demonstrar aos educadores como “usufruir das artes para aplicar uma educação antirracista”, fortalecendo o cumprimento da Lei 10.639/2003, assumindo, dentre outras coisas, que apenas a modificação da legislação não basta.

Mérito:

A partir da leitura de Eliane Cavaleiro e com Benilda Brito fica destacada no projeto de pesquisa a crítica à supervalorização da população branca e à redução da participação

negra na história brasileira. Assim a autora aponta que a “idealização da estética branca, torna alvo de brincadeiras jocosas os cabelos, os narizes, as bocas e demais características físicas das crianças negras” (PROJETO DE PESQUISA).

Estudantes e crianças negras podem contar com as escolas e seus professores no sentido de combater o racismo e promover práticas antirracistas. O reconhecimento e a valorização do povo preto dependem de uma mobilização de toda a sociedade brasileira, inclusive das escolas e dos educadores.

O produto pedagógico apresentado como fruto da pesquisa visa a contribuir nesse sentido ajudando a construir uma visão mais positiva da raça negra, “onde serão expostos os feitos e benefícios da comunidade preta”, procurando descolonizar o pensamento e o imaginário preconceituoso sobre as populações negras ainda presente no Brasil.

A autora do projeto de pesquisa indaga sobre como tratar temas como reconhecer os privilégios da branquitude, enxergar a negritude, questionar a cultura que se consome, colorismo, empoderamento, reconhecer seus desejos e afetos com um público ainda tão jovem na EMEI Carlos Prates em Belo Horizonte.

A proposta inclui o desenvolvimento de ações de formação continuada fundamentada em práticas de arte-educação antirracista com professores e seus alunos; a realização de levantamento de dados na EMEI “Carlos Prates; a construção da proposta de formação voltada para o ensino de arte; o diálogo com

as professoras; a identificação de possíveis práticas voltadas para a temática étnico-racial na educação infantil a partir do trabalho com as artes; a organização de ambiente artístico e pedagógico estimulante; a realização de uma exposição no formato de uma instalação.

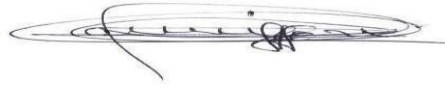
Para isso, a autora mobiliza a abordagem triangular de Ana Mae Barbosa em seus “três pontos para a aprendizagem artística, são eles: o contexto, a apreciação e o fazer” (PROJETO DE PESQUISA), resgatando o fazer artístico e a estética negra. Para a realização da proposta será feito inicialmente um diagnóstico na EMEI, em seguida serão realizadas rodas de conversa em ateliê e, finalmente, serão conduzidas as práticas artísticas para “testar” se o aprendizado foi adquirido. Produtos e ideias produzidas no ateliê comporão a exposição arte-educação “Planeta África”.

O projeto de estudo e o produto pedagógico são relevantes e contribuirão para o debate no campo das pesquisas e das práticas educativas na Educação Infantil. No entanto, sugiro:

- 1) Aprofundar a revisão da literatura incluindo pesquisas já realizadas na Faculdade de Educação, inclusive Silva (2015 e 2021) que estudou prática, formação e instalação na Educação Infantil;
- 2) Aprofundar estudos sobre a abordagem triangular considerando que o ponto “apreciação” já foi criticado por Ana Mae que propôs substituí-lo por leitura/interpretação da obra de arte, sendo apreciar um ato mais passivo e ler um ato mais ativo;
- 3) Aprofundar estudos no campo da educação antirracistas com crianças negras desde a Educação Infantil
- 4) Evitar a ideia de “teste” do aprendizado, pois formação em arte é um processo amplo que não se enquadra em métricas e mensurações.

Voto:

Pelo exposto, sou, salvo melhor juízo, pela aprovação do projeto de pesquisa da estudante.



Professor Ademilson de Sousa Soares

PROMESTRE



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezado (a) professor (a), _____

O (A) Sr. (a) está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa “Planeta África - Práticas Artísticas para uma Educação Antirracista”.

O objetivo central do estudo é instaurar e analisar o processo de um projeto de formação continuada fundamentada em práticas artísticas para uma educação antirracista, com professores e seus alunos da Escola Municipal de Educação Infantil – EMEI “Carlos Prates.

Contamos com sua participação inicialmente respondendo a um questionário, para conhecer o perfil profissional dos professores participantes, e em seguida participando da formação continuada, que consistirá em um encontro com 5 horas dividido em roda de conversa e ateliês artísticos, a serem realizados na própria instituição EMEI Carlos Prates, todos os custos de transporte e material utilizado serão custeados pela pesquisadora. Finalizaremos com a reprodução da atividade realizada no ateliê aplicado o ensinamento com os alunos. Nesses momentos serão feitas filmagens e fotografias, para facilitar o registro em diário de campo.

Em relação aos riscos, asseguramos que dada a especificidade desta pesquisa, tomaremos todos os cuidados necessários que evitem a sensação de desconforto que possa ser gerada pelo afloramento de sentimentos de discriminação e estigmatização étnico/racial. Estaremos também atentos (as) e preparados (as) para qualquer manifestação de desconforto que possa surgir como o sentimento de invasão de privacidade ao responder questões sensíveis que possam reverberar pensamentos e sentimentos nunca revelados, ou do desconforto decorrentes da presença do microfone e câmeras. Você também terá liberdade para não responder questões no questionário e presencial caso se sinta constrangido. Posto os possíveis riscos reiteramos nossa responsabilidade e compromisso com a ética na pesquisa. Afirmamos que conscientes da complexidade que envolve a temática do estudo nos esforçaremos para garantir que sempre serão respeitados os valores culturais, sociais, morais, religiosos, éticos, bem como os hábitos, linguagem e costumes de todos. Será assegurado a confidencialidade e a privacidade, a proteção da imagem e a sua não estigmatização, garantindo a não utilização das informações em prejuízo dos participantes ou do grupo, inclusive em termos de autoestima. Os pesquisadores agirão de maneira extremamente respeitosa e ética independentemente das opiniões ou posicionamentos do (a) pesquisado (a). Mas, caso haja danos decorrentes da pesquisa, os pesquisadores assumirão a responsabilidade pelos mesmos.

Caso você não se sinta confortável com a condução da pesquisa, poderá se retirar a qualquer momento sem nenhum dano ou prejuízo. Reiteramos que sua participação é voluntária, isto é, você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, podendo se retirar a qualquer momento da pesquisa. Você não será penalizado (a) caso decida não participar da pesquisa, ou tendo aceitado, desistir desta. Informamos também que não haverá nenhum compromisso financeiro com a equipe de pesquisa.

É importante informarmos que todo material produzido na pesquisa (arquivos eletrônicos de armazenamento e notas de campo) será utilizado para fins de análise e divulgação da pesquisa. As imagens somente serão utilizadas para divulgação dos resultados da pesquisa mediante sua autorização com o preenchimento também do uso de imagens. Durante o processo de análise

de dados e escrita da pesquisa serão utilizados nomes fictícios no lugar de nomes verdadeiros de todos os participantes a fim de preservar sua identidade. Os dados ficarão devidamente arquivados com os pesquisadores por um período de 5 (cinco) anos. Após esse período os mesmos serão extintos.

Os pesquisadores se comprometem a disponibilizar os dados referentes as gravações e áudios que envolva sua participação. Reiteramos nossas responsabilidades com o Comitê de Ética em Pesquisa – COEP, garantindo a adequação às regras, dado que o COEP de Ética mantém sob guarda confidencial os projetos completos e todos os dados obtidos na execução de suas tarefas, resguardando a integridade e os direitos dos voluntários.

Ao aceitar participar da pesquisa sob as condições descritas acima, você assinará esse Termo de Compromisso Livre e Esclarecido – TCLE – em duas vias, uma das quais permanecerá com você e a outra será arquivada pelos pesquisadores responsáveis.

Caso você tenha alguma dúvida ou necessite de mais esclarecimentos, pode nos contatar através dos telefones e endereços eletrônicos fornecidos nesse termo. No caso de dúvidas éticas, o Comitê de Ética em Pesquisa (COEP) deverá ser consultado, cujo endereço consta no final deste documento.

Tendo em vista os esclarecimentos prestados, aceito participar da pesquisa: PLANETA ÁFRICA - Práticas Artísticas para uma Educação Antirracista” .

Belo Horizonte, _____ de _____ de 2022

(Assinatura do (a) professor (a))

Themis Cristina Lobato de Lima

Prof. Rogério Correia da Silva

Telefone: (31) 98879-9860

E-mail: rogex.correia@gmail.com

Profª. Telma Borges da Silva

Telefone (31) 99393-7739

E-mail: taretuza@outlook.com

Themis Cristina Lobato de Lima

Telefone: (31) 99646-4321

E-mail: themislobato@gmail.com

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:

COEP-UFMG - Comissão de Ética em Pesquisa da UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627. Unidade Administrativa II - 2º andar - Sala 2005.

Campus Pampulha. Belo Horizonte, MG – Brasil. CEP: 31270-901. E-mail: coep@prpq.ufmg.br. Tel: 34094592.

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM

Pesquisa **PLANETA ÁFRICA, práticas artísticas para uma educação antirracista**

Mestranda: Themis Cristina Lobato de Lima

Orientadores: Rogério Correia e Telma Borges

AUTORIZO UTILIZAÇÃO DE IMAGEM

Eu, _____, portador do RG _____, AUTORIZO o uso de minha imagem (ou do menor _____ sob minha responsabilidade) em fotos, filmes e/ou transcrições para discussões realizadas durante a pesquisa intitulada “Planeta África, práticas artísticas para uma educação antirracista”, para efeito de publicação de trabalhos acadêmicos com os resultados da investigação, sem finalidade comercial. Declaro que li e compreendi os esclarecimentos acima, bem como as finalidades e os procedimentos. Os riscos e os benefícios me foram esclarecidos. Entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento. Sei que meu nome não será divulgado e que não receberei qualquer remuneração por participar do estudo.

Belo Horizonte, _____ de _____ de 2022.

(Assinatura)

TERMO DE ANUÊNCIA PARA PESQUISA – SMED



PREFEITURA MUNICIPAL
DE BELO HORIZONTE

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
CENTRO DE APERFEIÇOAMENTO DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO
Diretoria de Educação Inclusiva e Diversidade Étnico-Racial
Gerência das Relações Étnico-Raciais
Equipe Appia: um olhar para a infância
Diretoria de Educação Infantil

BELO HORIZONTE, 05 DE OUTUBRO DE 2021

TERMO DE ANUÊNCIA PARA PESQUISA NA REDE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE BELO HORIZONTE (RME-BH)

A mestranda, , Themis Cristina Lobato de Lima, apresentou à Secretaria Municipal de Educação (Smed) a proposta de Pesquisa intitulada "*Planeta África - Práticas Artísticas para uma Educação Antirracista*" a ser realizada com professores(as)/estudantes que atuam em Escola(s) Municipal(is) de Educação Infantil (Emeis) de Belo Horizonte . Após a análise do Projeto pelo Centro de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação (CAPE) e pela ,Diretoria de Educação Inclusiva e Diversidade Étnico-Racial, Gerência das Relações Étnico-Raciais, Diretoria da Educação Infantil - Equipe Appia: um olhar para a infância, a Smed está ciente e de acordo com a realização desta pesquisa, após aprovação pelo Comitê de Ética ao qual o estudo foi submetido.

Entretanto, ressaltamos a necessidade dos(as) responsáveis pelo projeto fazer(em) contatos prévios com a direção da(s) escola(s) e com os possíveis participantes da pesquisa, apresentar a proposta de metodologia e necessidades do projeto; verificar os(as) profissionais/estudantes e/ou pais/responsáveis que se mostrem interessados(as) e disponíveis para colaborar com o mesmo; respeitar aqueles(as) que optarem por não participar; respeitar a confidencialidade dos dados, de modo a não expor a escola, profissionais, crianças e seus responsáveis.

Assinaturas

Caroline Mendes de Oliveira
Vice-Diretora do Centro de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação

QUESTIONÁRIO

Questionário para pesquisa de mestrado PLANETA ÁFRICA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezado (a) professor (a),

O (A) Sr. (a) está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa “Planeta África - Práticas Artísticas para uma Educação Antirracista”.

O objetivo central do estudo é instaurar e analisar o processo de um projeto de formação continuada fundamentada em práticas de arte-educação antirracista com professores e seus alunos da Escola Municipal de Educação Infantil – EMEI “Carlos Prates.

Contamos com sua participação em três momentos da pesquisa: inicialmente respondendo a um questionário, para conhecer o perfil profissional dos professores participantes, em seguida participando da formação continuada, que consistirá em 1 encontro com duração de 5 horas, dividido em roda de conversa e ateliês artísticos, a serem realizados na própria instituição EMEI Carlos Prates. E finalizaremos com a reprodução da atividade realizada no ateliê aplicado ao ensinamento com os alunos de 4 a 5 anos.

Durante a formação dos professores debateremos a importância de uma educação antirracista na primeira infância, e como utilizar técnicas da cultura de oralidade na sala de aula. Jogos e práticas artísticas inspiradas na tradição africana serão desenvolvidos nesse encontro. Utilizaremos as composições narrativas das histórias contadas pelos griots (djeli) e das pintadas nos tecidos africanos, como adinkra, adire, bogolan e wax . Ao final, construiremos nossa própria exposição com os tecidos produzidos. Todos os custos de transporte e material utilizados serão custeados pela pesquisadora.

Este projeto de arte educação que visa auxiliar você e sua escola a cumprirem a lei 10639/2003 que garante o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

Ajude-nos a construir um recurso educacional que seja útil em suas aulas. Todos os seus dados estarão sob sigilo.

Para mais informações entre em contato com a pesquisadora Themis Cristina Lobato de Lima, pelo e-mail: themislobato@gmail.com ou pelo telefone: (31) 99646-4321

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:

COEP-UFMG - Comissão de Ética em Pesquisa da UFMG
Av. Antônio Carlos, 6627. Unidade Administrativa II - 2º andar - Sala 2005.
Campus Pampulha. Belo Horizonte, MG – Brasil. CEP: 31270-901. E-mail: coep@prpq.ufmg.br. Tel: 34094592.

1. E-mail *

2. 1) Você aceita participar dessa pesquisa? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

3. 2) Nome Completo: *

4. 3) Telefone de contato: *

5. 4) Data de Nascimento: *

Exemplo: 7 de janeiro de 2019

6. 5) Em relação a cor/raça, como você se autodeclara? *

Marcar apenas uma oval.

amarelo

branco

indígena

negro

pardo

outro

7. 6) Qual é o seu gênero? *

Marcar apenas uma oval.

Mulher

Homem

Outro

8. 7) É portador de alguma deficiência? Se sim, qual? *

9. 8) Escolaridade: *

Marcar apenas uma oval.

Fundamental

Médio

Superior

Pós-graduação

10. 9) Qual sua função na EMEI Carlos Prates? *

11. 10) Há quanto tempo trabalha nessa instituição? *

12. 11) Em qual turno você trabalha? *

Essa questão aceita mais de uma opção como resposta

Marque todas que se aplicam.

manhã

tarde

noite

13. 12) Faixa etária dos alunos: *

Essa questão aceita mais de uma opção como resposta

Marque todas que se aplicam.

0 a 1

2 a 3

4 a 5

Não atuo diretamente com alunos

14. 13) Conhece a Lei 10.639/2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira"? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

15. 14) A lei 10639/2003 é aplicada na sua instituição ? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

Não sei

16. 15) Você considera importante trabalhar as questões raciais na Educação Infantil? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

18. 17) Você tem interesse em conhecer mais sobre este assunto? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

19. 18) Consegue relatar alguma situação vivida ou observada que envolva racismo? *

20. 19) Você já presenciou na EMEI práticas desenvolvidas com as crianças que abordava a história e a cultura afro-brasileira? *

Marcar apenas uma oval.

Sim *Pular para a pergunta 21*

não *Pular para a pergunta 22*

Seção sem título

Seção sem título

22. 21) Você já desenvolveu alguma proposta que envolvesse a temática das relações étnico raciais em suas turmas de Educação Infantil? Se sim, descreva-a. *

23. 22) Você já participou ou participa de alguma formação voltada para a temática das Relações Étnico raciais? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

24. 23) Você tem a prática de visitar exposições artísticas, museus e/ou centros culturais na cidade? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

PERMISSÃO AO DIREITO DE USO DAS FOTOGRAFIAS

FW: Africa Online Museum "permission to use the photos on the site"



Afro Project <info@africafestival.org>

09/02/2022 05:15

Para: themislobato@gmail.com

Dear Themis Lobato,

After consultation with our partners, we can now inform you that we can give our permission to use the images.

All the best

Maria Göbel

International Africa Festival ®

Eisenmannstr. 5

D-97074 Würzburg

phone +49-(0)931-30419069

www.africafestival.org <<http://www.africafestival.org>> | www.facebook.com/africa.festival <<http://www.facebook.com/africa.festival>> | www.africaonlinemuseum.org

<<http://www.africaonlinemuseum.org/>>

The 33rd International Africa Festival will take place from May, 26th – 29th 2022.

SÍMBOLOS ADINKRAS



BOA ME NA ME MMOA WO

“ Me ajude e me deixe te ajudar!”

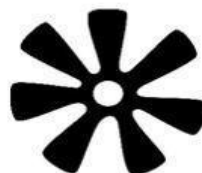
COOPERAÇÃO



SANKOFA

“ Retorne e faça! ”

APRENDA COM O PASSADO



ANANSE NTONTAN

Teia de aranha

SABEDORIA



DENKYEM

“crocodilo”

ADAPTABILIDADE



DUAFE

Pente de madeira

BELEZA



AYA

Samambaia

RESISTÊNCIA